

ALAVOURA

FUNDADA EM 1897

ÓRGÃO OFICIAL DA SOCIEDADE NACIONAL DE AGRICULTURA E DAS
CLASSES RURAIS DO DISTRITO FEDERAL



RIO DE JANEIRO — BRASIL

ANO LXI

Julho-Agosto, 1958

Formicida **Shell** *mata* *a saúva!*



- É econômico e fácil de aplicar
- Não é explosivo ou inflamável
- Dispensa aparelhagem cara
- É muito menos venenoso que outros formicidas
- É estável, não se alterando com facilidade
- Tem efeito residual prolongado
- Pode ser guardado para novas aplicações



SHELL BRAZIL LIMITED

Rio de Janeiro: Praça Pio X, 15-5.º andar — P. Alegre: Rua Uruguay, 155-7.º andar
S. Paulo: Rua Cons. Nêbias, 14-7.º andar — Recife: Rua Imperador, 207-3.º andar



Numerosas são as fazendas no Estado de Ohio que se consagram à cultura dos produtos horti-granjeiros, tendo em vista a constante e crescente procura dos mesmos, por parte dos grandes e pequenos centros industriais e urbanos. A fotografia nos mostra uma dessas fazendas, tecnicamente dirigidas e cultivadas, com irrigação especial e própria, com suas culturas de alface e cebola, para abastecimentos das áreas consumidoras.

Foto do International Press Service, especial para "A Lavoura".

SUMÁRIO

A Economia Agrícola em 1957	
Prof. Arthur Torres Filho	pág. 3
Automatização da Horticultura	" 6
A Classe Rural — Arruda Camara	" 8
A Classe Rural — Arruda Camara	" 14
Mensagem Dirigida aos Pescadores dia 29 de julho	" 16
Associativismo Rural	" 16
Notícias	" 16
O Crédito Agrícola e as Cooperativas de Funções Múltiplas — Fábio Luz Filho	" 19
Problemas do Norte e do Nordeste — Dom José Delgado	" 20
Informações Úteis ao Suinocultor	" 22
Criação de Bovinos após o Desaleitamento — Elvino Alves Ferreira	" 25
Que é necessário para o êxito da enxertia — Eng. Agr. Geraldo Goulart da Silveira	" 28
A Lavoura do Distrito Federal	" 37
Dia do Colono	" 39
Investimento na Agricultura — Ben-hur Raposo	" 40
Uma Dinâmica Associação Rural	" 45
Ecologia da Batata — Adalberto Serra	" 45
Perdeu o Ruralismo Brasileiro um grande líder	" 50
Queijos do Brasil — José Assis Ribeiro	" 57
Sociedade Nacional de Agricultura — Relatório	" 58

SOCIEDADE NACIONAL DE AGRICULTURA

Fundada em 1897

RECONHECIDA DE UTILIDADE PÚBLICA
PELA LEI N.º 3.549, DE 18 DE OUTUBRO DE 1918

Presidente Perpétuo	DR. MIGUEL CALMON DU PIN e ALMEIDA
Presidente Benemérito	DR. WENCESLAU BRAZ PEREIRA GOMES

DIRETORIA GERAL

Presidente	—	ARTHUR TORRES FILHO
1.º Vice-Presidente	—	LUIZ SIMÕES LOPES
2.º Vice-Presidente	—	EDGAR TEIXEIRA LEITE
3.º Vice-Presidente	—	ANTONIO DE ARRUDA CAMARA
1.º Secretário	—	FREDERICO MURTINHO BRAGA
2.º Secretário	—	ADAMASTOR LIMA
3.º Secretário	—	ITAGYBA BARÇANTE
4.º Secretário	—	CINÉAS DE LIMA GUIMARÃES
1.º Tesoureiro	—	KURT REPSOLD
2.º Tesoureiro	—	OTTO FRENSEL
Secretário-Geral	—	LUIZ MARQUES POLIANO

DIRETORIA TÉCNICA

ALBERTO RAVACHE
ALTINO DE AZEVEDO SODRÉ
ANTONIO FRANCISCO MAGARINOS TORRES
BEN-HUR FERREIRA RAPOSO
ENIO LUIZ LEITÃO
GERALDO GOULART DA SILVEIRA
OSMAR LOPES DE REZENDE
JOÃO MAURICIO DE MEDEIROS
JOAQUIM BERTINO DE MORAES CARVALHO
MARIO DE OLIVEIRA

A SOCIEDADE NACIONAL DE AGRICULTURA PARTICIPA EM CARÁTER PERMANENTE DOS SEGUINTE ÓRGÃOS:

Comissão Permanente de Exposições e Feiras (Ministério do Trabalho) — Dr. Alberto Ravache; Suplente, Luiz Marques Poliano; **Comissão Revisora de Tarifas** (Ministério da Fazenda) — Dr. Oswaldo Miguel Frederico Ballarin; **Conselho Consultivo da E. F. Central do Brasil** — Dr. Altino de Azevedo Sodré; **Comissão Permanente de Estradas de Rodagem** — Dr. Raul David de Sanson; **Instituto Brasileiro de Educação e Cultura** (Ministério das Relações Exteriores) — Dr. Luiz Simões Lopes; **Conselho Nacional de Aplicações dos Empréstimos Rurais** (Ministério da Fazenda) — Dr. Luiz Simões Lopes; **Conselho Permanente de Associações Americanas de Comércio e Produção** — Dr. Edgar Teixeira Leite; **Comissão Consultiva de Acordos Comerciais** (Ministério das Relações Exteriores) — Dr. Alberto Ravache; **Comissão de Política Agrária** (Ministério da Agricultura) — Dr. Luiz Simões Lopes. Suplente: Dr. Alberto Ravache.

A LAVOURA

FUNDADA EM 1897

ÓRGÃO OFICIAL DA SOCIEDADE NACIONAL DE AGRICULTURA E DAS CLASSES
RURAIS DO DISTRITO FEDERAL

ANO LXI

JULHO - AGOSTO, 1958

A ECONOMIA AGRÍCOLA EM 1957

Prof. ARTHUR TORRES FILHO

Presidente da Sociedade Nacional de Agricultura

De conformidade com os índices econômicos disponíveis e pela análise da nossa **conjuntura econômica** feita pela Fundação Getúlio Vargas, que é a melhor instituição para os estudos de análise econômico-financeira do país dentro dos dados disponíveis fornecidos pelos órgãos estatísticos existentes, a produção rural apresentou em 1957 um aumento de 13,7% sobre 1956, motivado por uma elevação de 14,3% nas colheitas agrícolas e por um acréscimo na produção animal da ordem de 9,1%, enquanto que a produção extrativa vegetal aumentou apenas de 4,3%.

E' de se assinalar que dos produtos computados pelas estatísticas oficiais, em relação a 1956, aumentaram: café, arrós, feijão, milho, cana-de-açúcar, tomate, cacau, mamona, uva, juta e mandioca; quanto aos que acusaram em 1957 menor produção do que em 1956, estão: batatinha, algodão, trigo, cebola, alfafa, centeio e aveia. Os demais produtos, como banana, laranja, abacaxi, etc., não apresentaram índices dignos de nota. Deve-se destacar, como ponto especial na conjuntura, em relação a 49 culturas agrícolas, que o crescimento foi de apenas 6,3%, em 1957, enquanto que a área cultivada foi estimada em 22.902 mil hectares, contra 22.842 mil, em 1956. Deduz-se que, malgrado ser ainda deficiente a assistência técnica, econômica e social ao nosso homem rural, o **rendimento** por hectare em 1957 foi mais elevado do que em 1956, para a maioria das culturas. E' bem certo que se deve atribuir a melhores condições meteorológicas locais, em 1957, o aumento de volume da produção agro-pecuária de muitas culturas. Convém frizar que, apesar de alguns fatores contrários, verificou-se em 1957 maior aumento na produção agrícola de artigos de alimentação do que na de matérias primas, sendo de 51%, para as primeiras, e de 21%, para as matérias primas, segundo **Conjuntura Econômica**.

Conclue-se que a produção agropecuária brasileira em 1957, em relação a 1956, foi satisfatória, com índices que revelam incremento nas colheitas agrícolas, na produção pecuária e na extrativa vegetal, segundo os dados computados pelo Serviço de Estatística da Produção, do Ministério da Agricultura.

* * *

Nos últimos anos, tem-se verificado grande evolução nas estatísticas — indispensáveis à boa administração — com o emprêgo da nova técnica de levantamentos por **amostragem**. Os processos clássicos de recenseamentos e de estimativas são morosos e de elevado custo, principalmente quando aplicados à economia agrícola para bem julgá-la e apreciar a renda "per capita" do agricultor e, assim, a remuneração que auferir de seu trabalho.

Evidentemente, a exemplo de outros países, teremos de estudar as condições locais e os nossos agrônomos terão que realizar os levantamentos

e estatísticas agrícolas pelo método de amostragem, dentro das condições brasileiras.

* * *

A falta de um sistema adequado de transportes, silos e armazéns das zonas produtoras para os centros de consumo faz com que se verifiquem, por vezes, algumas deficiências no suprimento do mercado interno.

A despeito das providências já tomadas e constantes de programas, e embora o esforço que vem sendo feito, os armazéns e silos existentes, assim como os matadouros e frigoríficos aparelhados, não atendem à necessidade de armazenagem exigida pelo país para produtos agrícolas in natura, como cereais, café, açúcar e os industrializados, estando a exigir das autoridades os melhores cuidados em relação ao consumo interno.

E' certo que, com a criação de institutos e companhias mistas e o programa de metas do Governo, o problema da alimentação, com a conservação dos produtos perecíveis — evitando-se os desperdícios — muito tem melhorado no país.

Com o crescimento demográfico anual que apresenta o Brasil, de 1 milhão e meio de habitantes, e em fase de intensa industrialização, a organização da agricultura, para garantir a alimentação, tem papel fundamental à sobrevivência e prosperidade nacional.

* * *

E' de se esperar que, diante do programa que desenvolvem os poderes públicos com a colaboração das classes rurais através de suas entidades de classe, para o aumento, conservação e circulação da produção agropecuária, o Brasil possa atender satisfatoriamente as necessidades do mercado interno, com excedentes para exportação no ano agrícola 58-59.

Do conhecimento da renda "per capita" do agricultor, em relação às explorações rurais, nas várias regiões do país, dependerá a orientação para que êle alcance remuneração do seu esforço e possa progredir.

* * *

A produção agropecuária brasileira apresentou, em 1957, em relação a 1956, índices de incremento que demonstram, malgrado alguns fatores adversos, o labor incessante do homem rural. A relativa expansão da produção extrativa (borracha, carnaúba, etc.), serve de demonstração da necessidade de diretrizes técnicas e econômicas nesse setor. A expansão da produção cafeeira, numa época de superprodução, gera problemas delicados de ordem técnica e econômica para uma produção de qualidade a baixo custo.

* * *

Conforme registra o "Jornal do Commercio" de 4 de abril último, na seção "Situação Econômica": "Os índices do "quantum" da produção agrícola destinada ao consumo interno e à exportação demonstram que o mesmo elevou-se, no último decênio, de cerca de 46%. Os dados disponíveis para o produto agrícola de 1957 evidenciam que, nesse ano, tanto no setor de culturas destinadas à exportação, como no de suprimento das necessidades do mercado interno, se registrou acentuada recuperação na atividade em aprego".

PARA SUBSTITUIR UMA PEÇA



sòmente outra peça 



A Fôrça International
Move a Terra

Exigindo sempre peças genuínas IH, V. estará assegurando ao seu caminhão, trator ou qualquer outro equipamento IH, o mais perfeito funcionamento e o mais alto rendimento. Sòmente as peças IH legítimas lhe oferecem a garantia de ser, em tudo, iguais às peças originais substituídas. Para a sua maior segurança... exija sempre peças genuínas IH.

A venda no concessionário IH mais próximo ou nas filiais da

INTERNATIONAL HARVESTER MÁQUINAS, S. A.

RIO DE JANEIRO — SÃO PAULO — PÔRTO ALEGRE

AUTOMATIZAÇÃO DA HORTICULTURA

Por MELS VAN DE MEEBERG

Tivemos, recentemente, oportunidade de visitar interessante exposição realizada na região de Westland, perto de Haia, muito conhecida pela prosperidade de sua horticultura e grande número de invernadouros. Essa exposição foi, pode-se dizer, uma espécie de "antologia em metal" dos meios técnicos que facilitam o trabalho do horticultor, na atualidade. Havia muita coisa para se ver, desde as ultramodernas máquinas selecionadoras até instalações de calefação completamente automáticas. Mas, ao mesmo tempo, a exposição dava muito que pensar. Onde está o fim de tantas invenções? — pensamos.

Há pouco mais de dez anos, a agricultura e a horticultura holandesas começaram a ser mecanizadas. Foram importadas milhares de máquinas e outras tantas fabricadas no país. Presentemente, a mecanização é uma coisa lógica, aceita por todos. A máquina economiza a mão-de-obra, que é escassa na Holanda. Mas, depois, chegou a vez da racionalização. Se perguntarmos a um horticultor, holandês ou de outra nacionalização, o que significa, exatamente, racionalização, é quase certo que ele não poderá responder com clareza, mas faz uma idéia do assunto. A racionalização — explicará — significa, mais ou menos, o seguinte: "Se empregarmos mais a cabeça, poder-se-á ganhar mais dinheiro". Por exemplo: O horticultor que compra um belo invernadouro, mas que não cultiva bem a terra está executando um trabalho irracional.

Deixemos, porém, a racionalização de lado e falemos sobre novas idéias, sobre a palavra atualmente em moda: automatização. Realmente, a palavra tem uma significação fascinante para o economista, pois significa a possibilidade de executar todo o trabalho por meio de máquinas, com controle próprio. Assim, por exemplo, nos invernadouros, vão desaparecendo as estufas, para ceder lugar a instalações automáticas de calefação. Quando a

temperatura baixa, um termostato põe, imediatamente, em funcionamento o fogareiro de querosene e, quando o calor se torna excessivo, as chamas se apagam, automaticamente.

Também existem instalações inteiramente automáticas para a renovação do ar e aparelhos para conservar num nível determinado o grau de umidade do ar. Quando a umidade se torna insuficiente, entra em funcionamento um aparelho, destinado a provocar a formação de névoa artificial.

Como é fácil compreender, essa automatização representa grande economia de tempo para o horticultor, que não tem necessidade de estar constantemente atento. Além disso, para as plantas, esse "controle automático", é muito melhor, já que se evita o perigo de que essas ora venham a sofrer por falta de água, ora por excesso de água. Tudo se processa gradativamente, o que redundará em benefício da qualidade do produto. Além disso, futuramente, talvez não haja necessidade de regar a terra: bastará fazer com que a atmosfera do invernadouro tenha umidade suficiente para evitar que se evapore a água do solo. Muitas horas de trabalho por ano poderão, então, ser economizadas.

Por outro lado, embora ainda não tenhamos chegado à época em que os arados podem ser dirigidos pelo rádio, na Holanda já foram feitas experiências com tratores e outras máquinas que, por meio do chamado "perno de direção", podem ser conduzidas automaticamente.

Também no setor da seleção e embalagem dos produtos da horticultura grandes passos têm sido dados no caminho da automatização. Por meio de células foto-elétricas, a fruta pode ser sele-

cionada de acordo com sua qualidade e tamanho e, em seguida, envolvida em papel fino, e embalada em caixas. Recentemente, foram feitas experiências com uma máquina de colher batatas, que as coloca diretamente nos sacos, depois de selecioná-las.

Realmente, já se tem conseguido tanta coisa, no domínio da automatização, que, enquanto alguns encaram o futuro com entusiasmo, outros chegam a encaixá-lo com horror. Entre esses pessimistas, incluem-se muitos escritores, que pintam o homem de amanhã, dirigido por cérebros automáticos e vítima, tarde ou cedo, de um raio mortal, quando tenta empregar o próprio cérebro...

Por nossa parte, acreditamos, pelo que hoje se vê, que a automatização será uma bênção para a humanidade, contando que saibamos empregar devidamente nossas faculdades mentais. Se assim não for, a ociosidade completamente automática que nos reserva o porvir será ainda pior que a servidão do passado.

ENERGIA — ÁGUA — FLORESTA

1 — A civilização atual exige o concurso da energia para vários setores da atividade humana;

2 — Para possuí-la, ainda precisamos dos mananciais;

3 — A fim de que estes sejam preservados necessitamos das florestas que evitam o seu aniquilamento.

CAMPANHA DE EDUCAÇÃO FLORESTAL

"FOSFATO OU ESCÓRIA THOMAS"

ADUBO UNIVERSALMENTE CONHECIDO

Agentes em S. Paulo e Rio :

ARTHUR VIANNA CIA. DE MATERIAIS AGRÍCOLAS

Caixa Postal, 3572

— Endereço Telegráfico: "SALITRE"

— RIO DE JANEIRO

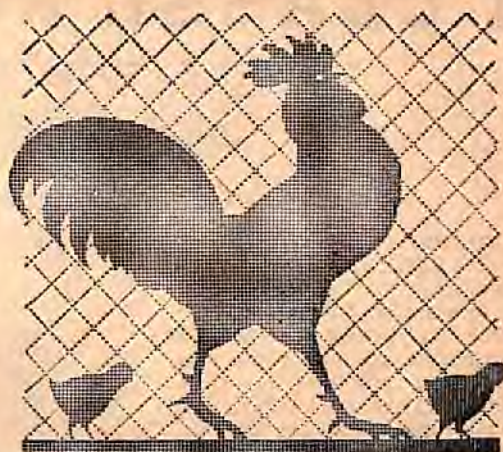
EQUILÍBRIO DE PREÇOS COM A FRIGORIFICAÇÃO DE OVOS PELOS PRODUTORES

A produção de ovos é caracterizada por flutuações sazonais, que se repetem anualmente, com entradas volumosas de ovos no mercado nos meses de agosto a outubro (época de plena produção das poedeiras) e reduzidas nos meses de abril a junho. Enquanto se verificam essas flutuações na produção, motivando variações também nos preços, o consumo se mantém, praticamente, estável. Estas circunstâncias antagônicas (variações sazonais e consumo estável) tornam necessária a armazenagem do produto em grandes quantidades, por um espaço de tempo relativamente longo, até que seja entregue ao consumo.

Nos Estados Unidos, a frigorificação em grande escala possibilitou diminuir o desnível de preços entre a safra e a entre-safra, além de garantir ao consumidor um produto de alta qualidade durante o ano todo. No Brasil, em geral, a frigorificação é feita pelos intermediários, que adquirem os ovos a preços baixos na safra e os revendem a preços elevados, aos consumidores, durante a época de declínio da produção. Nestas condições, para que o consumidor brasileiro também seja beneficiado com um produto de bom valor, a preços justos, tanto na safra como na entre-safra, é necessário que se criem condições para que os produtores, através de cooperativas ou associações, façam a frigorificação.

INDICADA PARA TÔDAS AS DIETAS

Até há pouco, recomendava-se a não inclusão de alimentos gordurosos nas dietas de muitas pessoas, principalmente dos hipertensos ou portadores de vários distúrbios cardíacos, pelo receio do aumento da taxa de colesterol no sangue, além de outros prováveis transtornos. Este receio baseava-se na crença generalizada de uma ação idêntica de todas as gorduras introduzidas no organismo. Atualmente, sabe-se que as matérias gordurosas não agem da mesma forma, dependentes que são da disposição química de suas moléculas. As gorduras dos alimentos, ou mais propriamente os ácidos graxos, são de duas ordens: saturadas e não saturadas. As matérias gordas do leite, manteiga, dos óleos vegetais e animais, são exemplos de ácidos graxos saturados, enquanto certas gorduras, principalmente de origem animal, são matérias graxas não saturadas. Os primeiros são positivamente considerados como capazes de elevar a taxa do colesterol sanguíneo, o que contraindica o emprego dos alimentos que os contêm nas dietas de determinadas pessoas. Já os segundos são incapazes de elevar a taxa de colesterol,



avevita

rações balanceadas e prensadas



Moinho
Fluminense S.A.
Fundado em 1889

Rio: Rua Uruguaiana, 118 - Loja - C. P. 1350 - Tel. 43-3906
S. Paulo: Rua Boa Vista, 314 - 4.º - C. P. 260 - Tel. 33-3164
Belo Horizonte: Av. dos Andradas, 841 - C. P. 143 e 463

podendo, assim, ser ingeridos sem inconveniente mesmo pelas pessoas que sofrem de distúrbios circulatórios.

O esclarecimento destes fatos é de grande importância a fim de evitar impressões errôneas sobre o valor das carnes das diferentes espécies. Enquanto as de algumas podem ser contraindicadas em certas dietas, as das aves não sofrem quaisquer restrições, principalmente com relação ao problema do colesterol sanguíneo. Normalmente, o colesterol é produzido no organismo, mas a introdução frequente de alimentos com ácidos graxos saturados aumenta sua produção, o que não ocorre quando a matéria gorda dos alimentos é constituída de ácidos graxos não saturados. É este, precisamente, o caso das gorduras contidas nas carnes das aves.

PEDEM OS AGRICULTORES A EXPANSÃO DO TRABALHO DE MECANIZAÇÃO RURAL

A expansão das Patrulhas Mecanizadas, do Ministério da Agricultura, vem sendo solicitada, por vários municípios, de maneira crescente. Infelizmente, porém, em virtude da reduzida verba orçamentária disponível para a manutenção desse serviço, a Divisão de Fomento da Produção

Vegetal não tem podido atender, como é de seu desejo, a todos os pedidos que lhe chegam.

As Patrulhas atualmente em atividade firmaram-se como um dos meios mais ativos pelo qual pode o Governo Federal prestar assistência aos lavradores, tendo em vista o aumento da produção agropastoril. Representam inestimável ajuda no trabalho do solo, plantio e colheita, além

do aspecto educacional, pois através delas o agricultor adquire maior segurança no emprego correto das máquinas agrícolas para um rendimento mais expressivo do seu trabalho. Vale ainda acentuar que as Patrulhas Mecanizadas fazem reverter aos cofres públicos parte do capital empregado em sua manutenção, uma vez que, de acordo com a potência do trator, paga o beneficiário uma taxa-hora pelo seu uso.

À CLASSE RURAL

TEMAS E SUGESTÕES

ARRUDA CAMARA

— CXLII —

MANGABEIRA, MANIÇOBA E SERINGUEIRA

A escassez de borracha, consequência do desenvolvimento da indústria de artefatos e dos métodos pouco evoluídos de exploração extrativa, está a exigir a melhoria das condições do trabalho nos centros produtores e que se intensifiquem as plantações das espécies de borracha onde quer que sejam favoráveis o cultivo e a produção.

Não apresenta a seringueira — *Hevea brasiliensis* Muell. Arg., cujo plantio, em boa hora, está sendo incrementado fora da região amazônica, notadamente no Estado da Bahia e no Estado de São Paulo, senão limitadas possibilidades de cultivo (serras e matas) nas zonas de ocorrência da mangabeira e das maniçobas.

A apreciada e útil apocínea mangabeira — *Hancornia speciosa* Muell. Arg. (*Ribeira sorbilis* Arr. Cam.) é planta dos tabuleiros arenosos e secos da zona litorânea e dos gerais e cerrados dos planaltos, chapadas e chapadões. Além do látex, que dá borracha de qualidade inferior, o fruto é comestível, saboroso e presta-se para sorvetes, compotas, xaropes etc. e, pela fermentação, dá vinho, vinagre e álcool.

As maniçobas, denominação comum a diferentes euforbiáceas do gênero *Manihot*, entre as quais sobressaem, como produtoras de borracha, a Maniçoba da Bahia — *Manihot bahiensis* Ule a Maniçoba do Ceará — *Manihot Glazovii* Muel. Arg., a Maniçoba do Piauí — *Manihot piauhyensis* Ule e a Maniçobinha — *Manihot microdendron* Ule, imprópria-mente conhecida por Maniçoba rasteira. A segunda é de maior porte e rendimento, sendo frequente na zona do litoral. A primeira e a terceira apresentam médio desenvolvimento e apreciável produção, sendo típicas, respectivamente, nas campinas e caatingas. Finalmente, a maniçobinha, pequena e graciosa arvoreta, também típica das caatingas, é frequente nos carrascos.



Maniçoba do Piauí — *Manihot piauhyensis* Ule dentro de uma caatinga baixa, densa e seca na chapada. Ilustração extraída do Vol. I o "ESTUDO BOTANICO DO NORDESTE" de Philipp von Luetzelburg.

tingas do Piauí à Bahia e, bem assim, adensando as ocorrências litorâneas e serranas, é medida que se impõe como programa complementar à campanha do plantio da seringueira.

— CXLIII —

RESERVA DA SERRA DO CIPÓ

Aplaudimos com entusiasmo, sem reservas, a criação do Par-

O latex da maniçoba, segundo Leutzelburg, de todas as espécies de *Manihot*, é industrialmente explorado desde 1897.

O adensamento dos mangabais e, sobretudo a formação de maniçobais, enriquecendo as cau-

Contra a formiga...



Nitrosin

LÍQUIDO

Há fortes razões para
que o formicida
NITROSIN líquido
seja o mais famo-
so do Brasil:



resolve!

- a) - Fácil aplicação
- b) - Desnecessário o uso de aparelhos
- c) - Preço acessível
- d) - Extermina realmente formigueiros.

Procure certificar-se se o formicida que es-
tão lhe vendendo é fabricado por:

50 **PRODUTOS QUÍMICOS LAVEX LTDA.** 

NOVO HAMBURGO - Rio Gr. do Sul - Brasil



Imitado, nunca igualado.

PRODUTOS QUÍMICOS LAVEX LTDA.

Filial São Paulo: Rua Casemiro de Abreu, 280 — BRAZ — SÃO PAULO — Telefone 9-67-58 —
End. Electr.: "NITROSIN".

Matriz: NOVO HAMBURGO — Caixa Postal 33 — Telefone 97
— End. Electr.: "LAVEX" — RIO GRANDE DO SUL

que Nacional da Serra do Cipó, proposta e aceita pelo Conselho Florestal.

A região é das mais indicadas. Além da fauna e da flora sobressaem as possibilidades turísticas, dados os recursos paisagísticos que não temos aproveitado convenientemente.

A idéia, velha aspiração de algumas personalidades esclarecidas, deve ser apoiada e defendida pelas associações rurais dos municípios vizinhos e pela Federação das Associações Rurais do Estado de Minas Gerais.

— CXLIII —

RAÇÃO DE MACAMBIRA

Já em 1914-1915, o Cel. Eurázio Câmara, criador paraibano punha em guarda o espírito do estudante de agronomia, que o havia consultado antes de preparar sua primeira palestra no grêmio da Escola de Agricultura de Pinheiro, — palestra em que faria referência ao aproveitamento da macambira na alimentação dos animais e dos homens, sobretudo durante as longas estiagens —, contra a prática de atear fogo nas formações de macambira — *Bromelia laciniosa* Mart. e, também, *Bromelia fastuosa* Lindl., o que considerava injustificável desperdício.

O recomendável seria colher as cabeças, pica-las e distribui-las como ração.

Este era o conselho amigo ao futuro agrônomo, um dos primeiros da família.

— CXLIV —

INVERTER NA AGRICULTURA

O Senador APOLÔNIO SALLES, em sua magnífica plaquete "ISRAEL, JOVEM NAÇÃO MILITAR", escreve e nós transcrevemos para o conhecimento e a meditação da classe rural:

— "Acredita-se, e nisto encontro a diferença marcante da agricultura israelense quando a comparo com a nossa agricultura —, acredita que vale a pena inverter em agricultura, tal como se inverte na indústria, para que as colheitas recompensem. Dir-se-á que no Brasil ninguém duvida que valha a pena aplicar capitais na exploração agrícola. Sim, no Brasil assim doutrinam os técnicos. Mas só os técnicos. Ao contrário, ou porque ainda existem "chances" de lavouras superven-



Mangabeira — *Hancornia speciosa* Muell. Arg. na campina. No tronco as incisões denominadas "caracol" para extração do látex. Ilustração retirada do Vol. I - "ESTUDO BOTÂNICO DO NORDESTE" de Philipp von Luetzelburg

lorizadas ou de glebas de incrível fertilidade, ou porque fiquem indiferentes os melos consumidores, governos, melos culturais e cidadãos, à sorte de quem sobrevive na faina agrícola, a opinião que se generaliza é de que, no Brasil, em se plantando tudo dá, e em dando tudo, na agricultura se vive na abundância das grandes rendas e grandes lucros.

E por isto, claro que com as exceções costumeiras, é mais fácil encontrar aqui fazendas com prédios luxuosos do que com aparelhamento agrícola abundante ou mesmo modesto.

Tenho ouvido, sob o teto de palacetes de milhões de cruzeiros, as costumeiras lamentações contra as estiagens que não seriam de temer se se investissem iguais quantias nas instalações irrigatórias.

Aqui se invertem milhões para a construção de açudes e se dedenha de gastar centenas para a construção dos canais indispensáveis a movimentação útil da água.

Lá se porfia em conquistar a terra dentro das próprias fronteiras, não importam os sacrifícios e as enormes despesas.

Citarei apenas dois projetos, um para a conquista de glebas na aridez do semideserto do Negav, outro para a recuperação do solo do encharcamento na escassa zona úmida do Jordão."

Refletamos e criemos no espírito do nosso homem rural de amanhã a mística da paixão pela gleba.

— CXLV —

CELULOSE E PAPEL DE IMPRENSA

Ha anos admiro o esforço e a pertinência do engenheiro agrônomo José Augusto de Farias pela campanha empreendida ininterrupta, a favor do aproveitamento dos bagaços, dos impréstitáveis e dos resíduos, sobretudo, com a utilização da energia elétrica da cachoeira de Paulo Afonso.

Admiro sua indiferença perante os incrédulos e os pessimistas.

A tecla batida, com insistência, toma forma e o idealista troca as vestes dos visionários pelas do homem de idéias exequíveis, práticas e úteis.

É o prêmio, afinal, esboçado...

A imprensa anuncia o estudo da instalação de fábricas, em Paraíba ou Pernambuco, para a utilização do bagaço de cana, de plantas que crescem na caatinga e no carrascal como aveloz, por exemplo, e dos resíduos de beneficiamento de fibras —, caroá, sisal, etc., inclusive bucha, no preparo da pasta de celulose e do papel de imprensa ou outras aplicações.

— CXLVI —

CRÉDITO EDUCATIVO

De um comunicado do SER relativo a um trabalho publicado no "EL COOPERADOR DOMINICANO" reproduzimos as seguintes diretrizes para orientar as relações sociais das cooperativas de crédito:

1.º — Devem tratar com os solicitantes de crédito em lugar privativo. Ninguém quer que suas necessidades e negócios sejam do domínio público.

2.º — Devem ser corteses e demonstrar que têm interesse em ajudar os solicitantes. É um privilégio poder ajudar aos demais.

3.º — A Cooperativa de crédito existe para ajudar aos associados. Não devem, por isso, dilatar até a outra semana o que podem resolver hoje, pois pode chegar tarde o auxílio. Os clientes dos bancos capitalistas são atendidos imediatamente.

Uma cooperativa de crédito deve fazer o mesmo.

INSTALAÇÕES DE REFRIGERAÇÃO

FRIO



SABROE

MOINHOS E MISTURADORES
PARA FORRAGENS

FÁBRICAS DE GÊLO
FRIGORÍFICOS
MATADOUROS
LATICÍNIOS
ÁGUA GELADA



INSTALAÇÕES PARA
LEITE EM PÓ



TANQUES DE RECEPÇÃO
PASTEURIZADORES LENTOS
MATURADORES PARA CREME
TANQUES ISOTÉRMICOS

CÉRES

PEÇAM ORÇAMENTOS SEM
COMPROMISSO

CÉRES S.A.

INDÚSTRIA E COMÉRCIO DE MÁQUINAS

FÁBRICA:

CIDADE INDUSTRIAL

BELO HORIZONTE

Telefone: 2-1665

Caixa Postal, 897

End. Telegráfico: "CERES"

ESCRITÓRIO CENTRAL

R. Visc. de Inhaúma, 134, gr. 921

RIO DE JANEIRO

Caixa Postal, 756

Telefone: 23-2844

End. Electr.: "INCOMACERES"



4.º — Devem obter todas as informações necessárias para assegurar o reembolso do dinheiro. Devem informar-se sobre a condição econômica e social do associado, sua família, seu trabalho, suas receitas e despesas, e solvências do solicitante, sua honradez e capacidade para fazer bom uso do dinheiro, etc.

5.º — Devem ser capazes de dar conselhos ao solicitante quanto à quantia que solicita de empréstimo, se se considera que o associado está solicitando mais ou solicitando menos do que o que deve solicitar, segundo as razões apresentadas para o empréstimo.

6.º — Se for necessário negar um empréstimo solicitado, devem explicar bem ao impetrante as razões pelas quais é necessária tal medida, e devem tratar de aconselhar e ajudar o associado, para que possa preencher os requisitos que faltarem.

Como se vê, são diretrizes para um crédito educativo e controlado, como conveniente, sobretudo, aos meios rurais.

— CXLVII —

RECUPERAÇÃO DA LAVOURA CAFEEIRA

O nosso cafeicultor, principalmente o empobrecido pelas lavouras deficitárias, precisa ser esclarecido com paciência para compreender a necessidade de dispensar ao cafeeiro o trato requerido para tornar a planta verdadeiramente econômica. Não o importa o número de pés, — o que importa é a lavoura produzir o correspondente ao rendimento do cafeeiro racionalmente podado, convenientemente adubado ou sombreado, mesmo em caráter temporário. Não tendo o cafeicultor "força" para tratar muitos pés trate poucos, mas, defenda seu cafezal da erosão, mantenha a fertilidade da terra em lavoura e, conseqüentemente, a produtividade em elevado, razoável nível.

É preferível produzir pouco e bom que muito e mal, isto é, um produto de inferior qualidade, ruim e caro. A inferior qualidade expõe o produtor ao desgosto de correr o risco do produto de seu trabalho ser condenado como impréstatel.

Que cada Associação Rural contribua para reduzir a quota de sacrifício, criando a mística do bom produto de boa e bem tratada lavoura.

O café é fruto, mas, tratado como fruta poderá produzir pri-



Sombreamento temporário do cafeeiro pelo emprêgo racional da bananeira. Ilustração extraída do Vol. I de 'O CAFÉ NO BRASIL' de Rogério de Camargo e Adalberto de Queiroz Telles Júnior.

môres e enriquecer o produtor e o país.

— CXLVIII —

BUFALO NA AMAZÔNIA

Em fase de relativo desenvolvimento, não tem, entretanto, a criação de búfalo alcançado na região amazônica importância correspondente às condições favoráveis do meio.

Previsaria, sem dúvida, ser mais acentuadamente estimulada, sobretudo, nos lugares expostos ao flagelo das inundações.

O búfalo não sofre, como a maioria dos outros animais domésticos, as conseqüências das enchentes que tantos prejuízos acarretam aos criadores. Resiste aos inconvenientes apresentados pelas terras e campos inundáveis. Vive, procria e se alimenta normalmente, colhendo o alimento submerso.

É o búfalo ótimo produtor de carne e leite, sendo as variedades doces especialmente indicadas para a formação de planteis.

Aos rebanhos de búfalos está reservado brilhante futuro na economia da região, tudo justificando a sua criação em larga escala.

— CXLIX —

CULTURA DA SOJA

Das variedades de soja cultivadas no Brasil são indicadas para as caatingas e agrestes do Nor-

deste as recomendadas para as zonas semi-áridas, — devendo os interessados consultarem antes o Instituto Agrônomo do Nordeste (Recife), Fomento da Produção Vegetal ou Secretarias de Agricultura.

A soja, leguminosa de ciclo vegetativo curto, é planta utilíssima. Verde constitui ótima forragem, podendo ser fenada e ensilada. Antes da frutificação é adubo verde reputado. O feijão, entretanto, é a razão de ser e o objetivo da cultura.

É a soja alimento substancial, nutritivo e saboroso, quer em grãos, quer em farinha. Esta, misturada com a de trigo, proporciona pão misto capaz de, pelo aspecto e bom paladar, confundir-se com o pão integral, de trigo puro. Com o leite preparam "queijo fresco ou fermentado e vários produtos laticínios". O óleo tem múltiplas aplicações.

A composição química da soja revela de 15 a 22% de óleo, de 30 a 45% de proteína e de 25 a 35% de matérias não azotadas. A proteína é representada, em maior proporção, pela caseína.

Pernambuco é o maior produtor nordestino, Rio Grande do Sul, São Paulo e Santa Catarina são os Estados de maior produção.

— CL —

BURITIZAIS

Está o buriti incluído no pequeno grupo de vegetais a que deno-



Vereda de buriti — *Mauritia vinifera* Mart., fotografada pelo Dr. Alvaro A. da Silveira, na Serra do Cabral "MEMÓRIAS COROGRÁFICAS" — Vol.

minaram árvores da vida, notadamente a espécie *Mauritia vinifera* Mart., seguro indicio da presença, até onde a vista alcança, de fontes e nascentes, nas encostas, chapadas, chapadões êrmos e nas serras.

Nos divisores das águas indicam buritis solitários ou em

aglomerações as cabeceiras e a direção das correntes. Ao agrupamento de buritis dão o nome de vereda. As veredas apresentam-se formando belíssimos capões ou, acompanhando as correntes formando pestanas que se desenvolvem em renques de surpreendentes efeitos paisagísticos. In-

dicando depressões úmidas, brejosas, constituindo algumas traçozeiros tremedais cobertos de vegetação relvosa e verde, quebram as veredas a monotonia da paisagem nos cerrados, campos e gerais.

Além de ligeiras construções e de artefatos de uso rural tem o buriti emprego na indústria alimentar, principalmente.

A polpa do mesocarpo, — amarelada, carnosa, suculenta, oleífera, feculenta e adocicada —, é utilizada no preparo de refeições, na extração de óleo comestível, no preparo de bebidas refrescantes e no fabrico de apreciado doce em massa. As amêndoas encerram óleo comestível, transparente, vermelho-sanguineo, também recomendável para dar brilho e amaciar.

Sendo os enormes cachos do buriti equiparados aos depósitos de gêneros alimentícios de primeira necessidade nos anos de crise e a espécie dioica, não se justifica a indiscriminada derrubada nos buritizais para a colheita do palmito, extração da fécula (sagú) e da seiva do espique.

A seiva, adocicada e levemente rósea, é uma delícia consumida fresca como "água de côco". Fermentada transforma-se no afamado "vinho de buriti".

Além do buriti verdadeiro, de cujas utilidades tratamos, ha, entre outros, o buriti bravo — *Mauritia armata* Mart. e o buriti do brejo — *Muritia flexuosa* L., também chamado, na região amazônica, miriti.

BOMBAS "KERBER"

CENTRIFUGAS E HELICOIDAIS

Para irrigação por inundação em culturas de arroz, cana, etc.

Descarga desde 30 litros por segundo até 3.000 litros por segundo

Válvulas de pé de 150 a 500 milímetros

REGISTRO PARA AÇUDES

"KERBER"

De 125 até 500 milímetros de diâmetro

Sede CIRCULAR e QUADRADA

Em ferro ou em bronze

ESCOLHA SEU TIPO E NOS CONSULTE

GEOVIA S. A.

RIO DE JANEIRO

R. Visconde de Inhauma, 134-19.º. Tel. 23-2080

SÃO PAULO

Rua Xavier de Toledo, 316, 8.º. Tel. 35-0960

BELO HORIZONTE

Rua Tamoios, 924. Telefone 2-8248

NOSSA

Capa

O GADO DA HOLANDA:

Há na Holanda quase um milhão e meio de vacas leiteiras com uma produção média de 3.900 litros de leite por vaca por ano a produção mais alta do mundo. O cliché apresenta uma ordenha elétrica feita por intermédio de um "jeep" numa fazenda na província de Frísia, de onde sai o gado mundialmente famoso.

Mensagem dirigida aos pescadores dia 29 de junho translato :

"MENSAGEM AOS PESCADORES DO BRASIL" — DIA DO PESCADOR

A Superintendência da Caixa de Crédito da Pesca, no transcurso do "DIA DO PESCADOR", tem a satisfação de dirigir-se aos valentes e denodados patriotas que dominam as águas de nossa pátria, do extremo sul ao longínquo norte, empenhados em árduo labor, executando tarefa de mais alta significação econômica e social.

Dentre as atividades obreiras, no campo da produção de alimentos, a pesca assume importância transcendental, merecendo do governo o incentivo indispensável à sua organização adequada para que possa, paralelamente às outras atividades do trabalhador brasileiro, fortalecer o desenvolvimento econômico da nossa pátria.

Os intrépidos jangadeiros do nordeste ou o "caieira" do sul, são descendentes de heróis — os pescadores que souberam, com o sacrifício das próprias vidas, bater-se pela unidade territorial brasileira.

Nossos primeiros marujos — autênticos pescadores — em suas primitivas embarcações, com arrojo e bravura, souberam manter a integridade de nossa terra e assegurar a grandeza territorial e política deste imenso país do qual tanto nos orgulhamos hoje.

Nossa história registra o sacrifício extremo de Guairacá ao sustentar lulas sangrentas com o invasor que caçava impiedosamente a sua gente.

Ararigbóia, comandando os índios do Espírito Santo, invadiu o Rio de Janeiro, em frágeis ubás, para desferir a célebre "batalha das canoas" arrancando, do sacrifício de seus irmãos, tão bela vitória.

São feitos gloriosos de índios pescadores.

Hoje, quando se projeta dar nova configuração ao litoral brasileiro, oferecendo-se soluções adequadas aos vários problemas que afligem as populações da orla marítima, a Superintendência da Caixa de Crédito da Pesca manifesta a sua mais sincera admiração e apreço a essa nobre gente que, anonimamente, milita em tão espinhoso mistério para garantir, com o seu suor, a produção de alimentos para o abastecimento de todos nós, seus patriotas.

Reconhecendo a importância do pescado como alimento essencial para as populações, admite esta Superintendência a inexecutabilidade de qualquer programa que não seja o de aparelhar o homem, de forma adequada para que produza em abundância. Assim é que elaborou "O PLANO NACIONAL DA PESCA", merecendo a aprovação do Exmo. Sr. Ministro da Agricultura, Dr. Mário Meneghetti.

Inadiável é a organização da pesca — atividade ainda dispersa — e o fortalecimento das entidades e órgãos deste setor (colônias e cooperativas) ajustando-se pescadores, armadores e industriais de pescado à nova fase administrativa da Caixa de Crédito da Pesca, em procura de um objetivo comum — o enriquecimento de todos e a grandeza da Pátria.

O preparativo sistemático de um programa assistencial, previsto no "PLANO NACIONAL DA PESCA" deve contar com o apoio e a colaboração dos pescadores a fim de que os resultados não se façam esperar.

Somente com o apoio e o entusiasmo dos pescadores, armadores e industriais veremos atingido o objetivo colimado, isto é, equipar modernamente a nossa atividade extrativa e instruir tecnicamente o homem a fim de modificarmos as condições de penúria econômico-social ainda observadas em grande parte do nosso litoral.

Unâmo-nos fraternalmente e marchemos para a recuperação e o fortalecimento da nossa querida pátria.

Com esta mensagem, no dia que lhes é consagrado, envio a nossa saudação amiga, meus caros pescadores patriotas.

Agostinho Rodrigues Filho — Superintendente.

Eis a íntegra do "PLANO NACIONAL DA PESCA", a que se refere a Mensagem dirigida aos Pescadores:

PLANO NACIONAL DE PESCA

Dentre as providências indicadas para incrementar a pesca, no país, destacam-se as seguintes:

- 1º — **ISENÇÃO DO IMPOSTO ÚNICO, PELA FORMA JÁ APRESENTADA PELA D. C. P. NO CONSELHO COORDENADOR DO ABASTECIMENTO.** Com essa providência, que constitui uma valiosa ajuda aos pescadores, os combustíveis, de que eles tanto necessitam, ficarão reduzidos de cerca de 50% do seu valor.
- 2º — **APROVAÇÃO DAS ALTERAÇÕES DO DECRETO-LEI Nº 9.022, DE 26 DE FEVEREIRO DE 1946, DE CONFORMIDADE COM AS SUGESTÕES E PROJETOS APRESENTADOS PELA D. C. P. NO CONSELHO COORDENADOR DO ABASTECIMENTO.** Com a reforma do citado Decreto-Lei, os empréstimos poderão ser feitos até 80% da avaliação, ficando reduzido para um ano o interesse, que, no momento, é de três anos. Dessa forma, o pescador encontrará mais facilidade de resolver os seus problemas. Ficará, também, facultado à Caixa, importar e adquirir, no País barcos, motores e material de pesca, para revenda aos pescadores.
- 3º — **REFORMA DAS INSTALAÇÕES FRIGORÍFICAS E CONCLUSÃO DE OBRAS DOS ENTREPOSTOS DE PESCA.** A maioria dos Entrepostos de Pesca, no País, funciona improdutivamente, devido à sua maquinaria obsoleta e ao estado de conservação precaríssima em que se encontra. Assim, pois, necessitam reforma e conclusão de obras os seguintes Entrepostos:
 - 1) — **ENTREPOSTO FEDERAL DE PESCA DA CIDADE DO RIO DE JANEIRO:**

- a) reforma de suas dependências, construídas há mais de dez (10) anos;
- b) revisão de máquinas;
- c) construção de câmaras para congelamento e conservação do pescado.

II) — ENTREPOSTO DE PESCA DE ANGRA DOS REIS — ESTADO DO RIO DE JANEIRO:

- a) substituição de fôrmas de gelo;
- b) construção de um "pier", para facilitar a atracação dos barcos de pesca;
- c) revisão das máquinas;
- d) reforma e melhoria das instalações.

III) — ENTREPOSTO DE PESCA DE FLORIANÓPOLIS — SANTA CATARINA:

- a) conclusão imediata das obras, a fim de evitar a perda dos materiais ali depositados. O edifício, em Coqueiros, é obra sólida, devendo apenas ser reformado para receber as instalações frigoríficas e fábrica de gelo. Precisa, também, ser construído um "pier" para atracação de barcos de pesca. Funcionará como Entrepósito intermediário, além de atender a frota de pesca local. Essa obra importará em Cr\$ 25.000.000,00 (vinte e cinco milhões de cruzeiros), completando a rede frigorífica do sul do país. O edifício e o terreno valem, atualmente, Cr\$ 15.000.000,00 (quinze milhões de cruzeiros).

IV) — ENTREPOSTO DE PESCA DE PARANAGUA — ESTADO DO PARANÁ:

- a) início das reformas, utilizando-se a verba consignada no Orçamento da C. C. P. para 1958, cuja conclusão não exercerá de cem dias.

V) — ENTREPOSTO DE PESCA DE PORTO ALEGRE — RIO GRANDE DO SUL:

- a) necessidade urgente de início das obras, programando-se sua conclusão até setembro do corrente ano, determinando-se que os serviços fiquem sob a responsabilidade da Divisão de Obras e C. C. P.

4º — CONCESSÃO DE UM CRÉDITO ESPECIAL, NA BASE DE Cr\$ 100.000.000,00 (cem milhões de cruzeiros) PARA ATENDER A EXECUÇÃO DESTE PLANO.

Com esse recurso, a Caixa ficará habilitada a adquirir, no exterior, embarcações, motores e material de pesca, para revenda aos pescadores, por preços acessíveis, e conceder empréstimos e financiamentos especiais, aos pequenos pescadores, que são os mais necessitados da ajuda do poder central.

5º — INSTALAÇÃO DE SALGAS — MODELO PARA APERFEIÇOAMENTO DOS MÉTODOS DE INDUSTRIALIZAÇÃO DO PESCADOR, FICANDO A CAIXA RESPONSÁVEL PELO SEU FUNCIONAMENTO, OU CONTRATAÇÃO COM TERCEIROS.

6º — EXPLORAÇÃO DAS INSTALAÇÕES FRIGORÍFICAS DOS ENTREPOSTOS E POSTOS DE RECEPÇÃO DE PESCADOR.

7º — ORGANIZAÇÃO DE TURMAS ESPECIALIZADAS, PARA CONTROLE DO FUNCIONAMENTO DOS ENTREPOSTOS E POSTOS DE RECEPÇÃO DE PESCADOR.

Esta é uma das medidas mais indicadas, de vez que esses serviços vêm funcionando sem contar com pessoal especializado. Sabemos, de antemão, que as despesas aumentarão consideravelmente, mas em benefício da administração, do pescado e em defesa do patrimônio da própria Caixa.

8º — ARRECADAÇÃO DA TAXA DE 3%, NAS COLÔNIAS DE PESCADORES, MEDIANTE PLANOS, PARA APLICAÇÃO COM APROVAÇÃO DO C. A. ATÉ 80%, DO TOTAL DAS ARRECADAÇÕES EM BENEFÍCIO DO DESENVOLVIMENTO DA PESCA LOCAL.

9º — ORGANIZAÇÃO DE UMA TURMA DE INSPETORES ITINERANTES, PARA CONTROLE DAS DEPENDÊNCIAS, NOS ESTADOS.

10º — INSTALAÇÃO DE UMA SEÇÃO PARA O APROVEITAMENTO DE RESÍDUOS DE PESCADOR, NOS ENTREPOSTOS E POSTOS DE RECEPÇÃO DO PESCADOR PARA A FABRICAÇÃO DE ÓLEO INDUSTRIAL, ADUBOS E FARINHA DE PEIXE.

11º — INSTALAÇÃO DE SERVIÇO DE SUBSISTÊNCIA E DE VENDA DE UTILIDADES AOS PESCADORES, NA MATRIZ E NAS DEPENDÊNCIAS, NOS ESTADOS.

12º — REFORMA DO SERVIÇO DE RÁDIO-TELEFONIA, DE FORMA A TORNÁ-LO ÚTIL AO PESCADOR E À PRÓPRIA CAIXA.

13º — REORGANIZAÇÃO DOS SERVIÇOS DA CAIXA, A FIM DE DAREM MAIOR PRODUÇÃO E RENDIMENTO, COM DEFINIÇÃO DE RESPONSABILIDADE, DE ACORDO COM O RELATÓRIO APRESENTADO PELA COMISSÃO DE-

SIGNADA PELA PORTARIA MINISTERIAL Nº 390, DE 10 DE ABRIL DE 1956.

14º — AMPLIAÇÃO DO QUADRO DE PESSOAL DA CAIXA COM A FINALIDADE DE ATENDER AS SUAS NECESSIDADES E DESENVOLVIMENTO, BEM COMO ESTIMULAR AQUELES QUE, NO MOMENTO, O COMPÕEM.

15º — REEQUIPAMENTO DA FROTA NACIONAL DE PESCA.

Operam no Brasil 104.939 embarcações de pesca. Entretanto, apenas 1.400 possuem propulsão mecânica.

Além disso a maioria desses barcos necessitam substituir os seus motores. Daí, também, a conveniência de serem importados, ao câmbio oficial, motores de centro e pôpa, cabos de aço especial para pesca e outros para modificar esse panorama, prejudicial aos interesses nacionais.

16º — PESCA NO RIO SÃO FRANCISCO.

O Plano Nacional de Pesca, prevê a expansão das atividades pesqueiras no Rio São Francisco, celeiro de alimento que abastece o Estado de Minas Gerais e a futura capital da República. É urgente a

instalação de serviços da Caixa de Crédito da Pesca, no Rio São Francisco, mediante estudos que esta C. C. P. vem empreendendo, considerando as necessidades do Estado de Minas Gerais e da futura capital da República.

A situação dos pescadores brasileiros pode ser fixada nos seguintes números:

PRODUÇÃO EM 1955: 230.232.339 quilos de pescado, no valor de Cr\$ 2.868.099.005,00, mediante operações realizadas em nossas águas territoriais, por 230 mil pescadores, que representam um milhão de brasileiros.

O Plano Nacional de Pesca, a que se refere este trabalho além de reabilitar socialmente o pescador, poderá conferir maior rendimento de suas árduas tarefas, triplicando sua produção, que alcançará a cifra de seis bilhões de cruzeiros, no prazo mínimo de três anos.

Essas providências manifestarão seus reflexos na industrialização, com caráter eminentemente produtivo, em todos os seus aspectos, graças à mecanização do nosso sistema de pesca.

A triangulação do aproveitamento do pescado, compreendendo o peixe "in-natura" e os sub-produtos para a avicultura e a pecuária, contribui para a estabilização dos preços, além de fornecer produtos para a indústria farmacêutica, óleos, graxas, etc. (ass.) Agostinho Rodrigues Filho — Superintendente."

ASSOCIATIVISMO RURAL

Associação dos Criadores de Gado Holandês do Rio G. do Sul

Foi eleita e empossada a seguinte diretoria:

Presidente — Dr. Roberto C. Flech

1.º Vice-Presidente — Kurt Weissheimer

2.º Vice-Presidente — Vicente S. Donazar

3.º Vice-Presidente — Augusto Oliveira

1.º Secretário — Dr. Afonso Mibieli

2.º Secretário — Firmo Krebs

1.º Tesoureiro — Henrique Orlandi

2.º Tesoureiro — Dr. Emílio Faria.

Novos Presidente de Associações Rurais

Foram eleitos e empossados os seguintes presidentes de Associações Rurais:

a — Alcebiades Guarita Cartaxo, presidente da Associação Rural de Lavras;

b — Clovis Jatobá de Castro Lima, presidente da Associação Rural de João Alfredo.

Sociedade Avícola do Rio G. do Sul

Foi eleita e empossada a seguinte diretoria para o período 1958/1959:

Presidente — Dr. João Feliciano Xavier

Secretário — Genes Prestes de Paiva

Tesoureiro — Alvaro Chalar Romeu.

mento de um "Censo Agropecuário Mundial. Cada país realizará o seu Censo, e a Organização das Nações Unidas para a Agricultura e o Alimentação (FAO), publicará os resultados, conjuntamente com tabulações internacionais que permitirão comparar a estrutura agropecuária de todos.

Tabela Internacional de Composição Química dos Alimentos para Animais

Acaba de sair uma edição inteiramente revista e aumentada, em cinco línguas (francês, inglês, espanhol, italiano e alemão) do referido livro.

A Polônia e a Agricultura Europeia

Pela primeira vez a República Popular Polaca participou, com 21 países europeus, membros da Organização das Nações Unidas para a Agricultura e a Alimentação, nos trabalhos da 10.ª Reunião da Comissão Europeia de Agricultura.

NOTÍCIAS

Censo Agropecuário de 1960

Em 1960, cerca de 150 países cooperarão no levanta-



Jeep[®] WILLYS

TRAÇÃO NAS 4 RODAS

a serviço da lavoura
e pecuária

PAGA-SE POR SI MESMO - Proporcionando transporte rápido e seguro, reboque, força móvel e prestando muitos outros serviços, o Jeep-Willys substitui veículos de maior preço, graças à sua incomparável versatilidade.

p. a. nascimento-ecar



O PEÃO PARA TODO SERVIÇO - Nenhum veículo é tão prático e útil na fazenda, para o transporte de pessoas e carga. Ele vai a qualquer lugar, puxa carrêtas, aciona motores, opera implementos. É o braço direito do fazendeiro e do criador.

PASSA ONDE OUTROS FICAM - Em boas e más estradas e onde não há estradas, o Jeep-Willys segue em frente, haja sol, chuva, lama, barro ou areião. É um veículo em que V. pode confiar, para as mais rudes tarefas.



PARA PRONTA ENTREGA NOS CONCESSIONÁRIOS DE TODO O PAÍS



WILLYS-OVERLAND DO BRASIL S.A.

Somente Willys fabrica o veículo autorizado a usar a marca Jeep[®] "Se não é Willys, não é Jeep"
Fábrica: São Bernardo do Campo - Estado de São Paulo • Distribuidores em todo o país.

MAIS LEITE EM PÓ PARA O BRASIL

INAUGURADA A NOVA FÁBRICA NESTLÉ EM TRÊS CORAÇÕES

A Companhia Industrial e Comercial Brasileira de Produtos Alimentares (Produtos Nestlé) acaba de inaugurar em Três Corações, no sul de Minas, a sua mais moderna fábrica de leite em pó. A linha Nestlé compreende produtos já bastante conhecidos da classe médica brasileira, especialmente pediatras, que têm contribuído valiosamente para a queda do índice de mortalidade infantil em todo país, entre os quais se destacam o leite condensado e o leite em pó Ninho.

A solenidade inaugural foi presidida pelo Ministro da Educação, o professor Clóvis Salgado, representando o Presidente da República, e pelo governador do Estado de Minas Gerais, dr. José Francisco Bias Fortes, e contou com a presença de dezenas de prefeitos das cidades vizinhas a Três Corações, além de autoridades militares, civis e eclesiásticas.

Estiveram presentes também centenas de fazendeiros da região, grande massa popular e pediatras famosos do Rio, São Paulo e Minas, especialmente convidados, juntamente com jornalistas dos principais órgãos da imprensa do país.

Abrindo a solenidade inaugural falou o dr. Oswaldo Ballarin, diretor geral da Companhia no Brasil, que traçou um quadro das atividades da Nestlé em nosso país, mostrando, ao mesmo tempo, a grande contribuição que vem prestando ao desenvolvimento de pecuária em particular o do país em geral. Disse o orador que, por intermédio da Companhia Nestlé, afluem às zonas rurais mais de 100 milhões de cruzeiros mensalmente. Ao lado desse aspecto econômico, merece realce o aspecto técnico. Disse o orador que há vinte anos vem mantendo a Nestlé um serviço especializado que se chama Assistência Nestlé, aos Produtores de Leite, formado por uma equipe numerosa de veterinários, agrônomos e outros técnicos. Têm eles a incumbência de visitar fazen-

deiros, dando-lhes conselhos quanto ao preparo dos pastos e distribuindo mudas de gramíneas; dando orientação adequada para a escolha e trato dos animais e contri-

que falou em nome do prefeito de Três Corações, dr. Américo Pereira, o governador Bias Fortes e por último o professor Clóvis Salgado que ao encerrar deu por inaugurada a nova fábrica.

Esta unidade fabril da Companhia de Produtos Nestlé, é a 5.^a fábrica a se instalar no Brasil, com maquinaria moderníssima e altamente automática, de modo que, em



O Ministro da Educação, professor Clóvis Salgado, quando fazia a sua oração, vendo-se sentado o Dr. Oswaldo Ballarin, diretor Geral da Cia. no Brasil

buindo para a melhoria destes, com o oferecimento e aplicação de vacinas.

Ocuparam a tribuna, sucessivamente, os seguintes oradores: dr. Celso Brand,

pequeno espaço ou numa área coberta, menor que a das outras fábricas do gênero, se obtém um elevado índice de produção.

(Continua na pág. 53)

O CRÉDITO AGRÍCOLA E AS COOPERATIVAS DE FUNÇÕES MÚLTIPLAS

Por FÁBIO LUZ FILHO

Continuo a afirmar que, conforme Campbell, a cooperativa de crédito, apesar de suas inegáveis virtudes, nem sempre, em países subdesenvolvidos, constitui um estágio completo. As próprias cooperativas centrais, com funções múltiplas, são mais adaptáveis às regiões de atividades extrativas.

As caixas rurais são, como assinalo em livros, cooperativas sem capital e de responsabilidade ilimitada, e na América do Sul só têm tido êxito nas zonas sulinas de colonização germânica, do Brasil, prósperas zonas de pequena prosperidade, sem nunca se terem tornado, como em numerosos países europeus, foco de irradiação de outras formas. Na Argentina não existem, de vez que a responsabilidade ilimitada é proibida por lei e as cooperativas mistas predominam. Nos demais países sul-americanos elas praticamente não existem, estando sendo preferidas no Chile as cooperativas do tipo das Uniãos de Crédito canadenses e norte-americanas (com capitalização crescente). É uma questão de meio de formação.

Já tive oportunidade de me referir a Horace Belshaw, professor de economia da Universidade de Vitória, na Nova Zelândia, o qual frisa que, em países como a Índia e a Nova Zelândia as cooperativas de objetivos múltiplos são incentivadas como ótimos agentes do desenvolvimento rural, relacionadas que estão com o problema do crédito agrícola cooperativo, e concebidas para substituir as de crédito ou para com as mesmas se fundirem. É substancial trabalho apresentado em 1952, na Universidade da Califórnia, à Conferência Internacional sobre crédito agrícola e cooperativo.

A respeito dessa apresentação, há duas correntes, diz ele: uma que apóia e outra que impugna, louvada no argumento de que são preferíveis as cooperativas de um só objetivo ou de uma função limitada.

Eis os argumentos favoráveis (que têm aplicação ao Brasil):

1 — O sucesso de um tipo de cooperativas pode ser limitado; as cooperativas podem fracassar

pelo fato de seus benefícios diminuir pela fraqueza de outros gêneros de atividade. Por exemplo: o agricultor pouco experimentado pode dirigir-se aos prestamistas e comerciantes para suas despesas de consumo; pode contrair pesadas dívidas e provocar, assim, o fracasso de uma Cooperativa de Crédito.

2 — O problema do desenvolvimento ou melhoria rural, é complexo e pede que seja examinado de vários ângulos.

3 — Todos os homens do campo se interessam pelo melhoramento rural e todos têm as mesmas necessidades.

4 — Uma organização mais ampla reduz as despesas de administração e reforça os interesses nela investidos.

5 — Nos campos, o número de gerentes e pessoas qualificadas para a direção dos negócios é limitado (o caso do Brasil).

“Logo, a solução ideal será estabelecer uma só cooperativa que envolva todos os interesses que estiverem ao seu alcance”.

Assim também pensam Campbell e Strickland com sua experiência dos países subdesenvolvidos.

Eis os argumentos contrários:

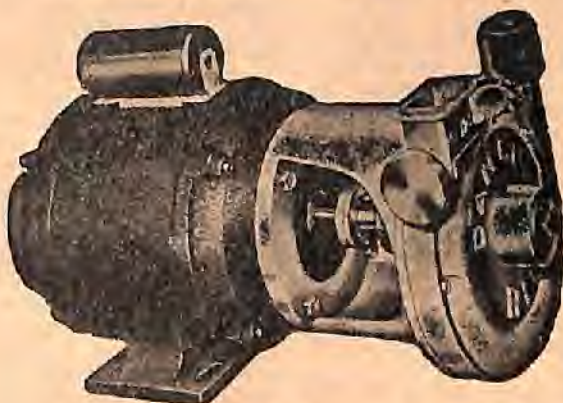
1 — O sucesso de uma Cooperativa depende de um objetivo comum entre os associados. A melhoria que desejam todos os habitantes é de interesse vasto demais e demasiado complexo para estimular uma ajuda mútua;

2 — As zonas de interesse e de eficácia diferem por várias razões. Por exemplo: uma coo-

BOMBAS HIDRAULICAS

DANCOR

INDÚSTRIA BRASILEIRA



Inoxidáveis — Garantidas
CENTRÍFUGAS

- Com motores elétricos monofásicos de 1/4 a 1 H.P. trifásicos de 0,75 a 5 H.P.
- Com motores a gasolina alta pressão de 1. 1/2 a 5. 1/2 H.P. auto-aspirante de 1. 1/4 H.P.

A VENDA NAS BOAS CASAS

Fabricadas e garantidas pela

MECÂNICA INDUSTRIAL DANCOR LTDA.

Caixa Postal, 5.090 - End. Teleg. "Dancor" - Rio de Janeiro

perativa de crédito deve ser limitada para assegurar um controle eficaz; mas, o sistema de venda deve cobrir uma zona tão larga quanto possível (ponto importante).

3 — O grau de complexidade é diferente segundo as atividades, e o fracasso de uma delas pode enfraquecer ou destruir o sucesso de outras e seu insucesso pode repercutir sobre outros aspectos de cooperativismo;

4 — existem, muitas vezes conflitos de interesses (outro argumento, frisamos, do velho e experimentado Niccoli). Assim, uma cooperativa de consumo deseja estimular a venda, enquanto que a de crédito quer estimular a economia e evitar as dívidas excessivas. O ponto de vista do consumidor é o de insistir sobre a compra e obter créditos, em detrimento da cooperativa de crédito.

5 — a administração de uma cooperativa de funções múltiplas é inutilmente complicada e é preferível estabelecer serviços afetos a várias cooperativas de que uma direção centralizada para uma empresa tão complexa (nem sempre aplicável ao Brasil).

Belshaw afirma, com razão, que não são considerações teóricas que nos dão a solução do problema. Temos, no Brasil, exemplos pró e contra, sendo que no Sul e Centro, até mesmo em cooperativas de laticínios, as funções múltiplas têm sido um fator de progresso e estabilidade, dando um regime de auto-suficiência em matéria de crédito limitado e controlado.

Vimos, no Rio Grande do Sul, uma cooperativa vitivinícola que exerce uma ação meritória no setor do consumo, até mesmo para a parte pobre da população local. São aspectos que, como o frisou Belshaw, não podem ser abarcados por considerações teóricas: E este mesmo ilustra técnico dá sua opinião, que assim resumimos:

1.º — Há certos países que têm necessidade mais urgente de uma associação de funções.

2.º — Certos gêneros de atividade não se podem combinar em uma só Cooperativa em virtude das divergências de interesses; por exemplo, a cooperativa de crédito e a de consumo.

3.º — É preferível que as funções cresçam à medida que necessidades novas se façam sentir. E a F. A. O., em "El ahorro, el crédito y la comercialización en los países menos desarrollados

económicamente" (1954), acentua que parece evidente que o crédito e a comercialização, juntamente com o fornecimento de instrumentos agrícolas e, possivelmente artigos de uso doméstico, devem estar inteiramente unidos nas organizações cooperativas das zonas rurais. "El crédito solo no es bastante. Sin el edilitamento del chorro y de la mobilización de economías, resulta como substituir um tipo de préstamos por otro. En una sociedad de cré-

dito o comercialización puede combinar con su finalidad principal el suministro de material agrícola... Ce ha sugerido, com la combinación más adecuada, la sociedad de finalidad múltipla". Este tipo é o predominante, como vimos, na Argentina e vai tendo a preferência no Brasil, com a organização de cooperativas agrícolas mistas; E as caixas rurais Raiffeisen na Europa também cuidam do setor da comercialização.

PROBLEMAS DO NORTE E DO NORDESTE

DOM JOSÉ DELGADO

Arcebispo do Maranhão.

Vivendo-os como sacerdote estudo-os incessantemente como homem e brasileiro, deixando-me enternecer pelos que sofrem sem lhes ver a solução plena. Só de plenitude é possível viver. Toda parcialidade envolve veneno e conduz à morte. Quem alimenta a inteligência e esquece o estômago, termina por criar anarquistas. Quem enriquece os pobres sem lhes formar a inteligência e o coração precipita os povos na barbárie.

Eis porque meus modestos esforços, no pósto em que a Santa Igreja me colocou desde 1952, há seis anos, têm sido encaminhados, dentro do mais humilde e constante sentido humano e comunitário da existência, a unir o Norte e o Nordeste no Maranhão para um Brasil maior e mais digno.

Não é a ocasião de dizer o que tenho feito neste particular. Também não vem ao caso enaltecer quem vem auxiliando a fazê-lo, tanto no plano federal, quanto na órbita do estado. Enalteço particularmente, entretanto, a cooperação dos Ministérios da Agricultura e da Educação.

Uma das coisas que mais me impressionam no momento é a necessidade de líderes bem formados em cada meio urbano e rural. Em tratando dos problemas do Nordeste do Norte, percebo hoje muito bem que é a falta desses condutores a razão profunda do êxodo. Se fôsse a falta de terra e de água a razão máxima do êxodo nordestino, não teríamos êxodo no Norte. Faltam outras condições para a fixação do homem à terra, mesmo quando esta é prodigiosamente rica do líquido fecundante. Ainda que aproximemos os homens entre si com ótimas estradas e excelentes

meios de transporte, urge educá-los para a vida rural muito mais do que para a urbana, como é indispensável garantir-lhes a presença de líderes naturais capazes de dinamizar-lhes as forças, fazendo-os capazes de imprimir ao campo um desenvolvimento igual ou superior ao que encontram os habitantes da cidade.

Cada unidade da federação, máxime as mais dotadas em riquezas naturais e humanas, entre estas o Maranhão, clama por providências que a coloque em situação de poder responder às exigências do seu progresso e aos anseios com que ela deseja cooperar para o engrandecimento do país.

É com este pensamento que me estou batendo tenazmente pela criação da Universidade Católica de São Luís, depois que a Igreja deu ao Estado as Faculdades de Enfermagem, Serviço Social, Filosofia e Ciências Médicas.

Porque não era fácil fazê-lo com puros auxílios federais, nem bastam para tanto os recursos locais foi que resolvi com prévia autorização do Exmo. Sr. Presidente Juscelino Kubitschek, apelar para todos os irmãos brasileiros através da Tómbola Universidade.

Minha voz, porém, ainda que enriquecida pela dos maranhenses que se espalham em todo o território nacional, contando, somente no Rio, algumas dezenas de milhares, não fôra a colaboração das três forças: Imprensa, Rádio e Televisão.

Essa a razão de meus encontros com os homens de divulgação, aos quais entreguel, confiante, a sorte de uma generosa idéia, com os olhos na grandeza de nossa Pátria comum.

CURSOS RÁPIDOS DE AVICULTURA

Dando cumprimento ao programa de fomento avícola nas regiões produtoras do país, o Projeto ETA-42, além de instalar um Posto de Demonstração Avícola em Carazinho, no Rio Grande do Sul, organizou um Curso Rápido de Avicultura, em Porto Alegre, que funcionará durante este mês, com a assistência dos técnicos daquele projeto e da Comissão Nacional de Avicultura. Neste curso, serão ministradas aulas sobre criação de pintos, manejo de frangos, nutrição das aves e patologia avícola, respectivamente a cargo dos Srs. Frank Moore, Haroldo Vasconcelos, David Mellor e Dra. Maria Ângela Magalhães. Cursos semelhantes deverão ser repetidos em outros pontos do país, onde forem instalados Postos de Demonstrações ou Unidades Avícolas.

AVES ESPECIAIS PARA CONSUMO

Nem todas as aves dão carnes saborosas. A técnica moderna de criação e seleção "fábrica" as raças especiais, de carnes mais tenras e apetitosas. Daí o formidável aumento de consumo de carnes de aves nos Estados Unidos, só possibilitado depois que os galinhamos comuns foram substituídos pelas raças especializadas, como a New Hampshire, e a formação de plantéis para a produção de metilhos industriais. O consumo de carne de aves, naquele país, é cerca de dez vezes superior ao do Brasil. O americano consome cerca de 13 quilos, por ano.

* * *

Na cozinha, as carnes de aves crioulas requerem maior "tratamento", demoram mais para cozinhar, e, depois de preparadas, por serem muito fibrosas, não são tão gostosas como as de frangos de raças especializadas. Estas cozinham mais rapidamente,

facilitando o trabalho culinário e não exigem muito "tratamento", pois são saborosas pela delicadeza de suas fibras e excelente distribuição das gorduras.

calorias de 116, a carne de galinha tem 21,30% de proteínas, 7,10% de gorduras, 0,002 g de cálcio, 0,200 e 1,90 g de ferro, com um valor de 149 para as calorias.

a marca de confiança



da agropecuária.

Produtos para: Aves

BACIPENIL — Concentrado antibiótico. Estimula postura e o crescimento.

COCCIDIOL — Previne e cura a coccidiose.

MISTURAS MINERAIS — Com 13 minerais traços.

MISTURAS VITAMÍNICAS — Vitaminas e antibióticos.

VACINA EPITELIOMA — Em embrião de pinto.

VERMÍFUGO — À base de piperazina; não interfere com a postura.

PENTASULFA — Circo sulfas solúveis em água.

E MUITOS OUTROS PRODUTOS PARA TERAPÊUTICA E HIGIENE DAS GRANJAS.
CONSULTEM-NOS!

"não fique em dúvida; consulte um médico-veterinário!"

LABORATÓRIO VITACAMPO S. A.
AVENIDA PRESIDENTE VARGAS, 534-2º - RIO DE JANEIRO, D. F.

BOA PARA TODA A FAMÍLIA

É um erro generalizado julgar que as carnes de aves sejam próprias apenas para doentes. O seu valor nutritivo, especialmente as de galinhas, é equivalente senão superiores ao das carnes de bovinos. Enquanto estas (análises de 100 gramas de carne magra) apresentam 21% de proteínas, 3% de gorduras, 0,012 de cálcio, 0,224 de fósforo e 3,20 g de ferro, tendo um teor de

O consumo anual, por pessoa, é ainda muito reduzido no Brasil, bastando para demonstrar esse fato o consumo no Distrito Federal, que é de aproximadamente 1 quilo, isto se deve, naturalmente, ao conceito generalizado de que a carne de galinha é mais indicada para pessoas idosas ou doentes. Contudo, a carne de aves pode e deve ser consumida em qualquer idade, se possível uma ou duas vezes por semana, em lugar das carnes vermelhas.

HÁ VANTAGEM NO USO DE UM CONCENTRADO DE PROTEÍNAS?

Há vantagem e muita, pois, sem proteína não é possível conseguir o desenvolvimento dos animais. Com o uso de um concentrado de proteínas o criador consegue uma alta produção de seus animais utilizando melhor os ingredientes normalmente encontrados na fazenda, tais como fubá de milho, resíduos de mandioca ou de arroz, cevada, etc.

QUAIS OS TEORES DE PROTEÍNA NAS RAÇÕES DE ENGORDA E DE CRESCIMENTO?

Uma ração de crescimento deve conter um mínimo de vinte e um por cento de proteínas e a de engorda um mínimo de de-

INFORMAÇÕES ÚTEIS AO SUINOCULTOR

lismo numa porca criadeira e uma alimentação deficiente, assim como também maior frequência em algumas raças e linhagens. Quando aparecer a condição, ou antes, os animais devem receber uma ração de alto teor protéico pela adição do CONCENTRADO DE PROTEÍNAS POR-1 em doses altas. Retirar de reprodução e sacrificar para carne as mães que comerem as crias.

COMO CALCULAR O CONSUMO DE ÁGUA DOS SUINOS?

Nos animais em crescimento-engorda, multiplicar por dois o

previsão de cem litros diários para cada dez animais.

É POSSÍVEL FORNECER UM INSETICIDA NA RAÇÃO PARA COMBATER OS PARASITAS EXTERNOS?

Em alguns casos tem havido bons resultados com adição diária de três miligramas de lindane por quilo de peso do animal durante uma semana.

HÁ VANTAGEM NO USO DE ANTIBIÓTICOS NAS RAÇÕES DE SUINOS?

Sim, especialmente nas rações iniciais, de crescimento e de engorda, com o fito de diminuir as diarreias não específicas e manter um alto nível sanitário no aparelho digestivo. É preciso ser notado que existem dois usos para o antibiótico: um nutricional quando empregado na dose de DEZ GRAMAS por tonelada de ração, e outro, terapêutico, em doses acima de CINQUENTA GRAMAS por tonelada de ração. As doses terapêuticas só devem ser usadas sob orientação médico-veterinária. Com o uso nutricional consegue-se uma menor mortalidade nos recém-nascidos assim como um crescimento a mais da ordem de dez a quinze por cento em relação aos que não o recebem. Para os suínos são aconselhados os seguintes antibióticos — bacitracina, penicilina e aureomicina. Os melhores resultados são conseguidos com uma mistura de bacitracina e penicilina.

QUAL A CONVERSÃO ALIMENTAR DOS PRINCIPAIS ALIMENTOS DOS SUINOS?

É idéia geral ser o milho o alimento ideal para a engorda de suínos, mas até certo ponto há erro nesta idéia, pois, a conversão alimentar do fubá de milho é da ordem de oito quilos de fubá por quilo de peso ganho até a idade de seis meses, decaindo daí em diante. Pior ainda é a conversão ou eficiência dos resíduos de trigo, que varia de quinze a doze quilos de resíduo por quilo ganho. Já uma mistura de fubá com farinha de carne apresenta



Um magnífico exemplar de Carruncho, a raça ideal para ser criada em nosso país.

zoito por cento. Além da proteína a ração deve conter vitaminas, minerais, carboidratos, etc. em proporções corretas a fim de ser conseguida uma produção econômica. Em especial deve ser evitado um alto teor de fibra bruta nas rações para suínos em virtude da celulose não ser praticamente digerida por estes animais.

QUAL A RAZÃO DO CANIBALISMO NAS PORCAS CRIADEIRAS?

Parece haver uma correlação entre o aparecimento do caniba-

total de ração ingerida. Uma porca em gestação ingere mais ou menos três litros por dia. Um animal adulto de 150 quilos ingere de um a litro e meio por dia. Quanto mais novo o animal maior é o consumo por quilo de peso.

QUAIS OS ESPAÇOS DE COMEDOURO E BEBEDOURO?

Num cocho automático cada metro linear pode alimentar quatro animais até seis meses. Nos bebedouros automáticos cada bôca serve para vinte animais com

uma eficiência melhor, variando de cinco a seis quilos por um. Em quanto isto, uma ração de alta eficiência tipo SANTA HELENA para engorda, contendo em sua fórmula (PORCO-3) fubá, farinhas de carne, peixe e sangue, tortas de soja, babaçu e amendoim, pó de ostra e de osso e mais as vitaminas, os minerais e antibiótico, apresenta uma conversão alimentar da ordem de TRÊS QUILOS DE RAÇÃO SANTA HELENA POR QUILO DE PÊSO GANHO.

a melhor ração possível, é da ordem de dez a onze quilos por um ganho.

COMO ALIMENTAR SUINOS COM AS RAÇÕES SANTA HELENA?

No plano SANTA HELENA para criação de suínos a alimentação perfeita deve começar com os reprodutores machos e fêmeas, conforme a seguir:

desmamar com um máximo de sessenta dias ou antes, a fim de serem conseguidas mais barrigadas das fêmeas;

LEITÕES EM ENGORDA — fornecer à vontade a ração de engorda PORCO-3, de preferência num cocho automático e com possibilidade dos animais comerem uma hora por noite; não há perigo em desperdício com ração à vontade, pois, qualquer ração comida será metabolizada e transformada

MOINHO SANTA HELENA

RUA ANES DIAS, 21 — SANTÍSSIMO, D. F.



RAÇÕES DE ALTA EFICIÊNCIA

UM ALIMENTO IDEAL PARA CADA FASE DA VIDA DE UM ANIMAL, DE ACÓRDO COM OS PADRÕES DE NUTRIÇÃO DO CONSELHO NACIONAL DE PESQUISAS NORTE-AMERICANO



ESCREVAM PEDINDO CATÁLOGOS

QUAL A IDADE IDEAL PARA A VENDA DOS SUINOS EM ENGORDA?

A fim de ser aproveitada ao máximo a eficiência alimentar e ser conseguido lucro na criação e engorda, os suínos devem ser engordados até um máximo de seis meses de idade. Acima desta idade o animal começa a não render suficientemente em relação ao que come. Uma das razões mais comuns do fracasso na engorda é a compra de animais de um ano com o fito de ceva. Nesta idade a conversão, mesmo com

VARRÕES — soltar os animais num bom pasto e fornecer diariamente um quilo de ração tipo PORCO-4 por 150 quilos de peso;

FÊMEAS EM GESTAÇÃO E AMAMENTAÇÃO — aos alimentos usuais juntar de dois a três quilos de PORCO-4 por 150 quilos de peso;

BACOROS — fornecer a ração de crescimento PORCO-2 a partir dos dez dias de idade até a desmama com sessenta dias, dando toda a ração que o animal quiser comer; procurar

em peso, o próprio animal parando de comer quando satisfeito; abater ou vender os leitões que alcançarem sete ou oito meses no máximo.

QUAL A PRODUÇÃO DE LEITÕES E DE CARNE QUE DEVE SER ESPERADA ANUALMENTE DE UMA FÊMEA REPRODUTORA?

Numa criação racional, a fim de ser aproveitado ao máximo o capital empatado nas instalações, alimentos e animais reprodutores

(Continua na pág. 56)

CARNE E PEIXE NO BRASIL

O Brasil está fazendo um "progresso extraordinário" no fomento da produção de carne e pescado para consumo doméstico, segundo comunicou aqui hoje um perito norteamericano depois de estudar durante um mês as condições nesse país.

O Sr. John W. Pfeiffer, da American Cyanamid Company, disse numa entrevista na sua volta a Nova York, que o desenvolvimento se fazia notar especialmente na indústria de pesca do Brasil. Citou também um aumento de 20 por cento na produção de carne durante os últimos cinco anos.

Pfeiffer fez seu estudo para verificar quais os progressos alcançados pelo Brasil no combate à deterioração de gêneros alimentícios durante o transporte e distribuição, a qual tem sido um importante obstáculo ao aumento do consumo de carne e pescado. Dizia-se que o problema afetava especialmente aos pequenos matadouros e fábricas de beneficiamento de pescado e carnes.

Está sendo experimentado no interior do Brasil, segundo informou Pfeiffer, um novo método pelo qual um composto químico é injetado na carne de boi, no momento do abate. O composto químico, a base de aureomicina, conserva a carne em estado fresco, para o consumo local, mesmo sem refrigeração. Em muitas partes do interior do Brasil, é pouco comum a refrigeração.

Os pequenos matadouros no Brasil, bem como os beneficiadores de salsichas e "frios", começam utilizar um produto de conservação norteamericano chamado "acronize", acrescentou Pfeiffer. Essa substância detem a proliferação das bactérias causadoras da deterioração, guardando a carne em estado fresco.

O perito norteamericano predisse que a expansão imediata no consumo de carne e pescado no Brasil resultante tanto da prevenção de perdas por deterioração como dos aumentos da produção. As técnicas de conservação que vêm sendo adotadas pelo Brasil são iguais às que já se encontram em uso nos Estados

Unidos, Canadá e México, acrescentou.

Pfeiffer informou que a pesca do camarão e da lagosta vem "progredindo de maneira significativa" ao longo das costas do Ceará, Rio Grande do Norte, Paraíba e Pernambuco, destinando-se boa parte da produção à exportação eventual para os Estados Unidos bem como aos mercados brasileiros. Acrescentou que vem tendo um progresso especialmente rápido a pesca em água doce no Amazonas.

Prevvia também boas perspectivas para a pesca da baleia, mencionando que uma empresa japonesa planeja estabelecer uma moderna estação baleeira em Porto Cabedello. A pesca brasileira atual, de apenas umas 200 baleias ao ano, poderia ser aumentada de dez vezes, segundo as estimativas de Pfeiffer.

As melhores perspectivas de futuro imediato para mais

disponibilidades de carnes no Brasil resultariam da redução na deterioração do "xarque", ou carne seca, utilizada em grande escala através do país, disse Pfeiffer. Testes feitos com o "acronize" foram "muito promissores", acrescentou.

Segundo explicou Pfeiffer, a nova técnica de conservação que vem sendo introduzida no Brasil é também eficaz para carne de porco, de carneiro e outras, além de carne de boi, de aves e de pescado.

Pfeiffer louvou o trabalho dos peritos brasileiros no campo da conservação de alimentos, fazendo menção especial das realizações dos "excelentes laboratórios" do Departamento de Inspeção de Produtos de Origem Animal, cujo diretor, Dr. José Biffone, foi descrito como "dedicado e progressista". Citou também como cientistas excepcionais os Drs. Abrantes Filho e Osvaldo Santiago, da Seção de Tecnologia do Departamento.

CONFERÊNCIA DE CIENTISTA PERUANO ANTE A UNIVERSIDADE DO MADRID



— Na foto ve-se o Dr. Juan F. Figueiroa, proeminente cientista veterinário, durante a conferência que apresentou na Universidade do Madrid logo após receber o título de professor honorário que lhe foi outorgado

pelos colegas da Universidade. O Dr. Figueiroa, que alcançou alta reputação na América Latina pelas contribuições a ciência veterinária na terra natal, o Peru, e diretor de desenvolvi-

(Continua na pág. 64)

criação de bovinos após o desaleitamento

ALVINO ALVES FERREIRA

Entre as fases críticas da vida dos bovinos incluem-se, sem dúvida a dos primeiros meses de idade e a do desaleitamento.

Muitos criadores, entretanto, já conseguiram dominar as dificuldades desses dois períodos agudos. Assim, já criam bem os seus bezerros desde o nascimento até a desmama. Diz-se que bezerro que alcança os 6 meses de idade é bezerro criado.

Pode-se, entretanto, haver fracasso após esta idade até a adulta, exatamente quando o animal adquire o seu maior valor. É o que se verifica com um regular número de criadores que não chegam a criar bem seus animais depois dos 6 meses de idade. Bonitos e sádios na época do desaleitamento, apresentam-se depois com má aparência: "peludos", "barri-gudos", com deficiência de peso, pequenos, enfim, feios. São animais retardados que, às vezes sucumbem por qualquer doença, devido à sua debilidade ou falta de resistência. Os que conseguem sobreviver, atravessando essa fase crítica de sua vida, só muito lentamente se recuperam.

É, justamente, procurando solução para este problema, que, desta vez apresentaremos, a seguir, alguns cuidados fáceis de serem observados na prática e que serão de grande valor para o sucesso da criação durante o período que vai dos 6 meses à idade adulta dos bovinos.

Ei-los:

PRIMEIRO: — *Alimentação* — A atenção e os cuidados nesta fase do crescimento, no sentido de que não falem aos animais os nutrientes digestíveis, as proteínas, os sais minerais e as vitaminas, a fim de que não se paralise ou mesmo retarde o seu desenvolvimento, são muito importantes.

Entre os criadores de raças finas, não é raro o fato de desmamar-se o bezerro e cortar-se o seu arraçoamento su-

plementar de concentrados ao mesmo tempo, assim como os criadores de raças comuns não lhes dão, geralmente, ração suplementar de concentrados e ainda cortam-lhes o leite cedo demais (antes dos 6 meses de idade). Nestes dois casos não é possível criar-se bem.

Os concentrados devem

substituir o leite; e mais tarde, as forragens grosseiras substituirão os concentrados. Não se deve querer que os dois primeiros sejam substituídos ao mesmo tempo pelos alimentos grosseiros (feno, silagem, verde, pasto). É recomendável, especialmente para os criadores de gado fino, ao retirar-se do bezerro o leite integral ou o desnatado, fornecer-lhe, pelo menos até 10 a 12 meses, algum concentrado, enquanto ele vai se acostumando com o regime de pasto e dêste possa, então, tirar melhor proveito. As mis-

SENHOR CRIADOR:

ANIMAL SADIO É LUCRO MAIOR!

HEMOTONINE VETERINÁRIA

— um fortificante com a qualidade RHODIA —
garante a saúde de sua criação

... e lembre-se:

Qualidade também é Economia!

PEÇA FOLHETOS E INFORMAÇÕES A

Companhia Química Rhodia Brasileira

Agência do Rio de Janeiro

AV. PRESIDENTE VARGAS, 309-5.º ANDAR — TEL. 52-9955

CAIXA POSTAL 904

RIO DE JANEIRO — DF



A marca de confiança

TAMBÉM A SERVIÇO DA PECUARIA

turas de concentrados são especialmente indicadas nesta fase. Com boa forragem grosseira, 1 a 1,5 kg de mistura por dia e por cabeça será o bastante para o bezerro de 6 a 12 meses.

Se a forragem grosseira for apenas regular, recomenda-se ser a mistura de concentrados elevada para 2 a 2,5 kg.

A quantidade de feno, quando usado, deve ser de 4 a 7 kg por dia e cabeça ou, se for empregado feno e silagem, 2 a 5 kg do primeiro e 4 a 7 quilos de silagem.

Depois de um ano de idade podem as fêmeas (novilhotas) e os machos destinados ao corte viver apenas de bom pasto, feno e silagem. E, se não dispuserem, porém, de bom pasto e quiser o criador conservá-los crescendo, torna-se necessário dar-lhes um pouco de concentrados.

Três a quatro meses antes de parirem as novilhas devem ser liberalmente alimentadas, para que, assim, se garanta o bom desenvolvimento do feto, continuem o seu desenvolvimento e se apresentem em boas condições durante a primeira lactação (1,5 a 2,5 kg de mistura de concentrados são suficientes, se dispuserem de boa forragem grosseira).

A fim de baratear o custo do animal, o pasto, os fenos, a silagem, as raízes e tubérculos são especialmente indicados para esta fase da vida dos bovinos, dando ótimos resultados se são de boa qualidade. Os bezerros são exigentes quanto à qualidade do pasto, do feno, da silagem, o que o criador, geralmente, não dá atenção, pois comumente, ele os põe em pasto ruim, "raspado".

Na Nova Zelândia, onde a criação de gado de leite se faz a campo, é comum os bezerros antecederem as vacas nos poteiros ou pastinhos, fazendo-se um pastejo rápido e rotativo, como lá é de uso.

Os sais minerais, a água e as sombras não devem faltar nas pastagens que, para isso, precisam ser providas de saleiros ou côchos, bebedouros higiênicos e abrigos.

SEGUNDO: — Vacinações — Senhores criadores, se os

bezerros ao atingirem os 6 meses de idade ainda não foram vacinados contra a peste da manqueira ou mal de ano (carbúnculo sintomático) não deixem mais passar nem um dia, façam-nos vacinar imediatamente, usando vacina de renome e dentro do prazo de sua validade.

Além da vacinação contra a "Manqueira", deverá o criador vaciná-los também contra outros males, como os seguintes: febre aftosa, de 4 em 4 meses e com os 3 vírus, A, O e C; carbúnculo hemático ou verdadeira ao atingir um ano de idade e, anualmente, com os demais animais, desde que a propriedade esteja situada em região onde esta epizootia existe; contra a raiva desmodina todos os anos, se esta grassa na zona; contra a brucelose, se esta estiver disseminada, na idade de 6 a 10 meses, como recomendado.

TERCEIRO: — Castração

— Para os machos, destinados ao corte esta é uma boa idade para proceder-se à sua castração.

QUARTO: — Marcação

— Para machos e fêmeas que até esta idade ainda não tiverem sido marcados, esta é também uma boa ocasião para se fazê-lo.

A marca, entretanto, sobretudo para as raças finas, deve, além de indicar o proprietário, permitir a identificação também do animal, do indivíduo, distinguindo-o dos demais.

A tatuagem é um bom sistema de marcação.

QUINTO: — Separação de sexos — Aos seis meses já convém pensar na separação dos bezerros de acordo com o sexo, a fim de evitar-se alguma "cobertura" intempestiva, o que poderá retardar o desenvolvimento da fêmea, e causar-lhe infertilidade no futuro, bem como trazer-lhe dificuldade no parto.

Os animais de raça melhorada são mais precoces, cabendo-lhes, assim, a aplicação da recomendação acima. Quanto aos de raças tardias e os mestiços destas chegam à puberdade mais tarde um pouco. Por isso, a rigor, po-

derão ter esta separação de sexo, mais tarde, de 8 a 10 meses; mas, como medida de ordem geral, não vemos desvantagem em fazê-lo logo após os 6 meses.

Para o caso de proceder-se a castração dos machos antes ou sexta época, não há necessidade, assim cedo, desta separação.

SEXTO: — Separação por idade — Além da separação dos machos das fêmeas, sobretudo para os criadores de reprodutores de raças finas, uma outra é necessária, embora raramente a tenhamos visto na prática, resultando disso, provavelmente, uma das causas de insucesso na criação. Queremos nos referir à apartação por classe, categoria ou diferença acentuada de idade entre os animais do mesmo sexo. Assim, não devemos juntar, em uma mesma pastagem, bovinos, machos ou fêmeas, de 6 a 12 meses, por exemplo, com os de mais idade. E, muito menos, esses animais ainda em crescimento, com adultos, com muitos criadores o fazem.

O motivo principal é que, se todos se encontram numa mesma pastagem, os mais fracos, isto é, os de menos força, portanto, os mais novos, não conseguem comer a sua ração suplementar de concentrados, quando distribuída em côcho comum; bem como são privados dos sais minerais e, por vezes, até da água e das sombras não podem se aproximar, por que ali sempre acham os mais fortes que os espantam e muitas vezes os batem, escurraçando-os em luta desigual. Compreende-se, pois, porque muitas vezes ficam para trás, não acompanhando o desenvolvimento normal que era de se esperar. Este atraso no seu crescimento tem grande significação econômica. Representa prejuízo.

SETIMO: — Combate aos parasitos — Combater os parasitos, principalmente os carapatos, os bernes, as bicheiras, os vermes que tantos danos causam aos animais e muito prejuízo aos criadores e à economia nacional é cuidado que se deve ter sempre em mente. Pode-se afirmar

que os citados parasitos, além dos males diretos que provocam, constituem a causa primária de muitas doenças dos bovinos pelos estados de debilidade ou enfraquecimento dos jovens animais, predistos dos jovens animais, predistondos a todas a senfermidades que, achando a porta aberta, nêles se instalem, proliferando-se rapidamente os germes seus causadores.

Não esperar que haja infestação maciça para, então, proceder-se o combate. Ele deverá ser sempre sistemático e, para os carrapatos, por exemplo, dentro de um período de 10 a 20 dias de intervalo, segundo a intensidade da infestação, usando-se no

NONO: — Reprodução — A idade mais aconselhável para se entregar, seja os machos, seja as fêmeas à reprodução depende de vários fatores a considerar, entre os quais lembraremos os seguintes: a raça, o desenvolvimento ou a idade do indivíduo, a alimentação.

Os animais de raças aperfeiçoadas chegam, em geral, mais cedo à idade de reprodução e, assim, a ela podem ser entregues primeiro que os de raças tardias. A alimentação rica e abundante tem um papel semelhante, apressando o aparecimento da puberdade.

Os zootecnistas americanos, Yapp e Nevens (Dairy Cattle 41) aconselham as seguintes

Até aos 6 meses serão criadas semelhantes às fêmeas, dando-lhes desta idade em diante algumas vantagens sobre elas.

Assim, o seu desaleitamento convém ser mais tarde, aos 8-10 meses de idade. Após o desmame deve o futuro reprodutor receber um pouco mais de concentrado do que as fêmeas da mesma idade. Recomenda-se 2 a 3 kg por dia e por cabeça. Isso permitirá que possa ser usado na reprodução mais cedo. Entretanto, os jovens reprodutores não deverão ser intensamente empregados na reprodução.

Os bons feno de leguminosas e mesmo de gramíneas, quando fenadas novas, bem como as misturas de concen-

GADO LEITEIRO

COMPRA E VENDA permanente de reprodutores PO e PC e **NOVILHAS E VACAS** PO, - PC, - 7/8 e 3/4 de sangue, das raças **HOLANDESA, GUERNSEY, JERSEY** e **SCHWYZ**, com os devidos certificados de registro nos Herd-Book das raças acompanhados dos respectivos atestados de sanidade.

ANTÃO CORRÊA

CORRETOR DE ANIMAIS

Praça 15 de Novembro, 20 - 6.º andar - sala 602. Tels.: 43-6808 e 43-0159 - C. Postal, 851
Endereço Telegr.: "BOVINOS".

RIO DE JANEIRO

banheiro carrapaticida ou um pulverizador próprio.

A rotação das pastagens, a drenagem e, em certos casos, a queima, quando aconselhada, são meios auxiliares de combater os referidos parasitos.

OITAVO: — Exercício — O exercício moderado e regular é um grande auxiliar do crescimento e da conservação da saúde. Assim, se os animais são criados estabulados, torna-se necessário soltá-los em pastinhos com água e sombra, bra ou, se não houver, em currais higiênicos, no mínimo uma hora e diariamente, se possível.

Os animais, porém, criados a solta no campo gozam desse exercício benéfico nas suas "corridas", "brincadeiras" e "andanças" a procura de pasto, água e sombra.

idades como desejáveis na primeira parição:

Holandesa preto e branco	27-30 meses
Guernsey	25-27 "
Jersey	23-25 "
Schwyz	30-34 "
Ayrshire	26-28 "

I. Entre nós, como, em geral, o desenvolvimento dessas raças é mais lento, convém a parição das novilhas para uns 3 meses mais tarde. As do chamado gado nacional e as mestiças talvez seja preferível darem a sua primeira cria aos 37-40 meses.

DECIMO: — Tourinhos — Os machos, destinados à reprodução devem merecer cuidados especiais de assistência e de trato para que cresçam normal e sadiamente. Esses cuidados que começam ao nascer o animal eleito, deverão continuar durante toda a sua vida útil.

trados são particularmente indicados para os tourinhos, sobretudo, quando usados na reprodução.

A silagem é igualmente recomendada na quantidade de 4 a 7 kg por dia e cabeça.

O tourinho deve ser escovado diariamente e, se possível, cabrestado, o que o fará manso e manejável.

Se mantido estabulado deve ser diariamente solto em pastinho próprio sozinho ou com outros de sua idade para exercícios. Se conservados no pasto, estes devem ter abrigo com bebedouro e côcho, mantidos sempre em boas condições de higiene, a fim de que não lhes falem sombra, água e comida. O reprodutor deve apresentar-se em bom estado de nutrição, porém, não gordo.

(Continua na pág. 48)

PORQUE SE PRATICA E O QUE É NECESSÁRIO PARA O ÊXITO DA ENXERTIA

Eng. Agr. GERALDO GOULART DA SILVEIRA

Professor da Escola de Horticultura "Wenceslão Bello"

Entre os processos de multiplicação vegetal a enxertia ocupa lugar de destaque.

O homem rural, especialmente o fruticultor, precisa e deve conhecê-la, pelas inúmeras vantagens que apresenta.

Não basta, entretanto, saber porque se pratica a enxertia, é igualmente indispensável saber quais os fatores de êxito de tão recomendável processo de multiplicação vegetal.

1 — Porque se pratica a enxertia

Entre as inúmeras vantagens da enxertia, podemos citar as seguintes:

a) Assegura, de um modo geral, a multiplicação das plantas conservando todas as suas características essenciais, que se deseja reproduzidas. É do conhecimento de todos que tal não se pode esperar, quando se faz a multiplicação por meio de sementes, principalmente, em se tratando de árvores exploradas em pomicultura. Árvores conseguidas à custa das melhores sementes das melhores plantas produzem, não raro, frutos de qualidade inferior. Evita-se pela enxertia, sejam verifica-

dos, no fim de alguns anos, tão desanimadores resultados. Ela conserva, aproximadamente, as características melhores das plantas escolhidas.

b) Assegura uma floração e, conseqüentemente, uma frutificação mais precoce, permitindo, assim, que, em menos tempo, possam ser obtidos os juros do capital empatado. Somente pela enxertia conseguem-se laranjeiras, mangueiras, etc., frutificando com dois e até ano e meio.

c) Permite a cultura de plantas em terrenos que não lhes são propícios, uma vez sejam eles convenientes aos porta-enxertos. Compreende-se, facilmente, porque isso é viável, pois é o porta-enxerto que fica em contacto com o solo, dêle retirando os alimentos sob a forma de seiva bruta. Ao enxerto cabe transformar a seiva bruta em seiva elaborada, formar toda a parte da planta situada acima do ponto de enxertia, etc.

d) Assegura melhores condições sanitárias, pela escolha de porta-enxertos resistentes a certas enfermidades ou pragas. É sempre citado o fato da enxertia ter evitado de um colapso completo a vi-

ticultura européia, quando ela sofreu o ataque da *Phylloxera*. O emprego de porta-enxertos resistentes a tão implacável inseto resolveu o problema de uma maneira bastante satisfatória. Entre nós, podemos citar o caso da doença chamada tristeza dos citrúis, que foi controlada pelo emprego de porta-enxertos convenientes.

e) Permite a restauração de árvores defeituosas ou esgotadas, possibilitando mesmo, quando isso convier ao agricultor, modificar a variedade ou espécie explorada. Quantas plantações praticamente abandonadas podem ser rejuvenescidas pela enxertia!

f) Assegura a perpetuação de anomalias consideradas úteis, quando elas não admitem outro processo qualquer de multiplicação.

g) Modifica, de um modo geral, o porte das árvores, que fica mais reduzido, facilitando, assim, o trabalho de colheita, os tratamentos contra moléstias ou pragas, etc.

h) Permite a propagação de numerosas variedades de plantas que não podem ser multiplicadas, a contento, por outro qualquer processo (estaqueia, mergulhia, etc.).

i) Segundo uns, melhora, em certos casos, as qualidades dos frutos, o que, contudo, deve ser encarado com uma certa reserva, pois o assunto não está ainda bem esclarecido.



sabão veterinário

DUPRAT

A mais perfeita proteção para os animais

- Extermina radicalmente carrapatos, piolhos, pulgas e sarnas...
- Embeleza o pêlo dos animais
- Substitui os carrapaticidas na manutenção de pequenos lotes de cavalos ou bois
- Em blocos de 100 grs. (para cães) ou 400 grs. (para animais de grande porte)

A venda em casas especializadas, farmácias, droparias, lojas e armazéns.
USADO PELOS PRINCIPAIS CANIS E RECOMENDADO PELOS SRS. MÉDICOS VETERINÁRIOS

Vendas por atacado:

Rio: Imp. Soares Ltda
R. dos Mercadores, 12-1.º
Tel. 43-2343
S. Paulo: R. Vianna Costa
Av. R. Branco, 233-1.º - s/13
B. Horizonte: Proquisa S/A
Av. Tereza Cristina, 900
Recife: R. Vianna Costa
Rua da Praia, 183

Inúmeras outras vantagens poderíamos citar.

O que dissemos, porém, dá bem uma idéia do porque é a enxertia considerada um dos processos de multiplicação vegetal de maior interesse, aquêle que permite o grande incremento da fruticultura e da chamada grande agricultura, como o café, e nas plantas industriais que passam a ser objeto de cultura, como a oiticica, a seringueira, etc.

2 — Que é necessário para o êxito da enxertia

Não é difícil conseguir-se êxito na enxertia.

É preciso, apenas, sejam encarados com especial cuidado alguns fatores adiante enumerados, para que os enxertos se desenvolvam normalmente, produzindo plantas que correspondam à expectativa.

a) Afinidade entre as plantas

Somente as plantas que apresentam um certo grau de parentesco sob o ponto de vista botânico (afinidade como se costuma dizer), são suscetíveis de ser enxertadas.

Não se pode enxertar, indiferentemente, uma planta com outra, pelo simples fato de se ter vontade de assim proceder.

É preciso, antes, verificar, se elas são afins, pois, somente quando tal acontece, torna-se viável a enxertia.

De um modo geral, as variedades pertencentes a uma mesma espécie podem ser enxertadas entre si, da mesma forma que as espécies pertencentes a um mesmo gênero.

Conquanto não de uma maneira afirmativa, pode-se dizer que plantas de gêneros diferentes, pertencentes a uma mesma família, são, muitas vezes, suscetíveis de enxertia.

Existem várias exceções, ainda não convenientemente esclarecidas.

A prática tem revelado quais as enxertias possíveis.

Novas experimentações revelarão outras.

A um principiante não cabe fazer experimentações.

É aconselhável seguir as instruções de um técnico, ou os conselhos das estações experimentais.

Eles dirão quais os porta-

enxertos mais aconselhados para a região.

b) Habilidade do enxertador

Como em qualquer outra operação, da habilidade do executante depende, em grande parte, o êxito dos resultados.

Não basta saber como se pratica a enxertia.

É preciso um certo tirocínio que somente se adquire com a prática, para executá-la com segurança e desembaraco.

Convém, pois, que o período de treinamento seja o mais longo possível.

O tempo que se perde em treino ganha-se em prática.

De outra maneira ninguém chega a ser bom enxertador.

c) Estado de vegetação das partes

Tanto o porta-enxerto como o enxerto devem apresentar, mais ou menos, o mesmo vigor e robustez, sem o que muito problemáticos serão os resultados obtidos.

Quando, por exemplo, o porta-enxerto é muito mais vigoroso que o enxerto, este receberá muito maior quantidade de seiva do que a necessária, e, conseqüentemente, há o perigo do afogamento por excesso de seiva.

Por outro lado, quando o enxerto é muito mais vigoroso do que o porta-enxerto, este não poderá fornecer a quantidade de seiva necessária ao seu perfeito desenvolvimento anormal do enxerto.

Como, porém, na prática, não se pode obter, como seria de desejar, uma perfeita reciprocidade entre as duas partes, convém que se empregue o porta-enxerto em estado de vegetação um pouco mais adiantado do que o enxerto.

É sempre preferível, e aconselhável por uns, um pequeno excesso de seiva do que a falta.

Quando absolutamente isso não é possível, isto é, a parte a ser enxertada apresenta um estado de vegetação mais adiantado do que o cavalo, convém deixá-la em estratificação durante alguns dias, antes de realizar a enxertia.

A estratificação pode ser feita em caixotes com areia ligeiramente úmida, alternan-

do-se uma camada de ramos já podados, com uma camada de areia.

d) Justaposição das camadas geradoras

Para que a soldadura se realize e a parte enxertada se desenvolva normalmente, é necessário que as camadas geradoras das duas partes estejam em íntimo contacto.

Quando tal não acontece, é certo não vingar o enxerto.

Naturalmente que esta justaposição depende, em parte, dos cortes bem feitos, que permitem, depois de reunidas as duas partes, passe a seiva, livremente, de uma para outra.

Intervém, então, não só a habilidade manual do enxertador, como a qualidade dos instrumentos usados.

e) Época conveniente

É necessário que a enxertia seja praticada quando a seiva está em movimento, o que acontece, de modo geral, entre nós, durante quase o ano inteiro.

Já nos lugares de clima frio, a enxertia não deve ser praticada em pleno inverno, quando as plantas estão em letargia, isto é, em repouso vegetativo.

Quando as plantas soltam a casca com facilidade, a enxertia pode ser praticada com sucesso.

f) Condições do material

É necessário que o canivete de enxertia esteja bem afiado e seja de boa qualidade, a fim de que os cortes sejam bem planos, sem o que não é possível obter-se perfeita justaposição das partes cortadas.

Além disso, torna-se indispensável que ele esteja bem limpo, livre de substâncias corrosivas ou poeiras, pois, as primeiras atacam os tecidos das plantas, as segundas obstruem os microscópicos canais condutores da seiva.

O podão, o serrote, etc. devem ser de boa qualidade e apresentar bom corte.

Um bom material ajuda muito o trabalho.

g) Condições atmosféricas

Nos dias chuvosos ou muito ventosos, não se deve praticar a enxertia.

Tanto a chuva, que favorece o apodrecimento das partes expostas, como os ventos, que carregam grande quantidade de poeira, prejudicam muito a enxertia.

Nas horas de calor muito intenso, não se deve realizar a operação.

Quando, porém, é de toda a conveniência que não se interrompa o trabalho, convém proteger os enxertos da ação excessiva dos raios solares.

Muito cedo, quando as plantas estão ainda umedecidas, deve-se evitar a enxertia.

h) Rapidez da operação

A operação deve ser feita com a máxima rapidez possível, sem, contudo, prejudicar a perfeição do trabalho.

A exposição das partes cortadas, durante muito tempo, à ação dos agentes atmosféricos, é sempre prejudicial, podendo mesmo acarretar o fracasso da enxertia.

i) Estado sanitário das partes

É necessário que tanto o cavalo como o enxerto estejam sadios, sem nenhum indício de enfermidade ou praga.

Trabalhar com plantas enfermas é contraproducente, não só porque os enxertos porventura obtidos serão de qualidade inferior, como, também, conscientemente, estará o enxertador introduzindo um foco de infestação em todo o viveiro de enxertia.

Convém, pois, seja feito um exame atento, antes de realizar o trabalho.

j) Amarrilhos

Para que a soldadura se realize, torna-se necessário que as partes estejam bem ajustadas, por intermédio de um amarrilho.

Os amarrilhos não devem ficar frouxos, nem excessivamente apertados; no primeiro caso, não favorecem a soldadura, no segundo, provocam o estrangulamento do enxerto.

Quando se coloca o amarrilho, é de toda a conveniência que a pressão fique igualmente distribuída em toda a extensão, a fim de evitar que algumas regiões fiquem mais adaptadas do que outras.

Um bom amarrilho deve ser

Adubos



fortificam as terras fracas



Dep. Prop. CADAL

UMA FÓRMULA PARA CADA CULTURA — SOLICITE FOLHETOS E INFORMAÇÕES, GRATUITAMENTE

CADAL CIA. INDUSTRIAL DE SABÃO E ADUBOS
 Distrito Federal, Estados do Rio e Espírito Santo
 Agentes exclusivos do Salitre do Chile para o
 Rua México, 111 - 12.º andar (Sede própria)
 Caixa Postal 875 — Telefones 42-0881 e 42-0115

forte, macio, possuir certa elasticidade natural, não sofrer distensões ou retrações por efeito de mudanças atmosféricas, etc.

k) Ungüentos

Nas regiões onde as condições são desfavoráveis principalmente naquelas sujeitas a baixas temperaturas, é necessário que as enxertias fiquem protegidas por um unguento.

Os unguentos, além disso, realizam uma boa proteção contra a umidade e diminuem a probabilidade de enfermidades nas partes cortadas.

(Do livro "Noções Práticas de Enxertia", editado pelo

Serviço de Informação Agrícola do Ministério de Agricultura).

ANUNCIE

EM

"A LAVOURA"



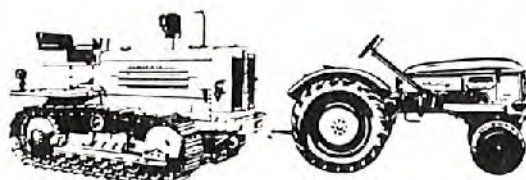
**Você
precisa
um...**



... porque: HANOMAG significa uma garantia de qualidade, economia, assistência técnica, peças, oficinas especializadas, pronta entrega

HANOMAG apresenta uma linha completa de tratores de rodas de 12 a 55 HP e de esteiras de 60 a 90 HP para qualquer serviço, bem como todos os implementos necessários na agricultura. Além disso, a HANOMAG oferece um financiamento de 3 anos!

**Consultem
nossos
concessionários:**



HANOMAG

INTERAMERICANA LTDA.

Av. Presidente Vargas, 642 - 5º and.,
Rio de Janeiro - Telefone 43-9425

SULBRA S. A.
Av. Farrapos, 3628 — Porto Alegre
CIA. HOEPFNER
Rua Nove de Março, 397-1.º —
Joinville.
Filial: Rua Emiliano Perneta, 188
— Curitiba.
SABRICO S. A.
Av. Duque de Caxias, 61-73 — São
Paulo.
GASTAL S. A.
Av. Brasil, 2298 — Rio de Janeiro.
Filial: BELMOTOR — B. Horizonte
BERGER LTDA.
Av. Duque de Caxias, 175 — Vitória
SIMTRAL S. A.
Av. Frederico Pontes, 120 — Salvador
SOFERMASA S. A.
Av. Marquês de Olinda, 214 — Recife
PAULA IRMAO & Cia.
Pr. Augusto Severo, 160 — Natal.
J. MACEDO S. A.
R. Floriano Peixoto, 176 — Fortaleza
F. AGUIAR S. A.
R. Djalma Dutra, 36 — São Luiz
SOMAC S. A.
Rua 13 de Maio, 188-192 — Belém
BENARRÓS & IRMÃO
Rua Marechal Deodoro, 268 — Manaus



FRANGOS
ATÉ 25% MAIS PÊSO!



POEDEIRAS
10% MAIS OVOS!

SUÍNOS
MAIS 10% DE PÊSO-VIVO!



BEZERROS
ENGORDA 30% MAIS RÁPIDA!



Sonho de ontem, realidade de hoje!

Enriqueça
suas rações
com
SUPLEMENTOS
FIDMIX
Squibb-Mathieson

FIDMIX-19

Acelera o crescimento
Reduz consideravelmente a mortalidade
Economiza rações

FIDMIX-20

Recupera animais refugos e doentes
Previne e combate males respiratórios e digestivos
Aumenta a resistência dos animais, nas épocas críticas da criação
(época de vacinas, muda das aves e tempo muito quente e úmido)
COM POUCOS CRUZEIROS, V. ENRIQUECE UMA TONELADA DE RAÇÃO!

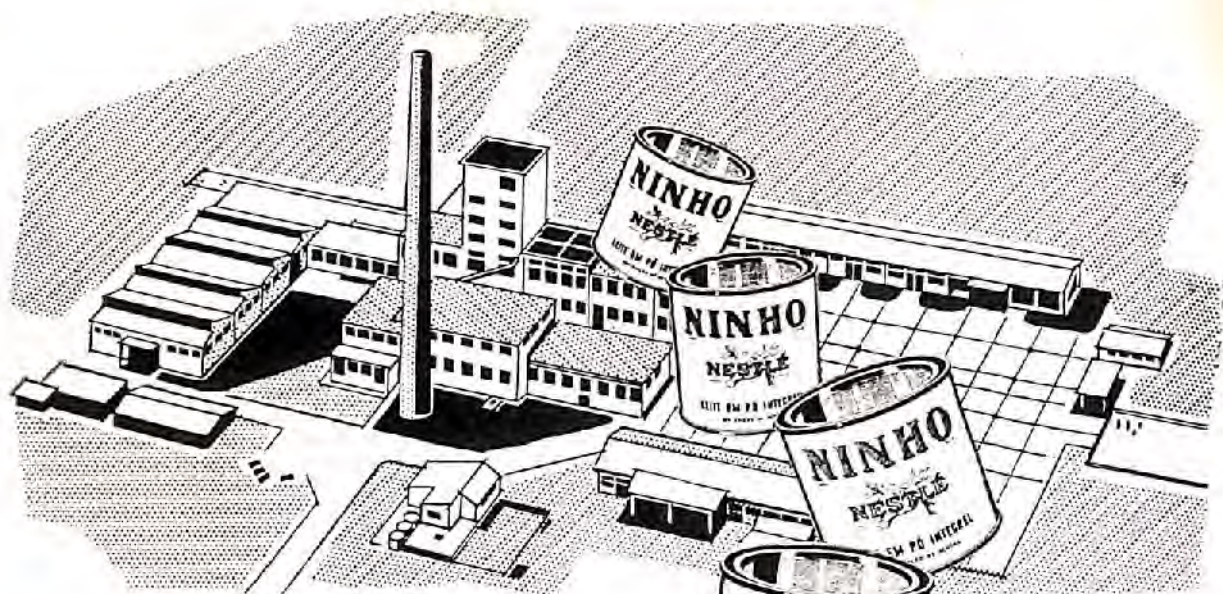


Pega ao veterinário, ao seu fornecedor,
ou diretamente à Squibb, que lhe forneça
o folheto descritivo dos usos de Fidmix



Produtos da
DIVISÃO AGRO-PECUÁRIA E.R. SQUIBB & SONS, S.A.
Produtos Químicos, Farmacêuticos e Biológicos
Av. João Dias, 2758 - Santo Amaro - São Paulo

"UM SÉCULO DE EXPERIÊNCIA INSPIRA CONFIANÇA"



NESTLÉ:

**símbolo
de confiança!**

Desde 1921, o nome **Nestlé** se constitui em símbolo de confiança. É um tradicional conceito mantido pela qualidade e pureza de seus produtos, rigorosamente tratados por modernos processos técnico-científicos.

Acrescente-se, ainda, o apreciável desenvolvimento que a Nestlé imprime a grande número de indústrias a ela ligadas; ao notável empenho de construir novas fábricas - a de **Três Corações** recentemente inaugurada - para atender ao enorme consumo atual de leite em pó, num esforço que elimina, de vez, o dispêndio de divisas com a sua importação.



**COMPANHIA INDUSTRIAL E COMERCIAL
BRASILEIRA DE PRODUTOS ALIMENTARES**



forragens construídos pela Montana em Brasília, com capacidade unitária de 150 toneladas. Além destas obras, tem a Montana fornecido equipamentos para Armazéns e Silos ao Ministério da Agricultura além de inúmeros armazéns e silos para Governos Estaduais, e Municipais e para particulares em todo o Brasil.

Dispõe a Montana de Departamentos especializados no Rio e São Paulo, onde atenderá qualquer consulta com rapidez e eficiência.

Silo para Forragens em Brasília. Um dos 4 construídos ali pela Montana para a Novacap.



MONTANA S. A.

DEPARTAMENTO DE SILOS E ARMAZÉNS

MATRIZ: RIO DE JANEIRO — Rua Vis. de Inhaúma, 64 - 3.º e 4.º
Fone 43-8861
FILIAL: S. PAULO - Rua Cons. Crispiniano, 20 - 4.º - Fone 34-5116
PORTO ALEGRE - Rua Pinto Bandeira, 528
BELO HORIZONTE - Av Afonso Pena, 526 - sala 1024.
Fone 2-4084.

NOVAS VARIEDADES DE TRIGO BRASILEIRO

Um dos produtos agrícolas que mais celeremente pôde registrar aumento de produção apreciável nos últimos anos foi o trigo, cujas colheitas em 1952 somaram 689.500 toneladas e passaram, em 1957, para 1.200.000 toneladas, aproximadamente. A par desse incremento em quantidade, verificou-se entre nós um trabalho de apuração da qualidade do trigo, em função da diversidade de regiões em que se pretendia cultivá-lo, cujos resultados se traduzem nas

variedades obtidas pelos técnicos do Ministério da Agricultura. Os geneticistas Benedito de Oliveira Paiva e Iwar Beckmann nos deram já sete novas variedades de trigo para plantio em terras brasileiras. Ao primeiro devemos as variedades Trintecinco, Colônias, Patriarca, Trintani e, a Iwar Beckmann, as que foram denominadas Fontana, Rio Negro, Bagé, devendo ser lançadas agora as variedades Prelúdio, Carázi-nho e Fortaleza, com características de resistência e produtividade bem superiores às primeiras.

AMERICANO FARÁ PESQUISAS ANTROPOLÓGICAS NO BRASIL

O Conselho de Fiscalização das Expedições Artísticas e Científicas no Brasil concedeu licença ao cidadão norte-americano John Gallovich, estudante de antropologia na Universidade da Califórnia, para realizar uma expedição ao nosso país, com o objetivo de fazer pesquisas antropológicas na região de Mato Grosso.

A LAVOURA DO DISTRITO FEDERAL

RECONHECIDA PELO MINISTÉRIO DA AGRICULTURA A ASSOCIAÇÃO RURAL DE CACHAMORRA

Novos pedidos de reconhecimento encaminhados a Confederação Rural Brasileira

Consoante as determinações do Decreto Lei n.º 8.127 que orienta e regula a organização da vida rural no país, as antigas intenções agrícolas do Distrito Federal estão quase todas transformadas em associações rurais e devidamente reconhecidas pelo sr. Ministro da Agricultura,

Em data de 14 do corrente, o chefe do Serviço de Economia Rural daquele Ministério dirigiu ao presidente da Associação Rural de Cachamorra o seguinte ofício:

"Incluso, passo às vossas mãos a Portaria n.º 577, de 12 de junho de 1958, pela qual o Exmo. Sr. Ministro da Agricultura outorga a essa Associação todos os direitos e prerrogativas estabelecidos no decreto lei n.º 8.127, de 24 de outubro de 1945.

Congratulando-me convosco por mais essa vitória do associativismo rural, valho-me do ensejo para apresentar-vos os meus protestos de consideração e apreço."

(a) *José Augusto da Fonseca Filho*

Reconhecimento para a A. R. do Rio Grande

Como já noticiamos em linhas acima, continua intenso o interesse dos lavradores do Distrito Federal em favor do desenvolvimento do associativismo rural na lavoura metropolitana já se encontram devidamente reconhecidas pelo Ministro da Agricultura, as associações rurais de: Palmares, Realengo, Rio da Prata, Santa Eugénia, Cachamorra, Viegas e a União dos Agricultores. Acabam de adquirir personalidade jurídica para se transformarem em associações rurais, as antigas intenções agrícolas de Jacarepaguá e Reta do Rio Grande. Sobre esta última entidade o presidente da Sociedade Nacional de Agricultura dirigiu ao presidente da Confederação Rural Brasileira, o seguinte ofício:

"Encaminho a V. Excia., para efeito de reconhecimento e registro no Serviço de Economia Rural do Ministério da Agricultura, os documentos relativos à Associação Rural da Reta do Rio Grande, ex-Intendência Agrícola da Reta do Rio Grande, constantes de: a) cópia autêntica da ata da fundação da Intendência Agrícola da Reta do Rio Grande; b) cópia autêntica da ata de transformação da Intendência Agrícola da Reta do Rio Grande para Associação Rural da Reta do Rio Grande; c) cópia autêntica da ata de eleição da Diretoria da Associação Rural da Reta do Rio Grande; d) Relação dos

componentes da Diretoria; e) relação dos associados; f) Diário Oficial, ano XCVI, n.º 264, de 18-11-1957, contendo o "Extra-to de Estatuto (Reforma), da Associação Rural da Reta do Rio Grande, ex-Intendência da Reta do Rio Grande; g) Estatuto da Associação Rural da Reta do Rio Grande, ex-Intendência Agrícola da Reta do Rio Grande, registrado no Registro Civil de Pessoas Jurídicas, sob n.º de ordem 5.485, no Livro A.4, e do Protocolo n.º 12.799, Livro A-2, em 2 de dezembro de 1957. Aproveitando o ensejo,

A LAVOURA

(ÓRGÃO DA SOCIEDADE NACIONAL DE AGRICULTURA)

Fundada em 1897

Eng.º Agrônomo **ARTHUR TORRES FILHO**
Presidente da Sociedade

Eng.º Agrônomo **ANTONIO DE ARRUDA CANARA**
Diretor

Eng.º Agrônomo **KURT REPSOLD**
Diretor Técnico

Eng.º Agrônomo **GERALDO GOULART DA SILVEIRA**
Redator-Técnico

LUIZ MARQUES POLIANO
Diretor Responsável e Redator-Secretário

CARLOS ALBERTO SOARES
Chefe de Publicidade

Redação e Administração:

General Justo, 171

Telefone: 42-2981

Caixa Postal: 1245

Rio de Janeiro

Nem a redação da Revista nem a Sociedade Nacional de Agricultura são responsáveis pelos conceitos emitidos em artigos assinados

Representante em S. Paulo:

NEWTON FEITOZA

RUA BOA VISTA, 245, 3.º andar — Tel.: 33-1432 — End. Tel.: "LINEFE" C. P. 7257

— SAO PAULO —

reitero-lhe os protestos de elevada consideração e aprego. *Artur Torres Filho* — Presidente."

Idêntico ofício foi encaminhado com relação a Associação Rural de Jacarepaguá.

CANCELAMENTO DE CARTEIRAS DE LAVRADORES

Em ofício dirigido ao Departamento das Associações Rurais do Distrito Federal, o Chefe do Serviço de Economia Rural da Secretaria Geral de Agricultura, Indústria e Comércio, comunicou que foram cancelados de acordo com informações constantes de processos em curso naquela repartição e tendo em vista o disposto no artigo 3.º do Decreto n.º 13.635, as carteiras dos lavradores abaixo mencionados, todos pertencentes ao Posto Agrícola n.º 2:

Antonio Barbosa, Rua Candido Benicio, 2935; José Nogueira, Rua Carvalho de Souza, s/n.; Alexandre Pinto Nogueira, Rua Souto, s/n.; Joaquim Pinto Nogueira, Rua Souto, s/n.; João Clemente F. dos Santos, Cam. da Favelinha, s/n.; José Monteiro de Souza, Rua Soares Caldeira, s/n.; Francisco Alves Gomes, Rua Candido Benicio, 956; Zilpa Avila Gonçalves, Patio da Estação de Deodoro; José Franco de Freitas Machado, Est. do Cafundá, s/n.; João de Sá Gomes e outro, Est. do Octaviano, s/n.; Joaquim Ferreira, Trav. Pinto Teles, 32; Almiro de Araujo, Morro dos Trapicheiros, s/n.; João Barbosa, Estr. das Furnas, s/n.; Marcelino Antonio e outro, Rua Souza Barros, 328, f.; Joaquim Leite, Rua Miguel Angelo, 569, f.; Antonio Marques Leocadio, Rua Conde Bonfim e Morro do Sumaré; José Martins, Rua Francisco da Graça, s/n.; José Manoel Martins, Rua Agostinho, 115; Avelino Pinto, Rua Ferreira de Andrade, 125; Manoel José da Rocha, Rua Baroneza do Eng. Novo, 32, f.; Joaquim da Costa, Rua Itapiru, 1415; Manoel Simões Freire e outro, Rua Itapiru, 1415; Rodrigo Silva, Est. da Paz, s/n.; Julio F. de Menezes e outro, Rua Eulina Ribeiro, s/n.; Manoel Alves Voluntário, Rua Candido Benicio, s/n.; Ana Nunes das Neves, Est. Portinho, 92; Manoel de Abreu Tereza, Rua Florianópolis, s/n.; Manoel, Rua Isaias, s/n.; Joaquim da Silva, Rua Isaias, s/n.; Antonio A. M. Sanhudo, Rua Isaias, s/n.; Antonio de O. Couto, Rua do Souto, s/n.; Manoel Lopes, Rua do Souto, s/n.; Jurandyr Ferreira da Costa, Est. Bandeirantes, km 21; Antonio Pinto de Figueiredo e outro, Rua São Pedro, s/n.; Jofre Rufino de Oliveira e outro,

Rua Capitão Menezes, 1561; Afrodísio de Oliveira, Rua Capitão Menezes, s/n.; Alcides Antonio da Cunha, Rua Luiz Beltrão, 316; João Caetano de Menezes Neto, Rua Amalia Franco, 538; Laerte Ferreira dos Santos, Rua Aragá, s/n.; Jair da Cunha Brás, Est. do Botafoço, 122; Manoel P. da Silva, Rua Capitão Paulo, s/n.; José Henrique Monteiro dos Santos, Rua Quebec, 88; José Saturnino da Silva, Rua Gen. Augusto Lisosn, 376; Porfirio R. Fernandes, Rua Arapiranga, 226; e Luiz Pereira Duarte, Est. do Colégio, 137.

MAPA DE DISTRIBUIÇÃO DE RESÍDUOS DE TRIGO DO MÊS DE MAIO DE 1958

QUOTA DO D.A.R.D.I.F.

Coop. Agrics. Criads. Jacarepaguá	400 scs
Coop. Cons. Avic. Dom. Jacarepaguá	500 scs
Coop. Agrícola de Bangu	300 scs
Coop. Agrics. Criads. Irajá Ltda.	200 scs
Coop. Agrics. Criads. Ilha Guaratiba	200 scs
Coop. Agrics. Criads. Guaratiba	200 scs
Coop. Agrics. Criads. Mato Alto	200 scs
Coop. Lavrads. Criads. Zona Rural Ltda.	200 scs
Coop. Bandeirantes	200 scs
Ass. Rural Realengo	300 scs
Ass. Rural Jacarepaguá	300 scs
Ass. Rural Viegas	300 scs
Ass. Rural dos Palmares	300 scs
Ass. Rural da Cachamarro	200 scs
Sociedade União dos Agricultores	300 scs

TOTAL 4.100 scs

MAPA DE DISTRIBUIÇÃO DE RESÍDUOS DE TRIGO DO MÊS DE JULHO DE 1958

QUOTA DO D.A.R.D.I.F.

Coop. Agrics. Criads. Jacarepaguá	400 scs
Coop. Cons. Avic. Dom. Jacarepaguá	400 scs
Coop. Agrícola de Bangu	200 scs
Coop. Agrics. Criads. Irajá Ltda.	200 scs
Coop. Agrics. Criads. Ilha Guaratiba	200 scs
Coop. Agrics. Criads. Mato Alto	200 scs
Coop. Lavrads. Criads. Zona Rural Ltda.	200 scs
Coop. Bandeirantes	100 scs
Ass. Rural Realengo	200 scs
Ass. Rural Jacarepaguá	100 scs
Ass. Rural Viegas	200 scs
Ass. Rural da Reta do Rio Grande	200 scs
Sociedade União dos Agricultores	200 scs

TOTAL 2.800 scs

"SELEÇÕES AGRÍCOLAS"

REVISTA MENSAL

Direção : Eurico Santos — Sylvio Leal — M. Nunes

Assinatura anual Cr\$ 100,00

Número avulso Cr\$ 10,00

Avenida Nilo Peçanha, 26-12.º — Tel.: 32-6163 — Rio de Janeiro — Brasil

DIA DO COLONO

Jaraguá do Sul, próspero
Município de Santa Ca-
tarina, comemorou fes-
tivamente o Dia do
Colono



1.º — Ruralistas presentes à chegada do Governador do Estado de Santa Catarina, ao município de Jaraguá do Sul, por ocasião da Festa do Colono.

2.º — Desfile dos animais vencedores na Exposição realizada em Jaraguá do Sul, Estado de Santa Catarina, no "Dia do Colono".

3.º — Ruralistas presentes às solenidades do "Dia do Colono", em Jaraguá do Sul, ouvem, atentamente as palavras do saudoso Governador do Estado, Dr. Jorge Lacerda.

4.º — Na exposição realizada no "Dia do Colono", em o município de Jaraguá do Sul, Estado de Santa Catarina, alcançou o 1.º prêmio — Equino 1957 — o animal Mossorô.



INVESTIMENTOS NA AGRICULTURA

BEN-HUR RAPOSO

Ao ensejo da Confência de Belo Horizonte, procurou a Confederação Rural Brasileira advogar o afluxo de capitais estrangeiros para as atividades agropastoris.

Essa missão foi bem complexa, porquanto o capital só emigra compulsivamente pela esperança de maior rentabilidade e pela certeza de garantia. No Brasil, a indústria oferece, sem dúvida, perspectivas de colocação e de lucro acima das possibilidades rurais, e o binômio rentabilidade-garantia reveste-se, assim, de inegável importância para investimentos do capital estrangeiro em nossa agricultura.

Falemos ao nosso país, pela mingua de ensilagem, transporte, crédito rural intensivo e consumo avassalador, argumentos econômicos facilmente convincentes para seduzir interesses imediatistas, e, por isso, tais contingências integrantes de nossa conjuntura agrária não passaram despercebidas aos participantes da Conferência de Belo Horizonte, e valém, todas elas, como obstáculos para a catequese dos capitais estrangeiros, de vez que a política de investimentos tem sido até hoje bem realista, resistindo às campanhas meramente publicitárias.

Essas dificuldades, entretanto, não levaram a C. R. B. a conformismo ou capitulação. A primeira tentativa foi no rumo das indústrias rurais, que — essas, sim — já oferecem melhores perspectivas de rentabilidade aos capitais disponíveis no exterior. Após o levantamento dessas atividades, notadamente aproveitamento dos derivados de carne e das plantas oleaginosas e certíficas, resta ainda apreclar o campo de ação para a indústria de doces, de artefatos vários de base vegetal, animal e mineral, e, já em esfera de maior envergadura, para a indústria do vergadura, para a rede complementar de armazéns e silos.

A segunda perspectiva favorável à agricultura conjugada à mineração. Esse propósito será, talvez, a de maior viabilidade política, pelo muito que contém de genuinamente rural, porquanto

o investimento — capital, maquinário, e outros implementos — virá através da pecunia e da predestinação profissional dos emigram por considerarem insatisfatórias as condições do país de origem. Esse, a nosso ver, o rumo mais acorde com a situação nacional e internacional.

Outro aspecto a considerar: a amplitude do problema, que permite cuidar de fazer convergir também para nossa agricultura capitais europeus e asiáticos, menos compensados em diversas nações, agora a braços com persistentes crises internas.

Passaremos agora a fixar, em itens, os aspectos mais preponderantes em uma política de investimentos na agricultura, segundo o documento apresentado em Belo Horizonte pela Confederação.

I — INDUSTRIAS COMPLEMENTARES DA AGRICULTURA

Nesse campo de ação industrial há, inegavelmente, amplas possibilidades de rentabilidade para os capitais estrangeiros.

Dentre esses setores capazes de merecer a preferência para investimentos, podemos lembrar os seguintes:

Óleos e Essências Vegetais — No Brasil, em 1955, existiam 340

fábricas de extração de óleos e essências vegetais, para valorizar uma produção crescente em quase todas as regiões do país.

Em 1956, segundo as estatísticas oficiais, pod ser assim demonstrado o progresso nesse setor da indústria rural:

TABELA I

Esse florescente parque industrial oferece magníficas perspectivas para investimentos do capital estrangeiro e os números acima arrolados bem demonstram o valor econômico dos empreendimentos, congêneres já em franco progresso no Brasil. Releva ainda acentuar as grandes possibilidades do desenvolvimento da indústria do óleo de dendê, para atender às necessidades da metalúrgica.

Industrialização do Pescado — Esse setor oferece, igualmente, perspectivas para o capital, sendo oportuno assinalar que o aumento da produção, entre 1953 e 1954, foi de 536 toneladas, segundo o Serviço de Estatística da Produção. Esse volume corresponde a mais de quatro vezes a soma das importações nesses dois anos. Produzimos, em 1954, 11.277 toneladas de sardinha em conserva e importamos 37 toneladas, ou seja, apenas 0,3% do total produzido no país.

As tendências do aumento do consumo interno são bem positivas, e essa circunstância justifica plenamente boa expectativa de rentabilidade a toda sorte de investimentos.

Releva esclarecer ainda que,

PRODUTOS	QUANTIDADE (t)		VALOR (Cr\$ 1.000)	
	1954	1956	1954	1956
Manteiga de cacau .	5.919	9.785	355.881	395.462
Óleo de amendoim ..	41.391	27.937	934.846	714.717
Óleo de caroço de algodão	82.812	93.424	1.446.052	1.798.411
Óleo de caroço de babaçu	34.882	32.674	837.378	891.463
Óleo de Linhaça	9.813	10.894	182.606	284.570
Óleo de mamona ...	42.114	39.621	351.875	693.667
Óleo de oiticica	5.819	12.493	42.140	128.693

Um símbolo de garantia



para os criadores!

**PRODUTOS VETERINÁRIOS QUE
ASSEGURAM A DEFESA DOS REBANHOS**

ACROMICINA INTRAMUSCULAR 100 mg
AUREOMICINA CÁPSULAS 250 mg
AUREOMICINA UNGÜENTO VETERINÁRIO
ACROMICINA ENDOVENOSA 250 mg
ACROMICINA ENDOVENOSA 500 mg
SULMET . . . terapêutica pelas sulfas
VERBAN . . . vermífugo com piperazina

* * *

ACRONIZE*

(CLOROTETRACICLINA)

para conservação de alimentos perecíveis



AUROFAC*

Suplemento Alimentar contendo AUREOMICINA* e Vitamina B12

assegura

PROTEÇÃO À PECUÁRIA NACIONAL

Solicite maiores informações à

CYANAMID QUÍMICA DO BRASIL S. A.

DIVISÃO AGROPECUÁRIA

* Marca
Registrada

Av. Rio Branco, 131 - 21.º andar - Caixa Postal, 1039 - Rio de Janeiro - D. F.

2285

FILIAIS E DISTRIBUIDORES EM TODO O TERRITÓRIO NACIONAL

com uma produção anual que se aproxima de um bilhão de cruzeiros (982,5 milhões em 1953), correspondentes a menos de 200 mil toneladas (174.630, em 1952, e 160.677, em 1953), o Brasil ainda não desenvolveu suficientemente os seus vastos recursos pesqueiros. Por isso, temos de despendar somas consideráveis na aquisição de peixe importado, principalmente o bacalhau, que ocupa um lugar destacado em nossas compras essenciais no exterior. 233 milhões de cruzeiros só no mês de março de 1955.

Leite em Pó — O consumo nacional orça, anualmente, em 22 mil toneladas de leite em pó e 20 mil toneladas de leite condensado, ensejando uma cota "per capita" de 700 gramas por ano, ou cerca de 2 gramas diárias. Os números oficiais demonstram ser maior o ritmo da produção do leite em pó: 9.458 t em 1951, para 18.045 em 1955 (quase 100%), enquanto o leite condensado alcançou, em 1955, 20.353 t apenas mais 23% do que a produção em 1951.

Mais de 3 milhões de dólares foram despendidos em 1955 com as nossas importações de laticínios, entre os quais o leite seco e em pó aparece com 2,9 milhões, referentes a 4.202 toneladas. Nos anos imediatamente anteriores vinhamos recebendo do exterior de 2 a 3 mil toneladas, mas em 1952 a quantidade superou esse limite, elevando-se a 8.475 toneladas.

Como se vê, na produção industrial do leite há possibilidades amplas para investimentos do capital estrangeiro.

Indústria de Alimentos Enlatados — O desenvolvimento do país, com as novas condições de vida nas cidades, dá, a esse ramo industrial, amplas perspectivas de crescimento. Em período recente (1951-1953) o volume físico dos principais produtos aumentou de 15.750 toneladas para 21.950, e o valor industrial ascendeu de 230 milhões a 457 milhões de cruzeiros. Rio Grande do Sul e São Paulo, possuidores de grandes frigoríficos, são os fabricantes quase exclusivos de alimentos enlatados entre nós, o primeiro com 61% e o segundo com 36% dos totais nacionais.

A salsicharia enlatada é o item mais importante: 10.300 toneladas no valor de 209.400 mil cruzeiros em 1953; de 14% em 1951, passou a representar 18% da salsicharia em geral. Segundo dados do Serviço de Estatística da Produção, a produção de carne de bovino enlatada diminuiu em relação a 1951, porém foi superior à de 1952, alcançando 110 milhões de cruzeiros. Já a de carne de suíno aumentou de mais de 2 vezes no triênio (90 milhões de cruzeiros em 1953).

Elevou-se, igualmente, a produção de língua e patê enlatados, o mesmo acontecendo com a de aves enlatadas, cujo volume duplicou no período. Todavia, o impulso mais expressivo foi o assinalado pela produção de feijoada, de procedência paulista na sua quase totalidade. De 246 toneladas em 1951, passou a 857 em 1952 e a nada menos de 2.181 toneladas em 1953, enquanto o valor subia de 2

milhões a 25,5 milhões de cruzeiros.

A fruticultura poderá receber também grande impulso, com o desenvolvimento da indústria de conservas e sucos de frutas, notadamente as tropicais, como o abacaxi, o caju, o maracujá, a goiaba e muitas outras. O mesmo acontece com os produtos desidratados, principalmente os produtos frutícolas.

Fertilizantes — Em face das crescentes necessidades do consumo nacional, o capital estrangeiro poderá exercer atividade pioneira, contribuindo para o desenvolvimento rural e obtendo boa rentabilidade para os seus investimentos. Qualquer demonstração torna-se necessária, bastando evidenciar-se o vulto de nossas importações de adubos manufaturados:

Releva ainda observar-se o pequeno volume de nossa produção de adubos de origem animal:

QUANTIDADE (t)		VALOR		
		Cr\$ 1.000		US\$ 1.000
1954	1956	1954	1956	1956
187.547	261.197	343.088	869.639	19.140

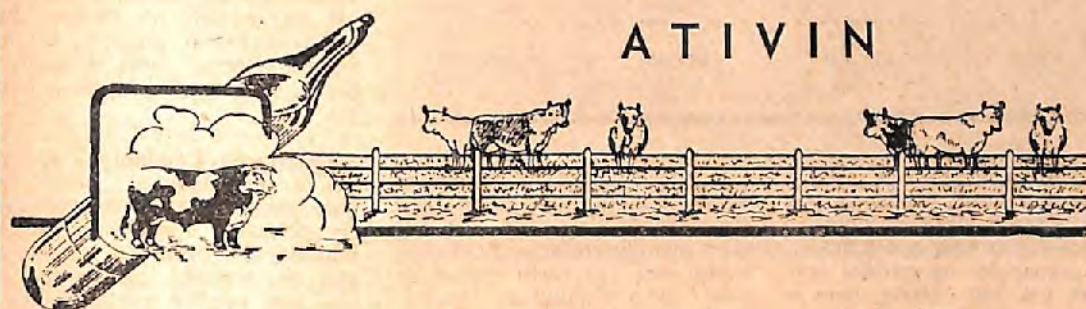
Esses números valem como argumento para vultosos investimentos em nosso país, onde terão fácil colocação os produtos decorrentes do maior aproveita-

mento de ossos, peixes, sangue, etc., ainda não devidamente incorporados à nossa exploração pecuária.

QUANTIDADE (t)		VALOR (Cr\$ 1.000)	
1954	1956	1954	1956
13.351	13.476	28.572	38.818

Indústria de Couros e Peles — Existem também nesse setor possibilidades para o capital estrangeiros, por se tratar de ati-

vidade em pleno desenvolvimento em nosso país, como se pode inferir pela produção consignada nas estatísticas oficiais:



NOVO PRODUTO MANGUINHOS

PRODUTOS VETERINÁRIOS MANGUINHOS LTDA, têm a satisfação de comunicar aos Srs. Criadores que o seu novo produto — ATIVIN — medicação estimulante inespecífica, já se encontra à venda.

Consulte o revendedor MANGUINHOS em sua zona, ou peça informações mais detalhadas à caixa postal 1420, Rio de Janeiro.

Especificação	QUANTIDADE (t)		VALOR
	1954	1956	1956
Bovinos	146.958	161.529	1.818.605
Suínos	5.279	5.688	119.188
Ovinos	2.350	2.027	60.243
Caprinos	1.157	1.307	40.616
Total	155.744	170.551	2.038.652

Nossas exportações de peles e couros, e mbruto, atingiram, em 1956, a quase dez milhões de dólares (referentes a 445.212 t), e os preparados ou cortidos renderam 944 mil dólares, para o volume de 51.232 t.

Indústria de Papel — Ao lado da silvicultura existe, no Brasil, amplo campo de ação industrial. Em 1956 já funcionavam em nosso país 115 estabelecimentos dedicados ao papel e ao papelão, com uma produção no valor de Cr\$ 9.101.313.000,00, mas que em absoluto podem atender aos reclamos do consumo nacional, como provam as seguintes importações, no mesmo ano:

talmente a agricultura nacional e aos capitais estrangeiros deve ser acenado para que, em caráter complementar, voltem suas vistas para tão vasto campo de ação, de rentabilidade garantida.

A rede nacional de armazéns e silos, que, com tantos percalços e tanta demora, os Poderes Públicos ainda não conseguiram estabelecer no país, precisa da cooperação dos capitais estrangeiros, porquanto acarreta importações vultosas, que já foram estimadas desde o Plano SALTE. Apesar do caráter oficial de que se revestiu o empreendimento entre nós, sem dúvida oferece ampla perspectivas para inves-

	TONELADAS	VALOR (Cr\$ 1.000)
Celulose não-sulfite	43.551	483.350
Celulose sulfite	75.712	956.141
Papel para ornal	136.460	516.155

A pasta de madeira, e o bagaço de cana constituem outro setor onde os capitais estrangeiros poderão exercer vultosa atuação.

II — INDÚSTRIA DO FRIO E DA ARMAZENAGEM

Em nossa atual situação agrícola não há como deixar sem especial referência a posição ímbar das indústrias do frio e da armazenagem. Delas carece vi-

timentos particulares, principalmente alienígenas.

A indústria do frio, ainda incipiente no Brasil, oferece igualmente as melhores perspectivas e não deve ser esquecida, pelo muito que virá contribuir para o equilíbrio da produção e da comercialização de valiosos produtos agrícolas.

Mister se faz ainda encarecer a oportunidade e a necessidade do desenvolvimento do transporte-frigorífico, tão reclamado pe-

lo consumo nacional e que oferece aos capitais estrangeiros possibilidades amplas de rentabilidade.

III — REAPARELHAMENTO TÉCNICO E ECONÔMICO

Para bem assegurar o regime de empresa-plena, e ensejar à iniciativa particular amplitude de ação, bem como considerar devidamente os imperativos da rentabilidade e da segurança de investimentos oriundos de capital estrangeiro, ou Poderes Públicos envidam esforços em diversos setores, entre os quais a C. R. B. especificou os seguintes:

Legislação Cambial — É visível a preocupação oficial em bem encaminhar a solução desse problema, através da uniformidade dos processos de licitação de moedas, campanha em que tem sempre contado com a cooperação da Confederação Rural Brasileira. Apesar das naturais dificuldades dessa adaptação financeira às peculiaridades de nossa complexa conjuntura econômica, em que ressaltaram as exigências de nosso orçamento-ouro, aproxima-se um período de diretrizes definitivas, que muito irão contribuir para o encorajamento de investimentos na economia nacional.

Política Tarifária — Nesse setor, de importância talvez decisiva para a agricultura, a Confederação já intercedeu junto aos Poderes Públicos, no sentido de que a legislação tarifária se aperfeiçoe para que sejam concedidas condições especiais para a importação de máquinas e outros implementos agrícolas, dentro do espírito construtivo que caracterizou a Instrução 113, da SUMOC, que procurou atender, de modo concreto, às necessidades do trabalho rural no Brasil.

Tudo indica que em breve o Governo terá solucionado o problema.

Política Imigratória — A Classe Rural, perante a Conferência de Investimentos, deseja deixar bem patente sua confiança no vulto e no mérito de investimentos através da imigração. Essa convicção se reforça, de modo bastante positivo, em face da preocupação do Governo brasileiro em retificar realisticamente

(Conclui na pág.

UMA DINÂMICA ASSOCIAÇÃO RURAL

O Associativismo Rural, no país, é uma força em marcha, com um grande acervo de bons e relevantes serviços prestados àqueles que labutam nos campos.

No Estado do Paraná, por exemplo, Associações Rurais Municipais existem que vem trabalhando intensamente

Associação Rural de Antonina, Estado do Paraná: secando café no terreiro.



Associação Rural de Antonina, Estado do Paraná: máquina de descascar café.

em prol da melhoria da produção agrícola.

A Associação Rural de Antonina filiada a FARP (Federação das Associações Rurais do Paraná), é um exemplo frizante do quanto têm conseguido realizar as Associações Rurais, conforme se verifica pela observação das fotografias anexas:

Em construção a Associação Rural de Morada Nova — Ceará



ECOLOGIA DA BATATA

ADALBERTO SERRA

PLANTIO EM JUNHO COLHEITA EM OUTUBRO

Trata-se duma planta natural de climas temperados, e embora na sua região de origem (Andes) a temperatura média anual seja 11°, melhor se desenvolve em zonas com valores entre 4 e 10°, as maiores colheitas se verificando na isoterma de 7°.

No Brasil não ocorrem índices tão baixos, e assim delimitamos como mais favoráveis as faixas abrangidas pelas isothermas anuais de 16° e 18° (carta 1), que ocupam partes elevadas do Paraná, Santa Catarina, Rio Grande do Sul, Minas e Estado do Rio, São Paulo, pois melhores as áreas em verde, e menos favoráveis as de cor azul, tudo justificando o fato da batata ser cultivada apenas no Sul, ou em regiões altas da faixa tropical.

Trata-se contudo de uma cultura precária, pois não é recomendável plantar em zonas de média anual superior a 16°. Daí decorrer a constante degeneração das sementes, que nos vemos obrigados a importar do estrangeiro.

Nos Estados Unidos as maiores colheitas se verificam nas zonas de temperatura em torno a 18° no mês mais quente. Entre nós o menor valor de tal mês é 20°, sobre Paraná e Santa Catarina, área delimitada em cor verde na carta 2. Para melhor estudar outras faixas, traçamos igualmente em azul as isothermas de 22°, cobrindo partes do Paraná, Santa Catarina, Rio Grande do Sul, São Paulo, Minas, Goiás, Estado do Rio e Pernambuco. Atendendo ainda a que o tubérculo não se desenvolve onde a temperatura ultrapassar 29° em um mês qualquer, traçamos também a isoterma de 28° do mês mais quente, em cujo interior (vermelho) a cultura será impossível.

Durante o ciclo da planta, (em média 3 — 4 meses, 80 a 100 dias nos Estados Unidos), é necessário que a temperatura média se mantenha sempre abaixo de 21°, dado que além deste valor a lavoura fica muito sujeita ao ataque de pragas diversas, e se desenvolve sobretudo num sentido vegetativo.

Assim, delimitamos na carta 3 a isoterma de 20° do mês mais frio, a qual permite assegurar, durante os 3 meses que ela representa, temperaturas médias abaixo de 21°. Claro está que, dado o clima Aw dominante ao norte do trópico, haverá pouca

chuva, o que exigiria cultura irrigada.

Mesmo assim, e atendendo a que nos Estados Unidos o ciclo da planta pede um mínimo de 150 mm de chuva, e um ótimo de 250 mm (valores aliás muito baixos face às maiores temperaturas do Brasil) delimitamos na mesma carta as isothermas de 200 mm 350 mm do trimestre mais frio, marcando em róxo as faixas ótimas, superiores a 500 mm, em verde as de 350 — 500 mm (chuva suficiente), em azul as de 200 — 350 mm (chuva escassa) e em laranja as que, abaixo de 200 mm, necessitam irrigação.

Note-se porém que as geadas no Sul impedem qualquer cultivo nesta época fria, e assim o maior valor da carta consiste em justificar as pequenas culturas da Bahia, Paraíba e Pernambuco, nas suas regiões mais elevadas (como Campina Grande, por ex.).

Quanto à época de plantio, torna-se principalmente necessário evitar a queima pelas geadas. Nos Estados Unidos, a boa regra é semear um mês antes da data da última geada, quando a média da primavera atinge 7° (por este fato, geadas tardias prejudicam a colheita). Assim, em Chicago, planta-se a 1 de maio, colhendo em 21 de julho. E onde o fenómeno é raro, como na Flórida, o plantio será feito no rigor do inverno, a 1 de janeiro, colhendo-se em 1 de abril.

Entre nós também não será necessário um cuidado excessivo junto ao litoral, onde a geada praticamente não ocorre. Mas no interior dos estados sulinos é preciso adiar a semeadura (perdendo-se as baixas e ótimas temperaturas de julho) até uma época isenta de perigo.

Na carta 4 marcamos a isolinha de 10 dias de geada por ano, ficando em vermelho as zonas onde este número é ultrapassado, e em branco aquelas onde o fenómeno tem menor importância, sobretudo junto ao oceano.

A geada obriga assim a retardar a época de plantio, que deveria ocorrer durante o inverno sulino, bastante chuvoso, mas precisa esperar até a primavera, quando o perigo vai cessando.

Estudemos agora, mediante a evolução mensal das isothermas médias, as melhores épocas de cultura.

Marcando no mapa 5 as isothermas de 21° e 18° em junho, depreende-se que no interior, ou ao sul das mesmas, poderiam ser feitas semeaduras da batata, sobre uma superfície que abrange aproximadamente 1/5 do território nacional.

Contudo, à época da colheita, em outubro, só apresentariam temperaturas favoráveis as áreas em azul (18° a 21°) ou verde (abaixo de 18°), respectivamente boa e ótima para planta, pois se teriam mantido, nos 4 meses decorridos, dentro dos limites aconselháveis.

Sucedem porém que neste mesmo período (junho — outubro, o total de chuva é insuficiente em São Paulo e Estado do Rio (50 mm em cada um dos 4 meses de junho a setembro, contra 120 mm em outubro), e ainda menor em Minas (com 20, 10, 50 e 150 mm nos mesmos meses). Dessa forma, nenhum plantio será possível em tais regiões. Ao sul do paralelo 24° a chuva já é suficiente (todos os meses com mais de 100 mm, totalizando 600 a 700 mm), porém as geadas frequentes impedem o cultivo, salvo junto ao litoral (mapa 4), onde a pequena amplitude da temperatura se constitui num fator favorável.

A única região em que se planta nesta época, é a isenta de geada em torno de Pelotas e São Lourenço no Rio Grande do Sul, aproveitando o frio do inverno (12° em junho), e as chuvas regulares (120 mm em junho, julho e agosto, contra mais de 150 mm em setembro e outubro) bem como a fraca amplitude térmica. Evita-se assim o verão quente (desde novembro a temperatura já se apresenta superior a 21°) e a colheita é feita sob seca relativa; além disso, os tubérculos se formam na época fria, de agosto a outubro.

Duas outras zonas análogas ainda existem no Rio Grande do Sul a Norte e Oeste, (mapa 4). Mas a forte amplitude diária é aí desfavorável à planta, acarretando resultados por vezes desanimadores. É o caso de Uruguaiana, Alegrete, Santa Maria e Santa Cruz.

PLANTIO EM JULHO — COLHEITA EM NOVEMBRO

Procedendo de modo semelhante ao do período anterior, fica-

ram delimitadas, na carta 6, áreas já bem menores.

A falta de chuvas impede a produção em Minas (total acumulado 70 mm, de julho a setembro, contra 250 mm em outubro e novembro), o mesmo se verificando em São Paulo.

A sul da latitude 24° as chuvas são suficientes, num total de 700 mm, mas as freqüentes geadas continuam a retardar o cultivo, salvo junto ao litoral. Como anteriormente, é ainda no Rio Grande do Sul, em torno a Pelotas, que prossegue o plantio em julho, com a colheita em novembro, sob um total de precipitação igual a 700 mm.

PLANTIO EM AGOSTO — COLHEITA EM DEZEMBRO

Pela carta 7 verifica-se que as condições térmicas ainda são menos favoráveis, com áreas mais reduzidas, todas no grupo 18 — 21°, salvo pequenos núcleos abaixo de 18°.

A chuva continua escassa no Estado de Minas, onde não se planta, pois caem 60 mm de agosto a setembro, contra 500 mm nos outros três meses.

A precipitação já é suficiente, porém, no Paraná e Santa Catarina, onde as geadas prosseguem impedindo o cultivo a oeste. Junto à costa, no entanto, ele já se inicia.

Planta-se igualmente em certos municípios próximos da Capital paulista (Cotia, Santo André, Guarulhos e Mogi das Cruzes), regiões altas e frias, cujas geadas são raras. As condições térmicas não são favoráveis, ultrapassando 21° a partir de dezembro.

Em São Paulo o plantio costuma ser feito em agosto com a formação dos tubérculos de outubro a dezembro, e colheita em janeiro, sob calor bastante intenso. As chuvas, aliás, são satisfatórias: 50 mm em agosto, 80 em setembro, 120 em outubro, 150 em novembro e 200 em dezembro, mas propiciando a possibilidade de pragas, sob o tempo quente chuvoso.

Trata-se assim de uma cultura do alti-plano mais frio, desaconselhada ecológicamente pela carta 7.

No Rio Grande do Sul, só a Sueste as condições de temperatura ainda permanecem boas, mas a chuva escasseia no fim do ciclo da colheita (70 mm em novembro, 70 em dezembro). No entanto as geadas, ainda freqüentes em setembro, aconselham retardar a semeadura.

VERMES ? OPILAÇÃO ?

PANVERMINA



GLOBULOS DE GELATINA (JÁ PURGATIVOS)

Golpe certo

CONTRATODOS os VERMES

LABORATORIO PANVERMINA

RUA SAMPAIO FERRAZ, 38-RIO

PLANTIO EM SETEMBRO — COLHEITA EM JANEIRO

Pela carta 8, as condições de temperatura já são pouco favoráveis (18 a 21° apenas) e limitadas a áreas menores. Mas a geada não oferece maior risco, e as chuvas são suficientes. Assim em Minas o total é bastante elevado (700 a 800 mm), o que explica as culturas de São Lourenço e Maria da Fé, por exemplo, com plantio em setembro e colheita em janeiro, aproveitando as baixas temperaturas resultantes da grande altitude.

No Paraná e Santa Catarina as precipitações tornam-se até excessivas (800 mm), o plantio ocorrendo em setembro — outubro, com a formação dos tubérculos em novembro — dezembro, e a colheita de janeiro a março (municípios de Itatí, Mallet, Rebouças, Rio Azul, Araucária, Lapa e São José Pinhais, no Paraná; São Bento, São Joaquim em Santa Catarina). Mas a zona favorável se limita à bastante elevada do planalto, dado que, ao nível do mar, janeiro já apresenta média superior a 21°. Em São Paulo prossegue ainda a plantação, em zonas que já reconhece-

mos pouco favoráveis (Água do Prata, por exemplo).

PLANTIO EM OUTUBRO — COLHEITA EM FEVEREIRO

Como janeiro é mais quente que o mês seguinte, teremos de reproduzir os traçados da carta 8 (setembro — janeiro).

Trata-se de um plantio retardado no Paraná e Santa Catarina, livre de geadas, porém mais sujeitos a pragas, sob a alta temperatura do ciclo final. A chuva aliás é excessiva (total superior a 1000 mm).

O mesmo sucede em Minas (900 mm), quando as elevadas temperaturas vão desaconselhando o plantio, que no entanto ainda se faz.

Não tendo qualquer cabimento, dadas as altas temperaturas, uma cultura no verão, analisaremos agora a segunda semeadura, no fim da estação quente.

PLANTIO EM FEVEREIRO — COLHEITA EM JUNHO

Aproveitando a fase anterior às geadas, bem como o gradual declínio térmico e as chuvas abundantes do verão e outono,

planta-se novamente em fevereiro, no Paraná e Santa Catarina (carta 9).

As temperaturas, ainda elevadas, estão acima do ótimo, só se aproveitando a faixa 18 — 21°. As precipitações são mais escasas a leste, onde descem a 70 mm em abril e maio, contra 50 em junho. Mas, de qualquer modo, esta segunda saíra não se apresenta tão proveitosa, salvo talvez por menos afetada pelas pragas, dado o menor total pluviométrico.

Em Minas ainda seria possível um plantio em área reduzida o qual se verifica, dada a extrema escassez de chuvas no fim do ciclo (80 mm em abril, 20 em maio e 20 em junho).

No Estado de São Paulo faz-se igualmente uma segunda semeadura nesta época, embora não aconselhável ecológicamente.

PLANTIO EM MARÇO — COLHEITA EM JULHO

Já agora, sob o ponto de vista das temperaturas, o clima se torna melhor, havendo mesmo áreas ótimas, inferiores a 18°, enquanto as faixas de 18 — 21° se apresentam maiores (carta 10).

Contudo, a grande escassez de chuvas (120 mm no total de abril a junho) impede o cultivo em Minas.

No Paraná as precipitações são também insuficientes — (360 mm no total), enquanto a geada começa a reaparecer. Mas ainda se planta nesta fase.

Nos municípios paulistas, tanto em fevereiro como em março se fazem semeaduras, não recomendáveis porém, sob o ponto de vista ecológico, como o demonstra a carta. Há culturas também em Cunha e Campos do Jordão.

PLANTIO EM ABRIL — COLHEITA EM AGOSTO

Sob o ponto de vista térmico, haveria extensas áreas favoráveis, desde Minas até o Rio Grande do Sul (carta 12). Mas a seca impede qualquer cultivo em Minas (total de 200 mm nos 5 meses), e as geadas o proíbem no Sul, onde contudo as chuvas seriam suficientes (mais de ... 700 mm).

É de hábito, contudo, semear nas várzeas brigadas de São Paulo, aproveitando as temperaturas favoráveis. Na Baía da Fluminense também se planta em abril, no fim das chuvas (100 mm), formando-se os tubérculos de maio a julho (sob chuvas de 90, 50 e 50 mm), a colheita ocor-

rendo em julho. A evolução leva cerca de 105 dias, ou menos, se houver muita insolação. É esta a melhor época na região, pois o intenso calor impediria qualquer plantio em setembro (temperatura de 24°). Mas, como vemos na carta 11, os pequenos trechos do Estado do Rio são favoráveis à batata, por ex.: os montanhosos de Friburgo, Teresópolis, Santa Maria Madalena. Cultiva-se ainda em Santa Leopoldina, no Espírito Santo.

As escassas e irregulares chuvas de inverno tornam a colheita muito precária, ou dependente da irrigação; mas, por outro lado, dificultam o aparecimento de pragas.

Com uso exclusivo da rega, será mesmo melhor plantar no rigor do inverno, de 15 de maio a 15 de junho, irrigando pelo menos um vez na semana, e sobretudo no florescimento.

PREVISÃO DE SAFRAS

Nos Estados Unidos a pior colheita, quanto ao rendimento, é obtida quando o mês de julho transcorre "seco e quente", a melhor com o referido mês "frio chuvoso". Desse modo, como índice favorável, deveria ser chuvoso e frio o último mês, antes da colheita, salvo quanto ao ataque por pragas. Mas não foi feito qualquer estudo a respeito.

Constituem também fatores propícios: chuva logo antes do florescimento, e frio seco nos 10 dias após o mesmo.

PRAGAS

A "phytophthora infestans" (late blight), que causou a famosa "fome" da Irlanda, no século passado, surge nas zonas de temperatura média, no mês mais quente, em torno a 21°. Desenvolve-se com valores de 21 a 23°, sendo 22° o seu ótimo; já acima de 24°, a praga começa a desaparecer. Assim, nas zonas frias do Sul, ela aparece nas fases de calor (21 a 23°) sempre que o mesmo perdura longo tempo, acompanhado de chuvas, seguidas de calmarias e céu encoberto.

Trata-se de verões quentes, quando a Frente Polar permanece na Argentina ou Rio Grande do Sul, e o Paraná e Santa Catarina ficam sob precipitações das descontinuidades tropicais, a água aderindo às folhas das plantas sem evaporar.

Se porém, após as chuvas o céu ficar limpo, e há ventos fortes, as folhas secam e a praga não se desenvolve. Será o caso de rápi-

das passagens frontais, seguidas de ar polar continental.

Nas regiões muito quentes (e como vimos desaconselháveis ecológicamente) a praga é, pelo contrário, característica das épocas frias quando, sob chuvas constantes, a temperatura declina aos valores 21 — 23°.

Note-se aliás que um só ano de verão fresco e chuvoso não basta para desenvolver a phytophthora, que exige uma repetição de tais condições por vários anos. E neste caso o primeiro verão quente e seco faz terminar a doença.

De qualquer modo, já num artigo anterior, publicado na revista "A LAVOURA" recomendamos a faixa do Paraná e Santa Catarina, no planalto de vertente oceânica, como a mais isenta de pragas.

(Conclusão da pág. 44)

te é conceito da transferência de riquezas através dos imigrantes qualificados para o trabalho rural. Os primeiros estudos já estão ultimados e se esforçam os Poderes Públicos no sentido de novas definições legais que venham atender, amplamente, o espírito do texto constitucional e os interesses da economia do país.

Vê-se, pois, que a intensificação da veiculação de capitais estrangeiros através da imigração constitui, para a Classe Rural, um dos pontos basilares de qualquer política de investimentos e, por isso mesmo, a Confederação reclamou, em Belo Horizonte, a melhor das atenções para esse aspecto do problema.

(Conclusão da pág. 27)

Para as raças finas é conveniente argolar-se os touros, devendo esta operação ser feita quando o animal ainda é jovem (9 para 12 meses).

O uso do tourinho na reprodução deve ser controlado. Não empregá-lo para este fim, antes de um ano e após esta idade usá-lo cautelosamente, deixando-o a padrear apenas uma ou duas vezes por semana. Como regra prática, não se he deve destinar, durante o ano, maior número de vacas do que os meses de idade que tiver. Uma ou duas coberturas por cio bastam, e, uma vez realizada a "cobertura", separá-lo da fêmea, condundolo ao seu sítio ou local.

USINA VICTOR SENCE S. A.

PRODUTOS DE QUALIDADE

Um empreendimento agro-industrial 100% brasileiro, fundado em 1914, e dedicado ao aproveitamento racional dos produtos e sub-produtos da lavoura canavieira, para o melhor abastecimento do parque industrial.

EM 1915, JÁ PRODUZIA ALCOOL DE MELAÇOS RESIDUAIS.

EM 1931, FOI O PIONEIRO, NO BRASIL DO ALCOOL ANIDRO.

EM 1951, COLOCOU SEUS RECURSOS AGRÍCOLAS A SERVIÇO DE SUA NOVA E MODERNA SUCROQUÍMICA, UMA INDÚSTRIA QUÍMICA DE BASE, QUE PRODUZ:

Por fermentação:
BUTANOL NORMAL
ACETONA PURA

Por síntese orgânica:
ÁCIDO ACÉTICO GLACIAL
ÉSTERES ACÉTICOS

Matérias primas essenciais à consolidação da infra-estrutura industrial do país

EM 1956, graças às providências saneadoras do governo e ao aval do BANCO NACIONAL DO DESENVOLVIMENTO ECONÔMICO, USINA VICTOR SENCE S/A pôde efetivar, com recursos financeiros exclusivamente particulares e nacionais, a encomenda de:

NOVO APARELHAMENTO NACIONAL, NO MONTANTE DE

CR\$ 20.000.000,00

EQUIPAMENTO ESTRANGEIRO ESPECIALIZADO, NO MONTANTE

DE US\$ 1.147.600,00

cuja produção, não somente aumentará, consideravelmente, já em 1958, o poder gerador de economias cambiais desta indústria básica, como também PROMOVERÁ O IMEDIATO REEQUILÍBRIO DA BALANÇA ENTRE A PRODUÇÃO E O CONSUMO NACIONAL DESTES PRODUTOS QUÍMICOS ESSENCIAIS.

USINA VICTOR SENCE S. A.

congratula-se, pois, com as autoridades governamentais e com sua prezada clientela industrial pelo ensejo que lhe é oferecido de continuar sendo, sempre mais e sempre melhor,

UMA INDÚSTRIA A SERVIÇO DA INDÚSTRIA

PERDEU O RURALISMO BRASILEIRO UM GRANDE LÍDER

Faleceu a 7 de junho último, repentinamente, o Engenheiro Agrônomo João Maurício de Medeiros, figura intimamente ligada não só à Agronomia, mas ao associativismo rural do país.

Membro, dos mais antigos e dos mais ativos, da Socie-

Quando da fundação da Confederação Rural Brasileira, o seu nome resultou, na composição da chapa da primeira Diretoria, como primeiro secretário. Nesse cargo permaneceu por dois períodos administrativos, isto é, durante seis anos, quando

de proveito, os primeiros passos da entidade, na ocasião sob a presidência do dr. Mário de Oliveira.

Prestou grandes serviços no Ministério da Agricultura e nas instituições a que serviu sempre com lealdade, patriotismo e grande objetividade.

A Lavoura, faz suas palavras de Gleba, que ainda há pouco inseriu alguns trabalhos do Dr. João Maurício, justamente a respeito da Sociedade de Agricultura da Paraíba, associa-se ao pesar de todos os ruralistas pelo passamento daquele ilustre brasileiro.

RESUMO DA VIDA PÚBLICA DO ENGENHEIRO AGRÔNOMO JOÃO MAURÍCIO DE MEDEIROS

1 — Em 1920, conforme portaria de 14 de Junho, sendo Presidente do Estado da Paraíba o Dr. Francisco Camillo de Hollanda, foi nomeado Inspetor do Serviço de Defesa do Algodão, que era subvencionado e fiscalizado pelo Governo Federal, cargo esse correspondente ao de Diretor e nas funções do qual permaneceu até 31.3.24.

2 — Nesse período representou o Estado, por designação do Presidente Solon de Lucena, na Exposição Nacional do Centenário da Independência Política do Brasil, tendo oportunidade de apresentar um trabalho à Conferência Internacional Algodoeira, intitulado "O Serviço de Defesa do Algodão no Estado da Paraíba", trabalho esse que foi aprovado e publicado nos anais da mesma Conferência, sendo, em 1933, relacionado entre os títulos com que se apresentou ao concurso de que resultou a sua efetivação no cargo de Inspetor do Serviço de Plantas Têxteis, que vinha exercendo interinamente.

3 — Ainda no período citado e por designação do Presidente Solon de Lucena, representou o Estado no Congresso de Agricultura do Nordeste, Realizado, em Recife, em começos de 1923, no qual fez conhecer o trabalho citado no item 2, que mereceu o mais honroso parecer e apresentou um outro intitulado "O Problema da Imigração da Paraíba", que foi aprovado e inserto nos respectivos anais, sendo, como o anterior, incluído entre os títulos com que concorreu ao concurso já mencionado.

4 — A 1.º de abril de 1924 sem que houvesse, portanto, solução



Dr. João Maurício de Medeiros, grande ruralista paraibano e técnico dos mais destacados do Ministério da Agricultura, cujo falecimento em Junho, enlutou a Sociedade Nacional de Agricultura.

dade de Agricultura da Paraíba, seu Estado natal, ali exerceu diversos cargos importantes e, como membro da Diretoria da Sociedade Nacional de Agricultura, na Capital do País, era uma espécie de ministro plenipotenciário da agricultura nordestina no Rio de Janeiro.

teve oportunidade de, mais de uma vez, demonstrar os seus conhecimentos dos problemas do associativismo rural como o seu devotamento pela causa.

Contando tão somente com a sua capacidade pessoal e com as de que dispôs na Sociedade Nacional de Agricultura, pôde ajudar, com gran-



É MAIS LUCRATIVO MULTIPLICAR A PRODUÇÃO DE 1 ALQUEIRE COM BOM ADUBO, QUE PLANTAR TRATAR E COLHER 3 ALQUEIRES-POIS SÓ A ECONOMIA DE BRAÇOS COMPENSA FARTAMENTE O SALITRE DO CHILE É UM ADUBO NATURAL QUE REFORÇA A PRODUTIVIDADE DO SOLO EXPERIMENTE-O!

SOLICITE FOLHETOS E INFORMAÇÕES, GRATUITAMENTE.



"CADAL" CIA. INDUSTRIAL DE SABÃO E ADUBOS
AGENTES EXCLUSIVOS DO SALITRE DO CHILE
 PARA O DISTRITO FEDERAL, ESTADOS DO RIO E ESPÍRITO SANTO
RUA MÉXICO, 111-12.º AND. (SEDE PRÓPRIA)
CAIXA POSTAL 875 — TELS. 42-0881 e 42-0115

de continuidade, foi nomeado, ainda pelo Presidente Solon Lucena, em virtude de reforma no Serviço de Defesa do Algodão, para o cargo de Diretor do Serviço Estadual do Algodão, também subvencionado e fiscalizado pelo Governo Federal e em cujas funções permaneceu, a contar daquela data, até 29.1.25.

5 — A 30 de Janeiro de 1925 assumiu o cargo de Diretor do Serviço de Agricultura e Indústria Pastoral, para o qual foi nomeado, no dia anterior, pelo Presidente João Suassuna, cargo esse em cujo exercício permaneceu até 2.2.26.

6 — A 3 de Fevereiro de 1926, por nomeação do mesmo presidente João Suassuna, assumiu as funções de Prefeito da Capital do Estado da Paraíba, das quais foi exonerado, a pedido, por ato de 22.10.28.

7 — Nesse período, por designação do mesmo Presidente João Suassuna, representou o Estado na Conferência Açucareira de Recife, certame a que compareceram todos os Estados interessados na lavoura da cana de açúcar no país, desde São Paulo ao Rio Grande do Norte.

8 — Em meados de 1930, sendo Presidente do Estado e Chefe Político na Paraíba o Grande Presidente João Passoa, foi, por S. Excia., indicado Deputado à Assembleia Legislativa do Estado, que o elegeu Secretário de sua Mesa.

9 — Vitoriosa a Revolução, foi, pelo Ministro José Américo de Almeida, então Chefe do Governo revolucionário do Norte do país, designado membro e Secretário de uma Comissão incumbida de estudar os vários problemas relacionados com a economia do Estado, de modo a orientar o novo Governo na elaboração do seu programa de administração. Nessa Comissão, alás não remunerada, além do relatório e redação das conclusões, feitos em colaboração com o respectivo Presidente, Dr. Diogenes Caldas, Inspetor Agrícola Federal do Estado, coube-lhe escrever sobre "A Pequena Açudagem como fator econômico", trabalho esse que também figurou no rol daqueles como que se apresentou a Concurso para efetivação no cargo de Inspetor de Plantas Têxteis.

10 — A 20 de Novembro de 1930 foi designado, pelo Interventor Dr. Antenor Navarro membro e presidente da Comissão Revisora do Quadro dos Funcionários Ina-

tivos do Estado, comissão essa que era integrada, além de outros, pelo Dr. Gratuliano de Brito, Secretário do Interior e substituto que foi do Interventor Navarro e pelo Dr. Maurício Furtado, atual membro do Tribunal paraibano. Durante 3 anos, 6 meses e 11 dias, que foi quanto durou dita comissão, estava à frente dos seus trabalhos, que também não eram remunerados.

11 — A 2 de Janeiro de 1931 assumiu o cargo de Secretário da Agricultura, Comércio, Indústria, Viação e Obras Públicas, para o qual foi nomeado pelo referido interventor Antenor Navarro e em cujas funções permaneceu até o dia 12 de Dezembro do mesmo ano. Nesse período respondeu, por várias vezes, mediante designação do Interventor, pelo expediente das Secretarias da Fazenda e do Interior, Justiça e Instrução Pública e bem assim da Prefeitura da Capital.

12 — A 12 de Dezembro de 1931 assumiu o cargo de administrador da Fazenda de Sementes do Espírito Santo, do extinto Serviço Federal de Algodão e bem assim o de Delegado do mesmo Serviço no Estado da Paraíba, para os quais foi nomeado e designado, respectivamente, por Decreto do Presidente da República e Portaria do Ministro da Agricultura, nos quais permaneceu até 28.2.33.

13 — A 1.º de Março de 1933 assumiu o cargo de Inspetor de 1.ª Classe, interino, da 1.ª Seção Técnica da Diretoria de Plantas Têxteis, da Diretoria Geral de Agricultura, nele permanecendo até 31.5.34.

14 — A 1.º de Junho de 1934, em virtude de concurso de títulos passou a exercer o referido cargo em caráter efetivo, conforme Decreto de 8 de Maio do citado ano, nele permanecendo até 20 de Setembro.

15 — No período compreendido nos itens 12 e 14 exerceu, por designação do Interventor Gratuliano de Brito, sem qualquer remuneração, as funções de membro das Sub-Comissões de "Parques e Jardins" e de "Alinhamentos", da Comissão do Plano de desenvolvimento da cidade de João Pessoa e bem assim da Diretoria do Montepio dos Funcionários Públicos do Estado.

16 — A 21 de Setembro de 1934 assumiu o cargo, em comissão, de diretor do extinto Serviço de Plantas Têxteis, em cujas funções permaneceu até 31 de Dezembro de 1938, conforme consta dos

seus assentamentos na Divisão do Pessoal do Ministério da Agricultura.

17 — Nesse período, foi designado substituto eventual do Diretor Geral do Departamento Nacional do Produção Vegetal, cujas funções exerceu nos seus impedimentos assim como respondeu pelo expediente das Diretorias dos Serviços de Irrigação, Reflorestamento e Colonização, Ensino Agrícola e Fruticultura.

18 — Durante ainda a sua gestão em Plantas Têxteis, ocorreu a circunstância de haver sido escolhido: a) — pelo corpo de diretores do Ministério, para, no banquete oferecido pelo titular da Pasta da Agricultura, saudar os Delegados dos Governos Estaduais, aqui reunidos por convocação especial de S. Excia., a fim de serem estudadas as possibilidades de generalização do regime de acordos entre a União e os Estados, no tocante à execução de serviços de idêntica finalidade; b) — pela diretoria da Sociedade Brasileira de Agronomia, para, na sessão solene de inauguração, saudar os membros do II Congresso Brasileiro de Agronomia, aqui realizado e c) — pela Congregação da Escola Nacional de Agronomia, para, na festa do seu Jubileu, saudar os professores que, com ele, completavam 25 anos de magistério.

19 — A partir de 1.º de Janeiro de 1939 com a extinção do Serviço de Plantas Têxteis, passou a exercer as funções de Chefe da Seção de Plantas Têxteis da Divisão de Fomento da Produção Vegetal, cargo esse em que permaneceu até 14 de Fevereiro de 1939.

20 — A 15 de Fevereiro de 1939 assumiu as funções de Diretor da Divisão do Material, do Departamento de Administração do Ministério da Agricultura, onde serviu até 1942.

OUTROS CARGOS NO MINISTÉRIO DA AGRICULTURA

1942 — Assumiu em 28/2 a chefia do Gabinete do Ministro da Agricultura, tendo nesta oportunidade respondido pelo Expediente como Ministro Interino (designações em 16/9/1942 e em 29 de maio de 1944).

1945 — Nomeado para a Div. de Material em 21/11/1945.

1947 — 11/3 — Chefe da Seção de Plantas Têxteis.

(Neste período esteve servindo no Gabinete Civil do Pres. Eurico Dutra).

1953 — Nomeado Chefe da Div. do Pessoal em 14/5/53.

1954 — Diretor do Departamento de Administração 14/7/54.

1954 — Diretor do Dep. Nac. de Produção Vegetal — 26/6/54.

1954 — Chefe do Departamento de Administração, cargo no qual se aposentou no início de 1957.

1957 — Dezembro — Foi nomeado Assistente da Presidência do S.S.S.C.

(Conclusão da pág. 18)

A Fábrica de Produtos Nestlé, de Três Corações, foi construída numa área de 244.372 m², de modo que há possibilidade para grande expansão.

A sua área construída é de 11.022 m², onde se localizam seções como: recepção de leite ou plataforma, pesagem, laboratórios, tanques ou depósitos de leite, resfriamento, condensação, homogeneização, pulverização, enlatamento, caixotaria, compressores para a produção de frio, caldeiras, armazéns, refeitórios para auxiliares e operários, etc.

Para a limpeza, a Fábrica possui um moderno sistema de tratamento de água marca Fermatit, que filtra, purifica até 43.000 litros por hora.

A Fábrica de Três Corações no pico da produção pode industrializar 160.000 litros de leite em pó, por dia, ou seja, 58.000 toneladas, por ano.

Possui três grupos geradores, a vapor e óleo Diesel, com capacidade para produzir 638 Kw. Além disto, a Fábrica possui, ainda, caldeiras a óleo.

Uma fábrica do tipo da que ora se inaugura, trás para a região grandes modificações no aspecto sócio-econômico com a condução, para a mesma, de grandes recursos financeiros provenientes, dos grandes centros. Assim, além da questão dos transportes, aquisições de material, pagamentos de salários e serviços, feito na região, há a compra do leite para transformá-lo em leite em pó ou condensado. Alcançando o ponto alto da produção, a Fábrica de Três Corações, pagará aos senhores fazendeiros, perto de Cr\$ 1.000.000,00 por dia.

A inversão de recursos para a construção desta Fábrica, é da ordem dos 200 milhões de cruzeiros.

PROCLAMAÇÃO DA CONFEDERAÇÃO RURAL BRASILEIRA AOS PRODUTORES DE LEITE

Em face da difícil conjuntura que a Nação atravessa, asseverada por problemas de ordem econômica, financeira e social as majorações dos preços de gêneros imprescindíveis a alimentação humana encontram sempre obstáculos quase insuperáveis.

Por outro lado, a situação deficitária dos produtores dos Estados de Minas Gerais, São Paulo, Rio de Janeiro e Espírito Santo exigia um preço justo para o leite, como paga do esforço heróico da classe produtora.

A Confederação Rural Brasileira apresentou aos órgãos competentes minucioso memorial, em que consubstanciava a reivindicação da classe. A demora de uma solução satisfatória levou os produtores a desviarem dos centros de consumo o leite "in natura", destinando-o à indústria mais remuneradora de queijo, manteiga, leite em pó, etc.

O Governo da República, no entanto, levando em consideração os reclamos da classe, decidiu, hoje, através da COFAP atender, em parte, a solicitação dos produtores, concedendo a majoração de Cr\$ 1,30 (um cruzeiro e oitenta) por litro de leite na fonte produtora, no propósito de harmonizar os interesses de produtores e consumidores. Esta Confederação, reconhecendo o esforço dos poderes públicos e as dificuldades para uma solução mais justa, apela para o espírito de concórdia e renúncia dos produtores, concitando-os a abastecerem novamente os grandes centros de leite "in natura".

Não abdica, porém, a Confederação Rural Brasileira de prosseguir na defesa dos companheiros que, no interior, labutam para o engrandecimento do Brasil.

Rio de Janeiro, 10 de julho de 1953.

As.) IRIS MEINBERG
Presidente

PLANO NACIONAL DE PESCA

Aspectos Sociais e Econômicos

CONSIDERAÇÕES PRELIMINARES

Dêsde o instante em que assumimos a Superintendência da Caixa de Crédito da Pesca, sentimos a imensa responsabilidade de nossas atribuições e consideramos a necessidade urgente de contribuir, seguindo a orientação de V. Excia., para a formação de uma nova mentalidade no litoral brasileiro, observando-se uma política de pesca capaz de ajustar nossa pátria aos grandes centros de pesca do mundo.

O velho método improvisador que caracteriza a atividade pesqueira, mesmo nos grandes centros do país, não permite a evolução dessa indústria. Precisam ser aplicadas novas fórmulas sociais, técnicas e econômicas. Será necessário prever e planificar, reabilitando o pescador brasileiro e facilitando sua integração definida e definitiva na economia nacional.

Esta a razão por que decidimos submeter à aprovação de V. Excia. um programa administrativo, tomando por base os recursos existentes previsíveis.

O PESCADOR BRASILEIRO

Nossos pescadores realizam eficientes tarefas marítimas, considerando-se o precário material de captura que utilizam.

Devidamente registrados, cerca de 250 mil pescadores operam em nossas costas. Esses nossos patrícios manobram 110.000 embarcações e desta apenas 1.000 possuem propulsão mecânica, concluindo-se que prevalecem, emprestando um colorido poético, às praias nordestinas, as seculares jangadas, botes, canoas e cascos, assim como outras espécies de precários aparelhos de captura.

Com esse material obsoleto, nossos valentes patrícios, conquistaram expressiva posição em nossas estatísticas, produzindo em 1957, 240 milhões de quilos de pescado, no valor de aproximadamente 3 bilhões de cruzeiros.

MECANIZAÇÃO DO SISTEMA NACIONAL DE PESCA

Bressalta, portanto, imediatamente, a urgente necessidade de mecanizar a frota nacional de pesca, mediante a transformação de um sistema que não mais corresponde à realidade brasileira, nesse setor.

O material de captura existente, atesta a coragem e eficiência de nossos pescadores, navegando águas calmas ou procelosas, extraindo riquezas cujo custo não corresponde ao enorme sacrifício que essas operações exigem.

Sem dúvida, a jangada é uma peça de museu.

Conferindo-se aos nossos patrícios — homens da pesca — aparelhamento mecânico moderno, poderão eles realizar uma pesca de melhor rendimento econômico.

Certamente, as operações de grandes barcos de pesca, como acontece atualmente no nordeste brasileiro, altera os níveis conhecidos de produtividade, atestando claramente a precariedade do sistema nacional de pesca.

As populações nordestinas e os centros consumidores do sul podem ser convenientemente abastecidos do precioso alimento marinho, a pre-

ços logicamente inferiores, pois a jangada não pode concorrer com o navio.

Entretanto, basta saber se o progresso técnico de um empreendimento particular pode contribuir para a solução de um problema social e econômico premente que amargurar o pescador nacional, em certas áreas do país.

Acreditamos e sempre defendemos o ponto de vista da conveniência de modificar-se o sistema nacional de pesca, através da execução de um plano capaz de reforçar a capacidade de captura de nossos patrícios no litoral brasileiro, proporcionando-lhes aparelhamento técnico moderno.

Ora, a mecanização do sistema nacional de pesca, poderá triplicar, a curto prazo, a capacidade de produção de nossos pescadores, confirmando-se desta maneira, as opiniões formuladas por eminentes técnicos da FAO e diversas missões econômicas que pesquisaram o litoral brasileiro. Simplesmente, nossa produção alcançaria, em pouco tempo, 6 bilhões de cruzeiros.

O reequipamento da frota nacional de pesca, produziria a evolução natural de nossa indústria de pesca, ao longo da extensão costa brasileira, evitando-se operações de sentido meramente comercial, especulativo, sem atender às peculiares características sociais e econômicas dessas regiões.

Registram-se indubitavelmente, vultosas operações mercantis, denunciadoras de nossas imensas reservas de alimento marinho. O total geral das vendas realizadas por embarcações japonesas, por exemplo, de janeiro a dezembro de 1957, atingiu a cifra de 77 milhões de cruzeiros. As operações de pesca, foram realizadas por 8 barcos japoneses, capturando precisamente, 2.992.569 quilos de pescado.

Estes números evidenciam a necessidade urgente de aplicação do PLANO NACIONAL DE PESCA, quando são confrontados aqueles resultados com os correspondentes índices da produção do pescado nacional, isto é, com o precário aparelhamento a que nos referimos, foram extraídos 230.282.339 quilos de pescado no valor de Cr\$... 2.868.099.005,00.

E' a luta gloriosa da jangada que enaltece o nordestino, ou o drama do "caçara" contando apenas com a força de seus músculos para a colheita diária de um produto que antes de chegar às cidades recebe o crivo violento da ação do intermediário, pois não é praticada uma política de valorização do trabalho e do produto colhido por nossos patrícios.

O PLANO NACIONAL DE PESCA, ora submetido à apreciação de V. Excia. deverá ser aplicado com urgência, considerando-se a firme disposição do Exmo. Sr. Presidente da República, que deseje concretizar um dos capítulos mais importantes de seu programa de governo — Alimentação.

Essa política consulta os mais altos interesses nacionais, pois o desenvolvimento dessa indústria não atenderá, somente as necessidades nacionais, corrigindo declaradas deficiências de nutrição de nosso povo, mas abre novas perspectivas à exportação de produtos insistentemente reclamados, principalmente nos Estados Unidos, como é o caso da lagosta e do camarão, abundantes em nossas águas.

PRODUTOS MARINHOS EXPORTÁVEIS

A África do Sul já explora racionalmente a captura da lagosta, exportando-a para o mercado

norte-americano. As últimas estatísticas daquele país registram remessas para o exterior de quase 100 milhões de dólares, anualmente. A capacidade de colocação para esse produto somente nos Estados Unidos é de 240 milhões de dólares. Parece-nos oportuno esclarecer que a África do Sul (cujas reservas não são superiores às existentes no nordeste brasileiro) só entrou na prática da pesca racional deste precioso crustáceo, a partir de 1945. Até 1944, a pesca nesse país, ainda era feita da mesma forma primitiva como é praticada pelo nosso pescador nordestino. Presentemente a lagosta está à frente — em receita — dos produtos africanos exportáveis.

As características da costa brasileira são ideais para a captura dessa espécie.

Podem realizar-se de maneira fácil e altamente produtiva, exigindo, apenas, barcos e aparelhamentos adequados.

Também o camarão pode figurar expressivamente em nossa balança de exportação. Vastas áreas da costa brasileira são imensos mananciais desse crustáceo que o mercado americano pode absorver.

A pesca é um assunto que deve ser mantido em permanente cogitação, sua importância está no mesmo nível do petróleo e até, pode produzir divisas que alcançarão, anualmente, com extrema facilidade, a casa dos 300 milhões de dólares.

A mecanização de nosso sistema de pesca será a primeira etapa. A industrialização, com a triangulação do aproveitamento do produto, completará o esquema dessa fonte de riqueza. A triangulação prevê a transformação do peixe em farinhas para a alimentação humana e rações para a avicultura. Implicitamente, outros subprodutos de grande aplicação serão fabricados, como os adubos, óleos, os amino-ácidos, vitaminas para a indústria farmacêutica, etc. Um vasto campo, enfim, totalmente ignorado de nossos homens de negócios, pois não se verifica a aplicação de capitais no ramo.

CORRENTE DE FRIO ARTIFICIAL

Notamos, ao assumir a Superintendência da Caixa de Crédito da Pesca, a existência de uma rede de Entrepostos, reclamando reformas.

O PLANO NACIONAL DE PESCA trata da readaptação desses Entrepostos, pois o pescado, como outros gêneros alimentícios perecíveis, desde o momento da captura até sua entrega ao consumidor, deve conservar suas qualidades orgânicas originais.

Ora, nem sempre a produção é proporcional ao consumo, originando-se, daí, o eterno problema, de importância fundamental, para a economia nacional: a conservação por um período mais ou menos longo, de gêneros perecíveis.

Entre as soluções que podem ser oferecidas para garantir o produto do mar, a aplicação do frio artificial é a mais usada em todo mundo, principalmente em nosso país, devido à variabilidade de nossas condições climáticas de temperatura e umidade, propícias para uma rápida deterioração dos produtos orgânicos.

É fundamental, no entanto, que o frio seja aplicado corretamente, nas várias fases da conservação, nunca interrompendo a continuidade térmica nas movimentações entre o depósito e o transporte e deste para o Entreposto, até che-

gar às mãos do consumidor. É imprescindível que as condições ideais de temperatura e umidade necessárias para a preservação das características físicas, químicas e biológicas do produto se mantenham inalteráveis. Sem estas instalações não poderemos modificar o sistema de captura, pois o peixe como gênero albuminoide (proteína) deve ser submetido à refrigeração sob certas cautelas, para que não se produza a congelação do líquido protoplasmático e consequente ruptura do tecido celular, perigo este representado pela congelação lenta com formação de cristais grossos no protoplasma. A descontinuidade térmica também provoca alteração no peixe, favorecendo sua rápida deterioração.

Há uma tendência generalizada em muitas nações, dirigindo-se no sentido de garantir a produção de gêneros de alta qualidade mediante uma rede de aparelhamento frigorífico fixa, apoiada por um complexo de transportes marítimos e terrestres, tudo cientificamente estudado para manter em permanente continuidade uma "corrente de frio artificial", evitando, assim, o desperdício de bilhões de cruzeiros em gêneros alimentícios deteriorados.

É fundamental, por conseguinte, a reforma dos Entrepostos da C. C. P. bem como unidades, estabelecendo-se a "corrente de frio artificial", capaz de assegurar o desenvolvimento das operações de pesca, mediante a utilização de moderno aparelhamento de captura.

O aumento no país dessa "corrente de frio artificial" poderia impedir as operações de novas unidades de pesca, pois não será possível colocar, imediatamente, no mercado consumidor, grandes quantidades de pescado. A rede distribuidora do país precisa estar garantida por frigoríficos e fábricas de gelo. Os centros consumidores não podem receber grandes quantidades de pescado, em certo momento, sendo necessário o armazenamento da produção, aguardando-se melhores perspectivas do mercado. Somente o armazenamento frigorífico poderá determinar preços normais para o produto, pois não se verificam desfovaráveis contingências que prejudiquem o produtor, obrigando-o a inutilizar as sobras de suas pescarias.

Possue, pois, a Caixa de Crédito da Pesca, as instalações frigoríficas e fábricas de gelo, em seus Entrepostos, base fundamental para a assistência ao pescador.

PESCA E EQUIPE

Precisamos eliminar estas deficiências e a tarefa cabe precipuamente à Caixa de Crédito da Pesca, educando o nosso povo e mostrando ao produtor as vantagens decorrentes da sua organização, pois no tocante à pesca, o trabalho individual não pode produzir resultados convenientes às necessidades do povo e ao interesse nacional.

Pesca é equipe.

Os pescadores devem constituir suas sociedades ou fortalecer suas colônias e cooperativas.

O PLANO NACIONAL DE PESCA será facilmente aplicado com a organização dos pescadores nacionais, pois não será possível a mecanização total e imediata do sistema de pesca. As unidades, propulsadas a motor, podem substituir a jangada e a canoa em curto prazo.

As próprias Agências da Caixa de Crédito da Pesca podem executar o programa, pois a aplicação do PLANO, nos primeiros meses, possibilitará, com o aumento de suas novas aplicações. Do

sistema de economia estaque, ingressará a Caixa de Crédito da Pesca num plano relativo de assistência, alargando seu campo operacional.

Os relatórios que a Superintendência da Caixa de Crédito da Pesca recebe, das Agências, provam a extrema precariedade dos recursos dos pescadores. Aumentando-se-lhes a capacidade de produção, lucra o pescador, será melhor abastecida a população, mediante o fornecimento de produtos variados e a preços módicos, refletindo-se no orçamento das Agências da Caixa, progresso verificado facultando a possibilidade de estender à região sob seu controle maior soma de benefícios. Em suma, a taxa de 3% que incide sobre o pescado que passa pelos Entrepósitos, volta ao produtor, de forma a proporcionar-lhe a expansão de sua atividade.

O PLANO NACIONAL DE PESCA consulta as características peculiares de cada região.

Transformações violentas poderiam impedir que se atingissem os fins objetivados.

Não poderá ser tumultuada a aplicação do PLANO. A campanha de doutrinação poderá ser desenvolvida pelas Agências. Os motores marítimos são unidades fáceis de manipular e os próprios pescadores, através de seus líderes, logo ficarão familiarizados com o seu manejo. É mais difícil dirigir uma jangada.

As rédes e outros utensílios de pesca, adequados aos preliminares estágios que se pretende alcançar, são também fáceis de introduzir, quando se propõe a C. C. P. enviar esse material acompanhado de manuais técnicos, com amplas e acessi-

veis considerações sobre seu uso, pequenas noções de oceanografia, observações meteorológicas, correntes marinhas, direção dos ventos, instruções diversas para uso constante dos pescadores.

Não é utopia, ou literatura, mas ensinamento prático, buscando a rápida recuperação de anos perdidos, verificando-se a aplicação de um PLANO para a solução de um problema social e econômico, que asfixia o habitante de nosso litoral.

Existem, naturalmente, regiões onde o problema é mais grave, pois é evidente o estioamento de populações inteiras, como acontece no sul, norte e nordeste do Brasil, onde o pescador é um marginal.

Consideramos um dever patriótico levar a bom termo a tarefa que nos foi confiada.

Acreditamos no êxito do PLANO NACIONAL DA PESCA iniciativa que conduzirá a Caixa de Crédito da Pesca às suas finalidades. Os pescadores do nordeste, norte e sul do país, dominando as águas de nossas imensas costas, com a aplicação dos modernos métodos de pesca, estenderão com maior facilidade, às cidades, o fruto de seu trabalho.

Nossos pescadores são herdeiros de graças e seculares tradições, eles realizaram nossas primeiras façanhas marítimas, contribuindo para a libertação de nossa pátria.

Assim como os trabalhadores agrícolas procuram libertar-se da enxada, utilizando os modernos implementos, o pescador também deseja transferir para o museu secular jangada e outros processos empíricos.

SEDE PRÓPRIA



Recem-instalada a Associação Rural de Bananeiras — Paraíba

(Conclusão da pág. 23)

res, uma porca criadeira deve ter pelo menos duas barrigadas por ano; nestas barrigadas devem nascer nunca menos de nove leitões que ao fim de sete meses deverão render um mínimo de oitocentos e cinquenta quilos de

carne, o que vem a significar uma produção anual de mais de UMA TONELADA E MEIA DE CARNE POR PORCA CRIADEIRA. Para ser conseguida esta produção os animais precisam receber uma ração de alta eficiência e não farelos.

Reconhecimento de Associações Rurais

Acabam de ser reconhecidas pelo Ministério da Agricultura as seguintes associações rurais, registradas na Seção de Pesquisas do Serviço de Economia Rural: Associação Rural de Nhandeara, com sede em Nhandeara, no Estado de São Paulo; Associação Rural de Poço Verde, com sede em Poço Verde, no Estado de Sergipe; Associação Rural de São Pedro, com sede em São Pedro, no Estado de São Paulo; Associação Rural de Catu, com sede no Município de Catu, na Bahia, e Associação Rural de Mairi, com sede em Mairi, também no Estado da Bahia; Associação Rural de Estrela D'Oeste, com sede em Jaboatão, Pernambuco e a Associação Rural de Seabra, com sede em Seabra, no Estado da Bahia.

QUEIJOS DO BRASIL

JOSÉ ASSIS RIBEIRO
(Sócio Titular da SNA)

A fabricação doméstica de queijos é conhecida no Brasil desde os tempos coloniais, sendo que já se admitia em 1790 aceitável o comércio de carne seca, manteiga e queijos em certas regiões. Uma das primeiras providências do colonizador português foi trazer gado bovino para o Brasil, e, embora este gado não tivesse qualidade leiteira, o pouco leite produzido era, em parte, destinado ao preparo de queijo fresco idêntico ao da Serra da Estréla, de Portugal. A diferença é que, enquanto na Serra da Estréla se aplicava (como ainda se aplica) extrato de flores e brotos de cardos para coagular o leite, aqui no Brasil se usava (como ainda se usa no Nordeste) estômago seco e salgado de mocó (pequeno roedor — "Kerodon rupestris" — ou coagulador de bezerro ou de cabrito (de onde o nome — queijo de coalho para o produto).

Por volta da segunda metade do século XVIII, durante a corrida ao ouro nas regiões mineiras do Brasil Central, para lá se dirigiram as maiores correntes de gente (para exploração do ouro e de gado (para alimentação dos exploradores). A fabricação nas fazendas constituiu norma, obtendo-se o chamado "queijo Minas", de técnica idêntica à do "Serra da Estréla" — correspondente ao "queijo branco", conhecido e fabricado por toda a América Latina. Atualmente, o queijo Minas é o de maior fabricação, muito se aproximando do chamado "quartirolo cremoso" da Argentina e do Uruguai, e de queijos frescos europeus e americanos.

Dada a influência africana no Nordeste brasileiro, também há séculos lá é obtida uma variedade de queijo "sui-generis". Trata-se do chamado "queijo-manteiga" ou "requeijão do Sertão" — mistura sob ação de calor e agitação até filagem, de massa de caseína de leite desnatado, adicionada de manteiga fundida ("ghoe" ou "butteroil"). A massa ao ser fundida e filada com a manteiga, absorve a gordura desta dando produto de boas qualidades gustativas e de grande resistência às impropriedades do meio.

Admite-se como data inicial da fabricação de queijos no Brasil em escala comercial, o ano de 1855, em que o industrial Carlos Pereira Sá Fortes contrata

técnicos holandeses para sua fábrica de laticínios em Minas Gerais. Ao fim de experiências de adaptação da técnica de queijos holandeses (Edam e Gouda resultou o chamado "queijo do Reino" — um dos melhores e mais caros do País.

No começo deste século, imigrantes italianos se instalaram em São Paulo e Sul de Minas onde divulgaram normas de fabricação de queijos duros (de ralar, tipo Parmezão e afins e os de massa filada fresca (Cabaça, Mussarela, Butirro, etc. inclusive a Ricota. O "requeijão comum" que é resultante da fusão sob calor e agitação de massa de caseína úmida e moida, com creme fresco é uma adaptação de técnica italiana de filagem de queijo. É um produto considerado nacional por não existir correspondente definido na técnica estrangeira. Os clássicos tipos Provolone e Cacciocavallo, de 2 a 50 quilos, defumados e de longa maturação, só recentemente estão sendo fabricados em maior escala, isso por efeito da vinda de técnicos fabricantes italianos emigrados diretamente das regiões produtoras destes artigos. O tipo Parmezão, cuja fabricação no Brasil se iniciou há 50 anos, é uma variedade do "grana parmigiano" do qual muitas fábricas brasileiras apresentam exemplares que se igualam quando não superam o similar estrangeiro! Há estabelecimentos muito bem instalados para a obtenção deste produto em grande escala e em ótima qualidade. Queijos Pecorino e Sardo, assim como Romano, Canestrato e outros, também são fabricados em pequena escala, inclusive nos Estados sulinos. Como muitos pequenos fabricantes não têm capital para armazenar o produto durante a prolongada maturação, permite-se o comércio do chamado "Parmezão fresco" ou "Montanhês", dado ao consumo com 2 a 3 meses de cura.

A partir de 1920 vêm para o Sul de Minas os primeiros técnicos dinamiques para a montagem de fábricas de queijos. Das adaptações da fabricação de queijos europeus como Gouda, Prestost, Munster e outros, surgiram o atualmente chamado "queijo Prato" e suas variedades — "Lanche", "Cobocó" e Bola. Estes são obtidos em regiões de

clima ameno, de preferência, em altitude superior a 800 metros.

Mais recentemente, na região Sul (Santa Catarina, Paraná e Rio Grande núcleos de colonização alemã vêm produzindo tipos interessantes como o "Pirabeiraba" (variedade de "creme-suisse", o "Krauterkase" (queijo fundido adicionado de ervas, acondicionado em bisnaga, etc. Nos Estados de São Paulo e Minas se inicia a fabricação de queijos especiais, como: Tilsitt, Camembert, Limburgo, Roquefort, Port-Salut (ou Saint Paulin, Bel Paese, Estepe, etc.

A região mais queijeira do Brasil é a que fica compreendida entre 18-24° de latitude, e, 40-52° de longitude, numa altitude de 500 a 1200 metros, abrangendo a parte meridional do Estado de Minas, Bahia e Espírito Santo; os Estados de São Paulo e Rio de Janeiro inclusive zonas leiteiras do Paraná, Santa Catarina e Rio Grande do Sul. No Nordeste brasileiro há regiões leiteiras em Alagoas, Pernambuco, Paraíba, Rio Grande do Norte e Ceará, onde se fabricam, de preferência, queijos de coalhar duros e requeijão do Sertão.

O MATE FAZ SUCESSO NA EXPOSIÇÃO DE BRUXELAS

Observações para a expansão do consumo mundial.

Pela primeira vez na Europa, o Brasil apresentou a visitantes de todo o mundo o mate gelado batido, com o maior êxito.

Instalou o Instituto Nacional do Mate, no Pavilhão Brasileiro da Exposição Internacional de Bruxelas, magnífico Stand, no qual, diariamente, o mate é servido nas suas diversas modalidades de consumo: gelado, quente, vitamina, ou como grogs, associado ao whisky, rum e gin.

Após os sete primeiros dias de funcionamento, observações valiosas foram colhidas para o futuro lançamento universal da bebida. Assim é que o europeu tem decidida inclinação para o mate gelado, e de tipo queimado. E os orientais preferem-no como chá quente.

SOCIEDADE NACIONAL DE AGRICULTURA

RELATÓRIO

Apresentado pelo Presidente ARTHUR TORRES FILHO,
à Assembléia Geral Ordinária de 7 de julho de 1958

I — INTRODUÇÃO

II — ANEXOS

RIO DE JANEIRO

Srs. consócios:

No cumprimento de dispositivo estatutário de nossa Sociedade, tenho o grato prazer de vir expor a ação desenvolvida pela Diretoria na execução de seu programa de trabalho, tendo sempre em vista concorrer para o bem-estar da classe rural e o progresso da agricultura nacional.

Na assembléia geral ordinária de 23/6/57 tive ocasião de dar contas dos principais fatos ocorridos no desenvolvimento do programa de atividades no triênio de 1954/56. Como vos havia referido, a Diretoria deliberara, como homenagem póstuma, reverenciar a memória de seu presidente de honra, Dr. Getúlio Dornelles Vargas, que tanto fez pela classe rural do Brasil dando-lhe o Decreto-lei nº 8.127, que permitiu a sua organização, representada pela Confederação Rural Brasileira e a Sociedade Nacional de Agricultura proporcionou meios de construir sua sede própria. Com essa finalidade, em solenidade realizada em 24 de janeiro último, inaugurou no hall da Casa da Agricultura o busto em bronze do saudoso estadista e plana de bronze.

Outro acontecimento que desejo registrar de modo especial foi o convênio assinado entre a Sociedade e o Escritório Técnico de Agricultura Brasil-Estados Unidos, para o reequipamento e a ampliação da tradicional Escola de Horticultura Wenceslão Bello, visando criar novos cursos práticos e facilitar, em condições mais amplas, o desenvolvimento do ensino agrícola, para atender a necessidade da classe rural, muito particularmente a do Distrito Federal. É propósito da Diretoria promover estudos e pesquisas, não só na atual como na nova escola que será construída na zona rural, nos termos da lei 2.504, de 4 de junho de 1955. Isso representa empreendimento da mais alta significação para a agricultura brasileira, que terá larga projeção em todo o país, porquanto permitirá a S.N.A., com o auxílio de seu Conselho Superior, traçar um programa de ensino e pesquisas de importantes ramos da profissão agrícola irradiando todo o País. Para o aparelhamento da Escola, conta a Sociedade com recursos provenientes do loteamento, conforme autorização legal, dos terrenos remanescentes do antigo Horto da Penha.

Outra iniciativa que reputa de grande relevância é a que se refere

à constituição do Conselho Superior, conforme o que foi resolvido na Assembléia Geral de 10 de setembro de 1954, em virtude de cuja resolução esse Conselho será constituído de 40 cadeiras vitalícias, para estudos técnicos e científicos. A Diretoria, empenhando-se nessa providência, tem a convicção de que os problemas agrícolas do Brasil dependem da formação de técnicos e cientistas capazes e em número suficiente para o equipamento de novos estabelecimentos experimentais. Posso anunciar que depois de escolhidos os 40 patronos, a Diretoria já elegeu os 40 titulares que irão constituir o Conselho Superior, que visa dotar o Brasil da primeira academia de agricultura. Anuncio que, depois de votado o regimento do Conselho, dentre os assuntos a serem tratados, sobreleva-se o da conservação dos recursos naturais do país (inclusive solos e florestas).

C) FERTILIDADE DO SOLO

Como temos insistentemente salientado, nenhum problema no Brasil se sobrepõe ao da fertilidade do solo, tanto mais nos nossos climas tropicais e temperados, em que a drenagem e a lavagem são fatores determinantes da fertilidade.

As rochas-mãe, nos nossos climas, sofrem decomposição intensa, ótima para a mobilização e a lavagem dos elementos nutritivos.

São esses solos ácidos e deficientes em bases...

Nos necessitamos de reuniões periódicas de técnicos em química agrícola para que sejam conhecidos e debatidos os resultados de análises químicas e de adubações realizadas nas estações experimentais e em estabelecimentos particulares para que se possa conhecer os resultados e progressos que se vai obtendo no e progressos que se vão obtendo no País sobre o complexo problema da fertilidade dos nossos solos diante da queda dessa fertilidade e dos métodos que temos de adotar de refertilização.

A situação alarmante em que se encontra a agricultura brasileira com a queda dos rendimentos culturais e do êxodo rural, exige todo o esforço no sentido do desenvolvimento da produção agrícola.

A difusão, em larga escala, de conhecimentos e demonstrações, na propriedade agrícola, da refertiliza-

ção e da conservação do solo constituem medidas da sobrevivência das gerações futuras.

As pesquisas minerais para a obtenção de fertilizantes, a fim de que possamos suprir a nossa agricultura em condições módicas evitando-se importações com desperdícios de divisas — é outra orientação que julgamos indispensável.

Felizmente, as jazidas de fosfato já em exploração e a fábrica de fertilizantes de Cubatão, da Petrobrás, para os adubos azotados são acontecimentos altamente auspiciosos para a agricultura nacional.

Todos os que se interessam pelo desenvolvimento da produção agropecuária do Brasil, muito principalmente os técnicos em agronomia, devem e precisam concorrer para a defesa e a restauração da fertilidade, ligados, como se acham, os problemas do solo à continuidade de nossas explorações rurais.

D) A ECONOMIA AGRÍCOLA EM 1957

De conformidade com os índices econômicos disponíveis e pela análise da nossa conjuntura econômica feita pela Fundação Getúlio Vargas, que é a melhor instituição para os estudos de análise econômico-financeira do País, dentro dos dados disponíveis fornecidos pelos órgãos estatísticos existentes, a produção rural apresentou em 1957 um aumento de 13,7% sobre 1956, motivado por uma elevação de 14,3% nas colheitas agrícolas e por um acréscimo na produção animal da ordem de 9,1%, enquanto que a produção extrativa vegetal aumentou apenas de 4,3%.

É de assinalar que os produtos computados pelas estatísticas oficiais, em relação a 1956, aumentaram: café, arroz, feijão, milho, cana-de-açúcar, tomate, cacau, mamão, uva, juta e mandioca; quanto aos que acusaram em 1957 menor produção do que em 1956, estão: batatinha, algodão, trigo, cebola, alface, centeio e aveia. Os demais produtos, como banana, laranja, abacaxi, etc., não apresentaram índices dignos de nota. Deve-se destacar, como ponto essencial na conjuntura, em relação a 49 culturas agrícolas, que o crescimento foi de apenas 6,3%, em 1957, enquanto que a área cultivada foi estimada em 22.902 mil hectares, contra 22.842 mil, em 1956. Deduz-se que, malgrado ser ainda deficiente a assistência técnica, econômica e social ao nosso homem rural, o rendimento por hectare em 1957 foi mais elevado do que em 1956, para a maioria das culturas. É bem certo que se deve atribuir a melhores condições meteorológicas locais, em 1957, o aumento de volume da produção agropecuária de muitas culturas. Convém frizar que, apesar de alguns fatores contrários, verificou-se em 1957 maior aumento na produção agrícola de artigos de alimentação do que de matérias-primas, sendo de 51%, para as primeiras, e de 21%, para as matérias-primas, segundo Conjuntura Econômica.

Conclui-se que a produção agropecuária brasileira em 1957, em relação a 1956, foi satisfatória, com índices que revelam incremento nas colheitas agrícolas, na produção pecuária e na extrativa vegetal, segundo os dados computados pelo Serviço de Estatística da Produção, do Ministério da Agricultura.

Nos últimos anos, tem-se verificado grande evolução nas estatísticas — indispensáveis à boa administração — com o emprego da nova técnica de levantamentos por amostragem. Os processos clássicos de recenseamentos e de estimativas são morosos e de elevado custo, principalmente quando aplicados à economia agrícola para bem julgá-la e apreciar a renda "per capita" do agricultor e, assim, a remuneração que auferir de seu trabalho.

Evidentemente, a exemplo de outros países, teremos de estudar as condições locais e os nossos agrônomos terão que realizar os levantamentos e estatísticas agrícolas pelo método de amostragem, dentro das condições brasileiras.

A falta de um sistema adequado de transportes, silos e armazéns das zonas produtoras para os centros de consumo faz com que se verifiquem, por vezes, algumas deficiências no suprimento do mercado interno.

A despeito das providências já tomadas e constantes de programas, e embora o esforço que vem sendo feito, os armazéns e silos existentes, assim como os matadouros e frigoríficos aparelhados, não atendem à necessidade de armazenagem exigida pelo País para produtos agrícolas in natura, como cereais, café, açúcar e os industrializados, estando a exigir das autoridades as melhores condições em relação ao consumo interno.

É certo que, com a criação de institutos e companhias mistas e o programa de metas do Governo, o problema da alimentação, com a conservação dos produtos perecíveis — evitando-se os desperdícios — muito tem melhorado no País.

Com o crescimento demográfico anual que apresenta o Brasil, de 1 milhão e meio de habitantes, e em fase de intensa industrialização, a organização da agricultura, para garantir a alimentação, tem papel fundamental à sobrevivência e prosperidade nacional.

É de se esperar que, diante do programa que desenvolvem os poderes públicos com a colaboração das classes rurais através de suas entidades de classe, para o aumento, conservação e circulação da produção agropecuária, o Brasil possa atender satisfatoriamente as necessidades do mercado interno, com excedentes para exportação no ano agrícola 58/59.

Do conhecimento da renda "per capita" do agricultor, em relação às explorações rurais, nas várias regiões do País, dependerá a orientação para que ele alcance remuneração do seu esforço e possa progredir.

A produção agropecuária brasileira apresentou, em 1957, em relação a 1956, índices de incremento que demonstram, malgrado alguns fatores adversos, o labor incessante do homem rural. A relativa expansão da produção extrativa (borracha, cana-de-açúcar, etc.), serve de demonstração da necessidade de diretrizes técnicas e econômicas nesse setor. A expansão da produção cafeeira, numa época de superprodução, gera problemas delicados de ordem técnica e econômica para uma produção de qualidade a baixo custo.

Conforme amplamente divulgado, em abril último: "Os índices do 'quantum' da produção agrícola destinada ao consumo interno e à exportação demonstram que o mesmo elevou-se, no último decênio, de cerca de 46%. Os dados disponíveis para o produto agrícola de 1957 evidenciam que, nesse ano, tanto no setor de culturas destinadas à exportação, como no de suprimento das necessidades do mercado interno, se registrou acentuada recuperação na atividade em apreço."

E) ORGANIZAÇÃO DA PRODUÇÃO AGRÍCOLA PELA INTEGRAÇÃO VERTICAL

A assistência a ser proporcionada em todas as fases da produção agrícola, como ocorre nas empresas industriais, constituindo a integração vertical, começa a ser aplicada na agricultura norte-americana com sucesso. A empresa industrial agrícola, em grande escala, como na avicultura, realiza a incubação e entrega ao avicultor o pinto de um dia juntamente com a ração suficiente à criação e engorda até a entrega ao mercado, quando a empresa faz a coleta nas propriedades e transporta ao matadouro da própria empresa e cuida da preparação para a venda nos mercados consumidores e indeniza o produtor agrícola de importância certa. Dá-se dessa forma a separação entre o avicultor e a empresa, garantindo-se um lucro certo para o avicultor. Tanto na avicultura como em outros setores agrícolas, vai-se operando o sistema de empresas integradoras de cunho industrial destinadas a aumentar a produção, dentro da técnica moderna. Com esse sistema, está-se operando a modificação da estrutura agrícola norte-americana, bastando dizer que cerca de 80% da avicultura já se acha sob o sistema de empresas integradoras.

Poder produzir (terra, trabalho e capital); saber produzir (preparação técnica); e colocar a produção (venda no mercado) são as três fases da empresa agrícola, que se poderá alcançar com êxito na integração vertical.

F) O RENDIMENTO DAS ATIVIDADES RURAIS — A MISSÃO DO SERVIÇO SOCIAL RURAL

A apreciação do rendimento das atividades rurais nos mostra a parte fraca da agricultura brasileira,

excetuadas, em condições excepcionais por serem mais favorecidas de solo e clima, algumas regiões onde são mais elevados os rendimentos culturais.

Daí porque se explica uma baixa renda per capita das atividades rurais e o êxodo que se verifica, cada vez mais acentuado do campo para a cidade. E, dado os fatores negativos, deve-se considerar a perda da fertilidade do solo.

Tem-se a considerar como fator da alta importância não só a escassez da mão-de-obra competente no meio rural, sobretudo de peritos mecânicos de que carece principalmente a nossa agricultura para sua mecanização indispensável à elevação da renda "per capita".

O baixo padrão de vida do trabalhador rural no Brasil é conseqüente do baixo rendimento das atividades rurais.

Vê-se, por conseguinte, que o Serviço Social Rural, destinado a dar a assistência social, econômica e técnica ao homem rural, tem uma alta missão a desempenhar, que consideramos a de preservação dos destinos do Brasil e deverá, portanto, pôr em execução com carinho e perseverança o patriótico e humanitário programa que lhe foi confiado pelo Governo.

G) ECONOMIA CAFEIRA

Diante da retração verificada no comércio mundial para o café do Brasil, o Governo, através do Instituto Brasileiro do Café, mediante a garantia de preço mínimo ao produtor, teve de intervir no mercado, daí resultando o acúmulo nos portos, que já atinge nível elevado, sendo objeto de preocupações gerais porquanto o café representa 61% do valor da exportação brasileira para o exterior. Bastará dizer que, em 1957, foi de 14.319.119 sacas, no valor de US\$ 845.531.118,00. Dêse total exportado, a América do Norte absorveu 8.872.435 sacas e a Europa 4.464.463.

Conforme vem de revelar o presidente do I. B. C. a segunda sessão plenária da Junta Administrativa (abril de 1958), a safra de 1957/1958 (julho a março) foi de 20.050.000 sacas, de que os maiores produtores foram São Paulo, com 9.321.000 sacas; Paraná, com 4.565.000 sacas; Minas Gerais, com 3.350.000 sacas e Espírito Santo, com 1.862.000; seguindo-se Estado do Rio, Bahia, Pernambuco, Mato Grosso, Paraíba e Santa Catarina. Seria muito importante que, com dados de previsão segura, tanto quanto possível pudessemos avaliar a safra 1958/1959. Pelo relatório do presidente do I. B. C. a futura safra é prevista em cerca de 25 milhões de sacas.

Diante desse panorama da economia cafeeira e pelo seu papel fundamental para a economia financeira do País, o Governo lhe destinou amplos recursos, pelo decreto n.º 41.151, de 4-6-57, provenientes das sobretaxas cobradas pela lei n.º 2.145 e da venda de cafés adquiridos em 1954, pela Comissão de Financiamento da Produção. A política cafeeira que se adotou nes-

sa emergência foi não só a da garantia do preço mínimo ao produtor como também a de concessão de um prêmio ao exportador, a partir de um preço básico de US\$ 48,00. FOB.

Conforme declara o presidente do I. B. C., a Administração garante um preço mínimo interno, em cruzeiros, ao mesmo tempo que estimula no exterior a manutenção das boas cotações do produto."

É evidente que se depara no Brasil a necessidade de traçar uma política cafeeira que acomode a produção à realidade do consumo mundial. Diante dos excedentes que tendem a crescer com a concorrência nos mercados internacionais de outros produtores, principalmente africanos, impõe-se que sejam estudadas fórmulas para a melhoria da qualidade do nosso café e zoneamento das culturas.

Nesse sentido, a nosso ver, é que o I. B. C. deveria traçar a orientação a seguirmos. Dentre os critérios a adotarmos, os técnicos e economistas poderão prestar valiosa colaboração com o conhecimento do cadastro de nossas lavouras cafeeiras pelas zonas produtoras.

O I. B. C., que mantém "acordos" com os Estados para pesquisas, experimentações e assistência à lavoura cafeeira, poderá traçar um plano seguro de defesa da cafeicultura brasileira pela sua renovação. Ainda em março do corrente ano, o engenheiro agrônomo Felisberto Camargo, profissional de largo tirocinio e competência, reconhecido no País e no estrangeiro, pronunciou uma conferência na Confederação Rural Brasileira em que, com segurança, traçou os rumos para a lavoura cafeeira de São Paulo, fazendo ainda sugestões em prol da restauração econômica da alvoura do café no País, salientando a baixa produtividade das lavouras velhas de café.

Pelo critério do zoneamento ou o da produtividade — o certo é que temos de reconstituir a nossa lavoura cafeeira dentro de diretrizes mais condizentes com a evolução da técnica agrônoma.

"A LAVOURA"

Foram publicados seis números da revista, perfazendo um total de treze mil e oitocentos exemplares.

Colaboraram com artigos assinados os Srs. Arthur Torres Filho, Antônio de Arruda Câmara, Ney Brandão, Geraldo Goulart da Silveira, Fábio Luz Filho, Alberto de Oliveira Santos, Honorato de Freitas, Adalberto Serra, Itagyba Bargeante, Rui Simões de Menezes, Walker André Chagas, Luiz Carlos de Mesquita Maia, José da Silva Lacas, Cynéas Lima Guimarães, Agenor Fonseca Júnior e Adamastor Lima.

Saíram com regularidade as seções "Temas e Sugestões" a cargo do Eng.º Agrônomo Antônio de Arruda Câmara e "Associativismo Rural", "Livros e Publicações", "No-

tícias e Informações" e "Noticiário da Escola de Horticultura Wenceslão Bello", a cargo do Eng.º Agrônomo Geraldo Goulart da Silveira.

Entre os artigos assinados, podemos destacar os seguintes: Conceito de reforma agrária; Apicultura nas escolas rurais; Temas econômico-sociais; Crédito agrícola supervisionado; Não há restrição de crédito; Situação florestal brasileira; Carecemos de diretrizes para a adubação; Clima e imigração; Pensamento das classes produtoras sobre assuntos de interesse nacional; Cooperativas escolares; Produção de pescado no vale do S. Francisco; Campanha de educação florestal; Trichostrongylidose em bovinos; Perigosa doença bacteriana ameaça a citricultura nacional; Evolução da propriedade rural e a lei agrária; Gado da Índia; Acobaitose; Trigo no Brasil; As cooperativas e o crédito agrícola; O problema algodoeiro; Fixação do homem à terra; Planejamento na colonização; Precisamos comemorar o dia da Árvore; Encontro de técnicos de fomento agrícola; Divagações cooperativas; Novo tipo de formicida; Política agrícola; Comemoração do centenário de nascimento do Dr. Eduardo Cotrim; Família como expressão do serviço social.

Releva salientar ainda, que em todos os números saiu a seção "Lavoura do Distrito Federal" organizada pelo Departamento das Associações Rurais do Distrito Federal. Todas as Conferências, Mesas-redondas e Congressos aos quais compareceu o Redator Técnico da revista, Eng.º Agrônomo Geraldo Goulart da Silveira tiveram ampla divulgação em A LAVOURA, com uma síntese dos trabalhos realizados e das conclusões aprovadas.

DEPARTAMENTO DAS ASSOCIAÇÕES RURAIS DO DISTRITO FEDERAL — 1957

A Sociedade Nacional de Agricultura, no sentido de proporcionar um maior desenvolvimento de suas atividades como Federação das Associações Rurais do Distrito Federal, e na forma de seus Estatutos, criou um Departamento para esse fim, que em obediência à letra e do art. 4.º do referido Estatuto é dirigido por um Diretor eleito pelas representações das associações rurais perfeitamente legalizadas.

Os serviços diários do Departamento (DARDIF) são executados por um encarregado do expediente, auxiliar, datilógrafo e servente, superintendidos, como determina os Estatutos da S. N. A., pelo Secretário Geral da Sociedade.

O DARDIF efetua sessões semanais, às quais comparece elevado número de lavradores e tem acompanhado, orientado e auxiliado a lavoura do Distrito Federal em todas as conteúdos e reivindicações que se apresentem quer na esfera administrativa, perante os poderes públicos, como na alçada judicial por intermédio do Departamento Jurídico da S. N. A.

Prestou, ainda, auxílios à lavoura do Distrito Federal, com a distribuição de mudas de árvores frutíferas e de monografias instrutivas de interesse para a agricultura e a pecuária.

No sentido de se apurar as necessidades da lavoura e da pecuária no Distrito Federal, realizou-se um amplo inquérito sobre as suas atuais condições, possibilitando o início de um grande trabalho de pesquisas econômicas na zona rural.

Ainda, como auxílio ao lavrador, a Sociedade forneceu seis bolsas de estudos a filhos de agricultores do Distrito Federal, que estão frequentando os cursos da Escola de Horticultura "Wenceslão Bello", na Penha, onde aprendem os mais modernos métodos de cultivar hortaliças, plantas frutíferas, plantas ornamentais, etc., além do manejo das máquinas e utensílios agrícolas e a criação de suínos e aves.

A Sociedade se fez representar, com uma delegação constituída de quatro de seus diretores à V Conferência Rural Brasileira, realizada em Belém do Pará, no mês de novembro, onde foram debatidos e votados os mais importantes assuntos relacionados com a vida rural brasileira.

Em 1957, foi o Departamento devidamente aparelhado com material de escritório, móveis, máquinas de escrever e material de expediente.

ENTIDADES FILIADAS

Consoante solicitações feitas à secretaria da S. N. A., são filiadas as seguintes cooperativas e associações rurais:

Cooperativa dos Agricultores e Criadores de Jacarepaguá; Cooperativa de Consumo e Avicultura Doméstica de Jacarepaguá; Cooperativa Agrícola de Bangu; Cooperativa dos Agricultores e Criadores de Campo Grande; Cooperativa dos Agricultores e Criadores de Itajá; Cooperativa dos Agricultores e Criadores de Guaratiba; Cooperativa dos Agrícos. e Criads. da Ilha de Guaratiba; Cooperativa dos Agrícos. e Criads. de Mato Alto; Cooperativa dos Lavrads. e Criads. da Zona Rural; Cooperativa Mista Agropecuária de Santa Cruz; Cooperativa Bandeirantes; Cooperativa dos Avicultores de Benfica; Cooperativa dos Avicultores de Santa Cruz; Cooperativa dos Agrícos. Sertão de Jacarepaguá-Guaratiba; Associação Rural de Realengo; Associação Rural de Viégas; Associação Rural de Sta. Eugênia; Associação Rural de Palmars; Associação Rural do Rio da Prata; Associação Rural de Jacarepaguá; Associação Rural de Coqueiros; Associação Rural de Cachamorra; Associação Rural de Retão do Rio Grande; Associação Carioca de Aicultores; Associação Rural de Mendanha e Sociedade União dos Agricultores.

BIBLIOTECA

Chegamos à fase final de organização da Biblioteca no que se refere ao tratamento do acervo já existente em sua sede.

Foi iniciado o "Serviço de Seleção" de obras especializadas e atualizadas em assuntos agrícolas e afins, bem como compilada uma bibliografia que será submetida à apreciação de um técnico da Sociedade, para que, constatado o valor das obras selecionadas seja providenciada a aquisição das mesmas.

Será um passo definitivo para que a Biblioteca da S. N. A. se torne um elemento vivo, em condições de útil e perfeito funcionamento.

PERMUTA

Foi organizado e se encontra em funcionamento o "Serviço de Permutas" entre A LAVOURA e publicações de diversas Instituições. Do fichário constam 143 Instituições permutantes.

BIBLIOGRAFIAS

Em colaboração com o Instituto Brasileiro de Bibliografia e Documentação, fornecemos o material necessário para a elaboração da "Bibliografia Corrente de Agricultura" a sair publicado o primeiro número ainda este ano, conforme acordo feito entre esta Sociedade e aquele Instituto.

SERVIÇOS EXECUTADOS

(Dados numéricos)

Livros registrados, 640 volumes; livros classificados e catalogados, 1.023 volumes; livros etiquetados e colocados nas estantes, 1.023 volumes; Periódicos registrados e colocados nas estantes em ordem alfabética de título, 1.823 volumes; periódicos novos (fichas abertas), 142 fichas.

CATALOGOS

Fichas elaboradas para os diversos catálogos

Catálogo dicionário, 8.201 fichas; catálogo classificado, 1.169 fichas; catálogo oficial, 1.169 fichas; cabeçalhos de assunto, 670 fichas; remissivas, 29 fichas.

MISCELÂNEA

Miscelâneas catalogadas, classificadas e com os respectivos índices 31
Fichas elaboradas para o catálogo dicionário 1.470
Fichas elaboradas para o catálogo oficial 529

ENCADERNAÇÃO

Foram devidamente encadernados 2.079 volumes entre livros e periódicos.

MATERIAL

De acordo com a necessidade da Biblioteca nos foi fornecido o material abaixo especificado:

1 fichário
1 armário para material Bibliocantes
Fichas para catalogação

Fichas para permuta
Fichas de empréstimo
Fichas de pesquisa

DOAÇÕES

Tivemos como doadoras:

Serviço de Economia Rural
Fundação Getúlio Vargas
Dr. Arthur Tórres Filho
Dr. Kurt Repsold
Dr. Murinho Braga
Biblioteca Nacional
Biblioteca do Ministério da Justiça

ACERVO GERAL

O acervo geral da Biblioteca sofreu uma baixa de 1.588 volumes referentes a duplicatas. Parte deste material já foi remetido para a Escola de Horticultura Wenceslão Belic e outra parte encontra-se no depósito de A LAVOURA aguardando solução.

CORRESPONDÊNCIA

Ofícios 265

TESOURARIA

De acordo com os documentos e o balanço levantado, verifica-se ter sido promissor o exercício de 1957, registrando-se um saldo de Cr\$ 352.534,70 (trezentos e cinquenta e dois mil, quinhentos e trinta e quatro cruzeiros e setenta centavos).

A receita produziu Cr\$ 5.567.158,80 (cinco milhões, quinhentos e sessenta e sete mil, cento e cinquenta e oito cruzeiros e oitenta centavos) e a despesa montou em Cr\$ 5.214.624,10 (cinco milhões, duzentos e quatorze mil, seiscentos e vinte e quatro cruzeiros e dez centavos) advindo daí o saldo acima mencionado.

Segue-se o parecer da Comissão de Exame de Contas, designada para examinar as contas da Diretoria da Sociedade, no exercício de 1957.

"A Comissão designada para o exame das contas da Diretoria da Sociedade Nacional de Agricultura, no exercício de 1957, tendo presente os documentos e os livros da contabilidade, são de parecer:

- a) a documentação se encontra em perfeita ordem, correspondendo à mesma, os lançamentos efetuados nos livros de contabilidade;
- b) os saldos apresentados são verdadeiros e a escrituração obedece às boas regras da contabilidade.

Em conclusão, manifesta a Comissão a sua impressão favorável à boa direção da parte econômica e financeira da instituição, conduzida com o maior acerto pelo Dr. Arthur Tórres Filho — merecedor, juntamente com os seus companheiros de Diretoria, dos louvores da Comissão de Contas, que por isso recomenda à Assembleia Geral a sua

aprovação." Rio de Janeiro, 27 de junho de 1958. (a) Oscar Borges Pires; Pedro Goulart da Silveira e Jeronymo Antônio Coimbra.

SECRETARIA

2.º semestre de 1957 e
1.º semestre de 1958

RECEBIDO

Ofícios	184
Cartas	145
Circulares	66
Telegramas	30
Cartões	237
Requerimentos	37
TOTAL	699

EXPEDIDO

Ofícios	513
Cartas	218
Circulares	311
Telegramas	48
Cartões	352
TOTAL	1.442

RESOLUÇÕES — 17

SÓCIOS INSCRITOS — 7

CONGRESSOS

— VII — Congresso Triticultores — patrocinado pela Fed. Ass. Rurais do R. G. do Sul (Farsul) — de 9 a 1 de jan. — 1957 — convite.

CONFERÊNCIAS

- Conf. Nac. dos Bispos do Brasil, iniciativa do Secretariado Nac. de Ação Social, de 1 a 7 de julho — Tema "O Coop. e a Comunidade" — NATAL.
- Conf. Rural Brasileira (V) — de 26 a 30 de novembro 57 — PARA — Delegação — Geraldo Goulart da Silveira, Luiz Marques Poliano, Frederico Murinho Braga, Flávio da Costa Brito.
- Conf. Internacional do Café — 20 a 27 de janeiro 1958 no Copacabana Palace — Repres. Luiz Marques Poliano.

EXPOSIÇÕES

- XXI — Exp. Estadual de Animais e Prod. Derivados — patrocinada pela Dir. da Prod. Animal de PORTO ALEGRE — 7 de setembro de 1957.
- 87.ª Exp. de Animais — organizada pela Soc. Nac. de Agricultura do Chile em 5 de outubro de 1958 — Repres. Luiz Marques Poliano.
- XXVIII — Exposição Feira Agropecuária e Ind. patrocinada pela Ass. R. de Sta. Vitória do Palmar — 7, 8 e 9 de dezembro 1957.
- X Exposição de Flores e Frutos organizada pela Soc. Bras. de Orquidófilos — Quitandinha — Petrópolis — E. Rio — em 1, 2 e

3 de março de 1957 — iniciativa da Secret. de Agricultura do E. do Rio.

- X Exp. Feira de Animais e Prod. Derivados — organizada pela Ass. do Vale do R. G. — de 13 a 17 de abril de 1958 — Enviado um troféu de bronze (zebu) adjudicado à campeã da raça indubrasil "Vaidosa" de propriedade do sr. José dos Santos, de COLINA.
- XXII Exp. Agropecuária de Leopoldina organizada pela Ass. Rural, de 28 de junho a 6 de julho de 1958 — Enviada Taça de Prata — LEOPOLDINA — MINAS GERAIS.

DIVERSOS

- VIII Semana do Laticínista — realizada pelo Instituto de Laticínios "Cândido Tostes", de 1 a 6 de julho, em Juiz de Fora — Repres.: Otto Frensel.
- X Semana do Fazendeiro — realizada pela Universidade Rural de 21 a 27 de julho de 1957.
- Encontro dos Técnicos de Fomento Agrícola — promovida e patrocinada pelo Min. da Agric. de 10 a 18 de agosto de 1957 em Lagoas — Minas — Rep.: Cíneas Lima Guimarães.
- Inauguração da Ass. R. de Itabrito em 4 de ag. 1957 — Rep.: Josaphat Macedo.
- II Semana Regional de Cooperativismo — realizada em Guaratinguetá — S. Paulo — de 25 de ag. a 1.º de set. de 1957 — sob os auspícios do Dep. Ass. de Coop. e da União das Coop. de S. Paulo.
- Sessão Comemorativa do 6.º aniversário da Confederação Rural Brasileira — 1 de outubro às 10,30 h. coquetel às 18 horas à imprensa — Repres.: Luiz Marques Poliano.
- Dia da Laranja — Promovida pelo Projeto 36 (ETA — IEAA — SAIÁ — SCAIC) em 26 de setembro de 1957 — Inst. Ecologia e Exp. Agric., às 9 horas.
- IV — Reunião de Fitossanitaristas do Brasil — 21 a 30 de outubro, sob os auspícios da Div. Def. San. Vegetal — Salão de Projeções do S. I. A.
- 1.º Aniversário de Inauguração da sede da Ass. Rural de Bon-sucesso — Paraná — 13 de out. 57 — Repres.: Nelson Ribas e Nelson Maculan.
- Instalação da sede do Etebanor-le — Escritório Técnico das Bancadas do Norte e Nordeste — 29 out. 11 h — Edif. Delta — D. F.
- Encerramento dos cursos de Pesquisas Bibliográficas — I. B. B. D.
- Solenidade de Formatura dos Alunos da Escola Superior de Viçosa — Minas — 12 de dezembro de 1957.
- Solenidade de formatura dos Veterinários da Escola Sup. de Veterinários de Minas — 9 de dezembro de 1957.
- Sesquicentenário do Marechal Luís Osório — 150.º natalício — 10 de maio de 1958 — Conv.

Rio de Janeiro, 20 de julho de 1958.

DEPARTAMENTO DE ENSINO

Para encarregar-se de todos os assuntos relativos ao ensino agrícola, dentro dos quadros administrativos da Sociedade e fora dele, houve por bem a Diretoria aprovar, em sua reunião de 19 de julho de 1957, a Resolução n.º 10, que estruturou esse novo órgão. Eis a íntegra da importante deliberação: "A Diretoria da Sociedade Nacional de Agricultura, tendo em vista, o n.º 4 da Resolução n.º 6, de 14 de junho de 1957, e para efeito do art. 37 dos Estatutos, tendo presente o trabalho elaborado pela Comissão de Planejamento criada para dar execução à Lei n.º 2.504, de 4 de junho de 1955, RESOLVE aprovar o seguinte:

REGULAMENTO DO DEPARTAMENTO DE ENSINO

Capítulo I

Das Finalidades

Art. 1.º. Ao Departamento de Ensino (D. E.) da Sociedade Nacional de Agricultura caberá a orientação e a coordenação de todas as atividades da instituição no setor de ensino, e especialmente:

- a) estudar as questões referentes a ensino e sobre as quais tenha de manifestar-se a Sociedade;
- b) opinar a respeito das atividades atuais e futuras da Sociedade, no que se refira a Escolas, Cursos e Semanas Ruralistas, bem como de outras, de cunho educativo ou escolar;
- c) apreciar e dar parecer sobre os relatórios organizados no D. E., ou a eles submetidos pelos diretores ou funcionários da Sociedade, dentro da matéria de sua competência;
- d) organizar planos de trabalhos, oferecer sugestões para a melhoria dos serviços atuais, e de outros a serem criados;
- e) promover e estimular a realização de estudos e programas atinentes ao ensino e à educação rural, sobretudo no Distrito Federal;
- f) prestar toda a assistência técnica aos diretores das Escolas, Coordenadores de Cursos e Executores de Acordos de que for parte a Sociedade; finalmente
- g) manter intercâmbio com as instituições congêneres do país, públicas ou privadas, em matéria de ensino rural, visando a organização de um amplo serviço de documentação da matéria.

Parágrafo único. Os trabalhos elaborados pelo D. E. só têm força estatutária e só serão executados após a sua aprovação pela Diretoria.

Capítulo II

Da Organização e Direção

Art. 2.º. O D. E. será constituído de membros permanentes (natos) e membros temporários, num mínimo de 8.

§ 1.º. São membros permanentes:

- a) o 1.º Vice-Presidente da Sociedade;
- b) o 1.º Tesoureiro;
- c) um Diretor Técnico;
- d) o Secretário Geral (art. 35, parágrafo único dos Estatutos);
- e) o Presidente ou representante da classe rural do Distrito Federal no Serviço Social Rural;
- f) os diretores dos estabelecimentos de ensino da Sociedade.

§ 2.º. São membros temporários, dois elementos do quadro social, livremente designados pelo Presidente do S. N. A.

§ 3.º. Haverá ainda dois suplentes, da mesma forma designados, que participarão dos trabalhos, no impedimento de qualquer dos membros, permanentes ou temporários;

§ 4.º. O mandato dos membros temporários, termina com o da Diretoria, e será renovado oito dias após a posse desta.

Art. 3.º. O 1.º Vice-Presidente da Sociedade é o Diretor do D. E. e o presidente das respectivas reuniões.

Parágrafo único. No seu impedimento, será ele dirigido e presidido pelo Diretor Técnico.

Art. 4.º. As reuniões serão convocadas pelo Diretor, realizando-se mensalmente uma ordinária, e tantas vezes extraordinárias quantas fossem julgadas necessárias.

§ 1.º. As decisões serão tomadas por maioria de votos, e das sessões serão lavradas atas, em livro próprio, fornecendo-se a cada membro presente ou ausente, cópia de um resumo das mesmas, bem como à Diretoria, na sua primeira reunião.

§ 2.º. O D. E. além do arquivo documental a que se refere a letra g do art. 1.º, terá arquivo e expediente próprios, obedecendo-se, no caso de expediente externo, a que estabelecem os Estatutos da Sociedade.

Art. 5.º. Para execução de suas tarefas, poderá o D. E. desdobrar-se, internamente, em Divisões ou Seções, tendo em vista o volume e a qualidade do trabalho, no momento.

Capítulo III

Disposições Finais

Art. 6.º. A matéria estudada ou resolvida no D. E., após sua aprovação ou conhecimento pela Diretoria, será — salvo conveniência de ordem administrativa — divulgada na A LAVOURA, constituindo-se numa de suas seções permanentes.

Art. 7.º. As reuniões do D. E. só poderão realizar-se com a presença mínima de 2/3 de seus membros, sendo como tais considerados os suplentes, em exercício.

Art. 8.º. Os casos omissos serão resolvidos pela Diretoria, e, para o funcionamento das sessões, obedecendo às disposições dos Estatutos do S. N. A.

Art. 9.º. No livro de atas da Comissão de Planejamento, extinta com a aprovação desse Regulamento.

to, serão lançadas, em continuação, as atas do D. E.

Art. 10. O D. E. entrará em funcionamento uma vez aprovado este Regulamento.

Rio de Janeiro, 19 de julho de 1957. (a) Arthur Torres Filho, Presidente."

CONSELHO SUPERIOR

Durante as reuniões realizadas no período, foram eleitos os restantes membros do Conselho Superior, ou seja, completado o Quadro de Sócios Titulares da Sociedade, que ficou assim constituído:

N.º	CADEIRA	OCUPANTE
1	ENNES DE SOUZA	— Arthur Torres Filho
2	MOURA BRASIL	— Alberto Ravache
3	CAMPOS DA PAZ	— Geraldo Goulart da Silveira
4	BARÃO DE CAPANEMA	— Kurt Repsold
5	ANTONINO FIALHO	— Luiz Marques Poliano
6	WENCESLÃO BELLO	— Antônio Arruda Câmara
7	SYLVIO RANGEL	— Ennio Luiz Leitão
8	PACHECO LEÃO	— Frederico Murtinho Braga
9	LAURO MULLER	— Valentim F. Bouças
10	MIGUEL CALMON	— Heitor Grillo
11	LYRA CASTRO	— Joaquim Bertino M. de Carvalho
12	AUGUSTO RAMOS	— Edgard Teixeira Leite
13	SIMÕES LOPES	— Luiz Simões Lopes
14	EDUARDO COTRIM	— Jayme Bernardes Cotrim
15	PEDRO OZÓRIO	— Paulo Simões Lopes
16	TRAJANO DE MEDEIROS	— Antônio José Alves de Souza
17	PAULINO CAVALCANTE	— Cynéas Lima Guimarães
18	FERNANDO COSTA	— Iris Meinberg
19	SÉRGIO DE CARVALHO	— Itagyba Barcante
20	GUSTAVO D'UTRA	— Oswaldo Ballarin
21	JOSÉ TRINDADE	— José Augusto B. de Medeiros
22	IGNÁCIO TOSTA	— Ignácio Tosta Filho
23	JOSE SATURNINO	— Fábio Luz Filho
24	JOSE BONIFÁCIO	— Mário Pentecoste de F. e Silva
25	LUIZ DE QUEIROZ	— Francisco de Assis Iglesias
26	CARLOS MOREIRA	— Alfredo L. de Ferreira Chaves
27	ALBERTO SAMPAIO	— Honório Monteiro Filho
28	NAVARRO DE ANDRADE	— José Carlos de Macedo Soares
29	ALBERTO TORRES	— Rômulo Cavina
30	SÁ FORTES	— Otto Frensel
31	THEODORO PECKOLT	— Oswaldo Lazzarini Peckolt
32	RICARDO DE CARVALHO	— Rômulo Joviano
33	BARBOSA RODRIGUES	— José Sampaio Fernandes
34	GONZAGA DE CAMPOS	— Sylvio Fróes de Abreu
35	AMÉRICO BRAGA	— José Assis Ribeiro
36	EPAMINONDAS DE SOUZA	— Moacyr Alves de Souza
37	MELLO LEITA O	— João Carlos Bello Lisboa
38	ARISTIDES CAIRE	— Milton Freitas de Souza
39	VITAL BRASIL	— Paulo F. de Parrelas Horta
40	GETÚLIO VARGAS	— Adamastor Lima

ESCOLA DE HORTICULTURA "WENCESLÃO BELLO" DE 1957 E 1.º SEMESTRE DE 1958

1957

Durante o ano de 1957, embora elevadas as dificuldades consequentes da elevação do custo de vida, funcionou, com regularidade, a Escola de Horticultura "Wenceslão Bello" mantida na Penha.

Matrículas: Os cursos permanentes, como nos anos anteriores, funcionaram sob regime de internato e os práticos agrícolas, sob regime de externato, ambos inteiramente gratuitos. Foi o seguinte o quadro geral de matrículas nos cursos pro-

fissionais de Hortelão, Fruticultor e Floricultor:

1.ª série	12 alunos
2.ª série	9 "
Total	21 "

A frequência às aulas em todos os cursos permaneceu alcançou o mais alto índice, para isso concorrendo o regime de internato, a procedência, as boas condições de saúde e a disciplina da maneira de viver a que se habituaram os alunos do Estabelecimento, sob o regime de autodisciplina.

Concluintes dos cursos profissio-

- 4 — Entomologia Agrícola
- 5 — Solos e Adubação
- 6 — Zoologia Agrícola
- 7 — Contabilidade Agrícola
- 8 — Botânica Agrícola
- 9 — Inseticidas e Fungicidas
- 10 — Cálculos e Medidas Agrárias
- 11 — Citricultura
- 12 — Reflorestamento
- 13 — Máquinas de Def. Sanit. Vegetal
- 14 — Enxertia
- 15 — Cultura de Raízes e Tubérculos
- 16 — Floricultura
- 17 — Administração de Propriedades Rurais

Para possibilitar a frequência de maior número de pessoas, estes cursos são ministrados aos sábados depois das 14 horas e aos domingos de 8 às 12 horas.

Dois fatos auspiciosos e de alta relevância para a vida da Escola foram registrados em 1957:

A consecução de recursos oriundos do orçamento Federal no montante de Cr\$ 2.040.000,00 para construção do Parque de Exposições que permitiu uma melhoria completa nas instalações do Estabelecimento e o "Acordo" celebrado com o Escritório Técnico de Agricultura Brasileira-Estados Unidos (ETA) em 19 de junho visando a execução de um programa de ampliação e reequipamento da Escola mediante o empréstimo de recursos combinados formando-se um "fundo conjunto" assim discriminado:

Escritório Técnico de Agricultura	Cr\$ 500.000,00
Sociedade Nacional de Agricultura	Cr\$ 750.000,00

Resultou do Acordo o Projeto 38 que contou ainda com US\$ 5.000,00 do ETA para impenção de material e Cr\$ 137.750,00 da CBAR.

Renda: A renda da Escola, proveniente da venda de produtos hortícolas, frutas, mudas e enxertos e ração, atingiu a Cr\$ 89.155,00.

Material fornecido pelo ETA: Foi entregue pelo ETA, por conta do auxílio em dólares uma camioneta Willis, tendo sido solicitado, para fornecimento no próximo ano 1 tractor "John Deer", 1 caminhão "Chevrolet" e um conjunto de irrigação por aspersão.

1958

Por designação da Diretoria da Sociedade Nacional de Agricultura assumiu, em 10 de fevereiro, as funções de diretor da Escola, em substituição ao Dr. Antônio de Arruda Câmara que solicitara exoneração, o agrônomo Cynéas Lima Guimarães que foi ainda indicado para dirigir o Projeto 38 oriundo do "Acordo" celebrado com o ETA mantendo-se neste ano os mesmos recursos do ano anterior para o Projeto.

Ensino. Cursos permanentes.

Movimento de matrícula: O movimento de matrículas nos cursos

nais: Nove alunos concluíram os cursos profissionais. A solenidade da conclusão dos cursos foi realizada no dia 7 de dezembro, em sessão presidida pelo Dr. Kurt Repsold, representante do Presidente do S.N.A. e com a presença do Dr. Alberto Martins Torres, Diretor Brasileiro do ETA.

Cursos Práticos Agrícolas: Foram realizados, em colaboração com a C. B. A. R., 17 cursos práticos agrícolas com a frequência de 422 alunos.

Os cursos realizados foram os seguintes:

- 1 — Defesa Sanitária Vegetal
- 2 — Multiplicação Vegetal
- 3 — Hortas Domésticas

permanentes de Hortelão, Fruticultor e Floricultor foi o seguinte:

1.ª série	27 alunos
2.ª série	13 "
Total	40 "

As aulas que só tiveram início em 7 de abril, prosseguem em seu ritmo normal tendo sido realizadas as 1.ª e 2.ª provas mensais.

Cursos Práticos avulsos: De 5 de abril a 29 de junho foram ministrados 9 cursos práticos nos quais matricularam-se 194 alunos assim distribuídos:

	Alunos
1 — Cálculo e medidas agrárias	24
2 — Cultura de raízes e tubérc. hort.	17
3 — Contabilidade Agrícola	12
4 — Organização de Pomares	41
5 — Adubação	19
6 — Inseticidas	17
7 — Hortas Domésticas	15
8 — Enxertia	33
9 — Máquinas de Def. San. Veg.	16
Total	194

Já se acham abertas inscrições para mais 10 cursos abaixo relacionados a se iniciarem em 5 de julho:

- 1 — Floricultura
- 2 — Cooperativismo Rural
- 3 — Zoologia Agrícola
- 4 — Defesa Sanitária Vegetal
- 5 — Solos e adubação
- 6 — Administração de Prop. Rurais
- 7 — Citricultura
- 8 — Inseticidas e Fungicidas
- 9 — Multiplicação Vegetal
- 10 — Restauração de Pomares

Produção:

Não só para atender ao programa educacional da Escola, como também para complementar a alimentação dos alunos e obtenção de renda, foi estabelecido o plano de produção do Estabelecimento para o corrente ano:

- a) Produção horticola;
- b) Produção frutícola, incluindo a produção de mudas e enxertos;
- c) Produção avícola — ovos, frangos e pintos;
- d) Produção de mudas de essências florestais e plantas ornamentais;
- e) Suinocultura;
- f) Apicultura.

Já está este programa em pleno desenvolvimento com a horta da Escola numa área de cerca de 6.000 metros quadrados produzindo alface, acelga, couve, chicória, tomate, salsa, cebolinha, repolho, alho poró, feijão de vagem ervilha. Ampliou-se o viveiro de "citrus" e de outras fruteiras de clima tropical, com mangueiras, jaboticabeiras, sapoti-zeiros, jaqueiras, jameiros, abieiros, nespereiras, ameixeiras, castanheiros, abacateiros etc. No viveiro de essências florestais encontram-se espécies de oiti, sibipiruna, casta-

Imperial, amendoeira, saboneteira, flamboyant, cipóira, e organizou-se o viveiro de plantas ornamentais, incluindo-se enxertos de roseiras.

O aviário já conta com 100 frangos em início de postura e na poçiga com 14 cabeças das raças carruncho e duroc.

Renda: Até o mês de junho a renda da Escola proveniente de produtos hortícolas, enxertos, mudas e ração foi de Cr\$ 30.000,00.

Equipamento: Por conta do auxílio em dólares conforme previsto nos contratos com o ETA recebeu a Escola um trator John Deer devendo receber ainda no princípio do 2.º semestre um caminhão Chevrolet e um congelador de 20 pés cúbicos.

Assistência Técnica: Foi também solicitado ao ETA a vinda ao Brasil de um técnico americano especialista em horticultura de verão, a fim de ministrar cursos sobre assuntos de sua especialidade aos professores da Escola e a agrônomos e técnicos agrícolas.

A fim de possibilitar a instalação de um conjunto de irrigação por aspersão para hortas, foi solicitado ao ETA a colaboração de um técnico especialista que procedeu aos estudos necessários relacionando o material que, para aquele fim, deverá ser importado através do auxílio em dólares.

Rio de Janeiro, 1 de julho de 1958.

PUBLICAÇÕES

Foi publicado o 3.º volume de Problemas Agrícolas, que compreende artigos na imprensa especializada do país do Presidente da S. N. A.

Também veio a lume o trabalho do Secretário-Geral, Luiz Marques Pollano, sobre a Casa da Agricultura, no formato in-4.º, ilustrado, com 74 páginas, e cuja distribuição, foi iniciada.

Temos em impressão o trabalho do Sr. Itagyba Barçante sobre "Situação e Crédito Agrícola no Brasil".

LEGISLAÇÃO AGRÍCOLA DO BRASIL

Por proposta do Secretário-Geral, a Diretoria resolveu organizar em continuação a idêntico trabalho que publicou em 1908, a Legislação Agrícola do Brasil a partir daquele ano.

Picaria, assim, completa a série, de 1808 a 1958, quando o país comemorou o sesquicentenário da chegada, ao Brasil, do Príncipe Regente, depois Rei D. João VI, e de importantes empreendimentos aqui realizados na época.

Foram designados para organizar o trabalho o autor da proposta e o Sr. Itagyba Barçante.

CENTENÁRIO DE NASCIMENTO DO DR. EDUARDO AUGUSTO TORRES COTRIM

A Diretoria da Sociedade Nacional de Agricultura patrocinou as comemorações do centenário de nascimento de seu antigo vice-presidente, Dr. Eduardo Augusto Torres Cotrim.

No dia 15 de outubro de 1957 realizou no seu auditório uma sessão solene, com presença de altas autoridades como representantes do Sr. Presidente da República, do Sr. Ministro da Agricultura e do Sr. Prefeito do Distrito Federal, cabendo ao Vice-Presidente Edgard Teixeira Leite, falar na ocasião, em nome da Diretoria.

Comemorando a efeméride, cunhou a Sociedade Nacional de Agricultura uma artística medalha, trabalho do gravador Francisco Gomes Marinho.

Participou ainda a S. N. A. das solenidades levadas a efeito em Resende, nos dias 18 e 19 de outubro, as quais compareceram e discursaram em nome da Diretoria, o Secretário-Geral Sr. Luiz Marques Pollano e o 3.º Secretário Itagyba Barçante.

(Conclusão da pág. 24)

mento de produtos veterinários da Cyanamid International, divisão da American Cyanamid Company. Sua visita a Hespanha fez parte de um tournee de estudos pela Europa com o propósito de se inteirar acerca dos últimos acontecimentos no campo veterinário bem como descrever a seus colegas científicos as contribuições norte-americanas tais como o Malathion, inseticida a base de fosfato orgânico que combate eficazmente uns 100 insetos, entre os quais os parasitas externos que afligem os animais, e também as vacinas a base de vírus vivos.

Seja um
assinante de
"A Lavoura"



em qualquer época, os tratores e implementos

OLIVER

são imprescindíveis ao agricultor!

Os tratores e implementos OLIVER, famosos pela sua durabilidade, simplicidade de construção, facilidade de manejo e do seu excepcional desempenho, são os preferidos nas fazendas brasileiras.

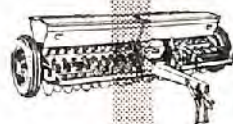
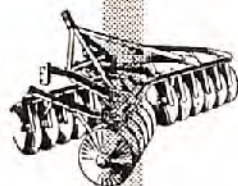
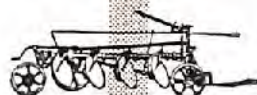
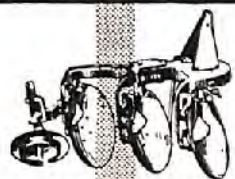
Executando as mais árduas tarefas agrícolas com o máximo de rendimento, os tratores e implementos OLIVER asseguram considerável economia de tempo e dinheiro.

Modelo	OC - 6	OC - 12
Motor	Diesel	Diesel
Força na barra de tração em HP	34,74	53,05
Força na polia em HP	37,4	58,00

MESBLA

PEÇA NOSSOS
FOLHETOS

RIO DE JANEIRO — SÃO PAULO — PORTO ALEGRE — B. HORIZONTE
RECIFE — SALVADOR — PELOTAS — NITERÓI — VITÓRIA — MARILIA



S/A I.R.F.M.



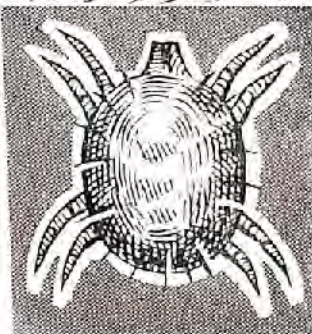
Inseticidas SALVAÇÃO E BHC



BROÇAS



PERCEVEJOS



ÁCAROS

use contra
*no algodoeiro
e no cafeeiro*